



UM DIA DA MINHA VIDA
Bobby Sands

Tradu om: Patr icia A. Janeiro



estaleiroeditora.

UM DIA DA MINHA VIDA

UM DIA DA MINHA VIDA*

Bobby Sands

*Traduom, introduom e notas de Patrcia A. Janeiro

Bobby Sands,
Estaleiro Editora, 2011

Associação Cultural Estaleiro
estaleiroeditora@gmail.com
www.estaleiroeditora.org

Tradução, introdução e notas:
Patrícia A. Janeiro

Revisão e correção:
Marcos Abalde
Carlos Diegues

Desenho e paginação:
Nadina B. S.

Depósito Legal:
ISBN:

Impresso em: Sacauntos



É livre para copiar, distribuir, exibir e executar a obra,
sob as seguintes condições:



Atribuição. A utilizadora deve dar crédito à autora original,
da forma especificada pela autora ou licenciante.



Partilha nos termos da mesma Licença. Se alterares, transformares
ou criares outra obra com base nesta, só poderás distribuir a obra
resultante através de uma licença idêntica a esta.



Uso Não-Comercial. Não podes utilizar esta obra para fins
comerciais.

Limiar / **9**

Um dia da minha vida / **17**

A cotovia canta o seu triste cantar.

Dous artigos / **111**

Diário / **119**

Notas / **151**

Limiar

*Do rio que todo arrasta di-se que é violento
mas ninguém chama violentas às margens
que o comprimem.*

BERTOL BRECHT,
no poema *Sobre a Violência*

Existe umha justificação perversa nos sistemas penitenciários ocidentais, que nega o objetivo punitivo das penas e proclama a reinserção social como o fim último do sistema carcerário. Quando um Estado se nega a reconhecer os presos políticos está, entre outras cousas, obrigando estes prisioneiros a trair os seus ideais e renegar da sua pátria com o falso pretexto da «reinserção», já que o arrependimento polos factos julgados é umha condição indispensável para se acolher aos benefícios penitenciários.

Deste jeito, quando o Estado ocupante, seja o britânico, o espanhol ou qualquer outro, lhe nega o status político a umha pessoa presa e a integra no sistema, o que na realidade está a fazer é pedir a esta combatente que cometa um crime considerado do mais vil em qualquer guerra: que traia os seus ideais e se passe às linhas inimigas.

O que Bobby Sands e os seus colegas dos Módulos H figérom durante o tempo todo que durou a sua reclusom na prisom norte-irlandesa de Long Kesh foi o que faria qualquer soldado capturado, resistir ao inimigo.

O 1 de março de 1976, o governo britânico —liderado na altura pola conservadora Margaret Thatcher— decidiu deixar de respeitar o status de prisioneiro de guerra (POW, em inglês) e trair o seu próprio código de honra: a partir desse momento, o exército da Sua Majestade já nom trataria como combatente o inimigo caído, senom que lhe pedia diretamente que desertasse e se mudasse de bando. Até esta data, o governo britânico tinha um acordo com o IRA Provisional, mercê ao qual se respeitava o caráter político dos prisioneiros (*Special Category Status*) e os presos republicanos enclausurados nos cárceres de Long Kesh (homens) e Armagh (mulheres) tinham a sua própria organizaçom dentro da prisom. Ao quebrar este acordo, Inglaterra passou a considerá-los presos «comuns», apesar de as suas condiçoms estarem muito longe de ser as dos presos sociais, e fõrom habilitados módulos especiais para os recluírem, ditos «Módulos H» pola sua estrutura.

Neste novo complexo, também conhecido como *Maze* (labirinto), os prisioneiros estavam isolados do resto do cárcere, mesmo dos colegas republicanos capturados antes da aboliçom do status político. A tortura estava sistematizada como mais umha das tarefas diárias dos funcionários: em *Um dia da minha vida*, Bobby Sands relata apenas umhas poucas horas do seu cativoiro, desde o orto até o ocaso de um dia de Inverno, e os espancamentos começam de ma-

nhá cedo, com a primeira troca de cela —um exercício de humilhação que os funcionários chegavam a perpetrar até várias vezes ao dia, com o pretexto de registarem as celas na procura de objetos proibidos— e continuam ao longo das insofríveis horas, durante as refeições consistentes em pouco mais que chá morno e pan resseco, a entrega do correio e a saída ao pátio para acudir ao pavilhão das visitas, o que só acontecia umha vez ao mês, e sempre que o prisioneiro nom estivesse completamente isolado no Módulo de Castigo.

Para protestar contra a brutalidade dentro da prisom, em setembro de 1976 começou o *blanket protest* (protesto do cobertor): no 15 de setembro Kieran Nugent, de dezoito anos, ingressou em Long Kesh como primeiro preso republicano sem status político e negou-se a utilizar o uniforme da prisom; os funcionários despírom-no e deixárom-lhe só os cobertores para se cobrir. A finais de março de 1978, os presos negárom-se a sair da cela para tomar a ducha com o fim de evitar a violência dos funcionários, o que deu lugar à *no-wash protest* (greve de higiene), que abandonárom durante as greves de fome para minimizar as condições de insalubridade na qual as suas defesas se poderiam debilitar mais rapidamente.

Em outubro de 1980, sete presos começárom umha greve de fome para reivindicarem os seus direitos e exigirem o reconhecimento como presos políticos. As suas demandas eram:

1. O direito a nom vestir o uniforme da prisom.
2. O direito a nom levar a cabo os trabalhos da prisom.

3. O direito de associação com outros prisioneiros e de organização de atos educativos ou recreativos.
4. O direito a receber umha visita, umha carta e um pacote por semana.
5. A completa restauração do seu direito de redução de condenação, que perderam por causa do protesto.

Em meados de dezembro de 1980 havia mais de 30 presos e presas de Long Kesh e Armagh em greve de fome. O governo britânico viu-se pela primeira vez acurrulado pela opinião pública, dentro e fora do país, e negociou umha saída para a greve utilizando como mediadores o cardeal Tomàs O'Fiaich e ao bispo de Derry Edward Daly. No 18 de dezembro, os presos aceitárom suspender o protesto quando um dos participantes, Sean McKenna, estava já às portas da morte. Depois disso, o governo retratou-se e os presos e presas voltárom a sofrer os abusos dos anos anteriores.

Nestas condições, os prisioneiros de Long Kesh iniciárom umha nova greve de fome o 1 de março de 1981, desta vez dispostos a nom se deixarem enganar polo governo nem polos seus emissários. Declarárom que levariam este protesto até as suas últimas consequências e que estavam dispostos a morrer um atrás do outro até atingirem as suas demandas. O governo britânico assumiu entom umha macabra estratégia: negou-se a negociar com os prisioneiros, pese ao oferecimento de diversas personalidades e organismos internacionais como a Cruz Vermelha ou a Comissom Europeia, e decidiu aguardar impassível a que os grevistas

se fossem debilitando física e mentalmente até chegarem à morte.

Antes de morrer, Bobby Sands deixou testemunho no seu diário dos 17 primeiros dias desta greve. Do mesmo modo que ele se adapta às novas condições e se prepara para o que vir, também os seus captos aperfeiçoam as técnicas de tortura: agora já nom fai sentido guindar dentro da cela um naco de pam balorento e um copo de chá, agora os funcionários apresentam-se à hora de cada refeição com umha bandeja desbordante de comida quente e sobremesas gorentosas. Longe de o amedrontar, estas amostras gratuitas de mesquindade parecem afirmar a Sands nas suas convicções, e nas primeiras anotações deste diário analisa, com umha lucidez inusitada, a sua situação e a dos seus colegas, comenta o que lê na imprensa e o que discute com o padre Murphy, autorizado a visitá-lo na prisão, e nom deixa de lembrar-se dos seus.

Junto com o diário, o relato *Um dia da minha vida* é umha descrição singela e sincera de centos de malheiras, humilhações, tortura física e psicológica e porém nada disso os converte num panfleto nem numha história lacrimosa do estilo das obras de ficção criadas à volta dos presos dos Módulos H. Bobby Sands descreve as suas condições de vida de um modo tam simples e cru como estarrecedor e nom há espaço para matizes nem exagerações porque as cousas eram o que eram: viver entre excrementos e comida podre, e dormir despido numha cela gélida, coberta de larvas. Nestes escritos, com certeza, o papel que jogam os funcionários fai que nos reformulemos a natureza bonda-

dosa do ser humano, mas o primeiro que surpreende do relato é a sua beleza.

Bobby Sands contava com muito pouco papel para escrever as suas notas (normalmente pedaços de papel higiénico ou páginas tiradas da Bíblia) e valia-se de umha recarga de tinta escondida no seu ânus. Desta mesma maneira era como conseguia passar as suas anotações ao exterior. Nestas circunstâncias decidiu que pagava a pena que o mundo conhecesse não só a precariedade das suas condições, mas também a beleza das cousas que passariam despercebidas para qualquer pessoa livre. Quase ao começo de *Um dia da minha vida*, Sands tem tempo para se deter a falar dos pássaros que vê pela janela do pátio. A única conexão que tem com o mundo exterior é essa fiestra minúscula na parede do módulo, da qual se enxergam apenas o pátio nevado e o aramado que rodeia esta secção especial da prisão de Long Kesh; por isso, surpreende tanto a delicadeza e a poesia de alguns parágrafos. Ele não era um escritor, e parece impossível tirar poesia de umha cela fedorenta entre montes de lixo e excrementos, e assim e todo Bobby Sands consegue comover-nos simplesmente falando das lavadeiras que jogam no pátio, ou com a retranca com que descreve a sua situação, mesmo quando está nas últimas (numha das últimas anotações do diário, durante a greve de fome, o preso comenta: *Hoje reparei numha cousa curiosa: agora trazem doce de frutas com o chá e, pelo jeito que tenhem os carcereiros de olhar para ele, seica lhes fai muita mas falta a eles do que a mim.*). Qualquer um pensaria que essas condições infra-humanas embruteceriam

a mais educada das pessoas, e aqui está um operário de Belfast de só 27 anos para nos bater no estômago com umha lição de dignidade.

Na introdução à edição irlandesa de *Um dia da minha vida*, o político e prêmio Nobel da Paz, Sean McBride explica que a morte em greve de fome de Bobby Sands e os seus nove colegas foi para todo o povo irlandês umha tragédia. O resto do mundo fiço-se eco da notícia, os cabeçalhos dos jornais estado-unidenses e europeus analisaram as consequências que a morte dos combatentes tinha para o IRA e para o governo britânico, organizárom-se concentrações, vigílias e atos de protesto, e pouco a pouco todas as vezes fôrom esmorecendo até que a luta de Bobby Sands ficou reduzida a umha foto que os turistas se fam diante de um mural descascado em Belfast.

Quase trinta anos depois destas mortes, a dita «opiniom pública» nom pertence à cidadania, mas aos governos e aos meios de comunicação, que aconselham prudência, moderação e tolerância; a solução à crise económica global parece ser a prática cristá de oferecer a outra face perante a banca, e qualquer povo que reclame o seu direito à soberania é acurrulado e lapidado publicamente como extremista, insolidário e, pior que todo isso, anacrónico. Neste contexto, o testemunho de Bobby Sands supom um balde de água fria para aqueles que optam por esquecerem ou ignorarem o passado, e umha leitura necessária para compreendermos a história da luta na Irlanda do Norte. Aliás, o público contemporâneo encontra nas suas palavras a descrição simples, crua e tam necessária, do que significa

ser um prisioneiro político, um conceito que os dicionários das democracias ocidentais atribuem a outros tempos ou a outras latitudes.

A primeira vez que li *One day in my life*, antes de o traduzir, figem-no de umha tirada e durante as noites seguintes tive pesadelos sobre o que acabava de ler, por isso na hora de traduzir o texto, a primeira pergunta que me figem como leitora foi se era necessário, dum ponto de vista atual, ler este livro. Penso que para o público galego pode ser especialmente interessante pola simpatia que desperta a luita irlandesa e a figura de Sands entres nós. Mas para além disso, da mitologia celtista e da foto obrigada diante do mural de Belfast, as palavras de Bobby Sands som necessárias porque continuam a estar de atualidade, nom só por dar conta das torturas e injustiças dos cárceres imperialistas, mas polo outro que contam, pola liçom de resistência e dignidade de um povo que, como o nosso, se nega a ser esquecido.

PATRICIA A. JANEIRO
14 de dezembro de 2010

Um Dia Da Minha Vida

Quando acordei ainda era noite e neviscava. Penso que nom conseguimos dormir mais do que umha hora em toda a longa, insone e tortuosa noite. O frio era intenso, penetrava no corpo despido. Mudei de lado mais umha vez, apertando os cobertores contra o meu corpo. O sono que o frio me arrebatara pesava sobre mim, deixando-me canso e apampado. Estava um pouco exausto e todos os ossos do meu corpo pareciam protestar por terem de passar mais umha noite num colchom de espuma enchoupado no chao. Nem falar de dormir outra vez. Estava frustrado, anojado e encolhido como umha bola para entrar em calor. Se tiver algumha cousa para golpear, faria-o com força. Experimentara a deitar-me em todo tipo de posiçons para aquecer, mas nom dava tornado o frio. Os meus três cobertores nom podiam nada contra o frio cortante que entrava silandeiro polas barras da janela situadas justo sobre a minha cabeça.

Meu Deus, um novo dia, pensei, mas não como louvor. Despido, ergui-me e cruzei a cela nas sombras para mijar no recanto. Morria com o frio. Chegou-me o cheiro e recordou-me a minha situação, o piso estava húmido e pegajoso em alguns pontos. Havia pilhas de lixo estradas pela cela e na escuridão figuras tenebrosas que me berravam desde as paredes sujas e mutiladas. O cheiro de excrementos e mijos era forte e abafante¹. Apanhei a garrafa de água dentro do lixo e tentei dar o primeiro golo do dia, num vão esforço por anular o sabor nojento da minha gorja. Senhor, estava congelada.

Começava a clarear fora à medida que se fazia dia e os corvos juntavam-se em fileiras pretas sobre o arame farpado coberto de neve. Umha manhã vou acordar deste pesadelo, pensei, enquanto me envolvia outra vez nos cobertores. Além do grasnido dos corvos, todo ficava sinistramente quieto. Estava certo de que muitos dos companheiros estavam despertos, provavelmente encolhidos debaixo dos cobertores tentando entrar em calor. A ideia de papas de aveia frias e insípidas com duas fatias de pão e um copo de chá morno para almoçar era deprimente. Desmoralizava já só o facto de pensar nisso.

Amanheceu e dentro das trevas da noite morta materializou-se o pesadelo diurno. A sujidade e o lixo, as paredes rabunhadas — os lindes da minha tumba fedorenta — receberam-me com o novo dia. Continuei deitado a escutar a minha própria respiração e os grasnidos dos corvos.

A neve estava muito alta no pátio. Bem o sabia, passara meia noite acurrunchado debaixo dos cobertores enquanto

entrava pelas grades da minha janela para aterrar na minha cama. Com a primeira luz do dia começou a chegar o aborrecimento. O dia que principiava ia parecer umha eternidade e a depressom de seguida voltaria a ser a minha companheira. Continuei ali deitado, congelado e incómodo, a sentir mágoa de mim mesmo e com a cabeça a lhe dar voltas à perspectiva de um dia inteiro pola frente.

Umha chave tilintou contra o aço. Vários passos achem-se polo corredor ao galope, rachando com o silêncio. Os corvos voárom num estourado de grasnidos. A minha mente esforçou-se em descifrar o significado da alarmante confusom. O pânico apoderou-se de mim enquanto a pesada porta de aço tremia e se abria de golpe. Umha maré de uniformes pretos inundou a cela, bloqueando o espaço da porta. Umha voz brutal e intimidadora berrou: «Tu, ergue-te!»

Antes que a última sílaba saísse da sua boca de paifoco, já me estava a pôr em pé e a envolver a toalha azul esfianhada arredor da minha cintura, sem deixar de tremer.

Por toda a galeria começou-se a escutar «Mouros na costa²!» à medida que os que estavam despertos e alerta pola invasom avisavam o resto dos companheiros de que havia carcereiros³ na galeria.

Alguém berrou «troca de cela», deixando claro o que me aguardava.

—Tu, sai fora e vai até o princípio do corredor, bulindo —soltou-me o paifoco. Saim da cela, o corredor estava inçado de homens uniformados com as porras a pendurar do cinto.

—Nom buliche avondo!

Dous pares de maos fortes agarrárom-me polos ombros, retorçêrom os meus braços para atrás e levantárom-me no ar. Umha massa de uniformes pretos engoliu-me com um movimento súbito e levou-me arrasto. Quando me voltárom a deixar no chao, um par de botas de couro preto das que usavam os oficiais chantárom-se nos meus pés. Um dos carcereiros da barafunda deu-me umha pancada numha coxa. Tivem vontade de vomitar e de berrar, mas fiquei mudo. Diante de mim enxerguei umha mesa e por volta dela meia dúzia de carcereiros a me fitarem. Era a sua primeira presa. Deixárom-me no meio daquela horda que aguardava um sinal do seu capitám.

—Vamos! —berrou o auto-proclamado tirano —Tira a toalha e dá meia volta. Dobra-te para a frente e toca as pontas dos pés.

Tirei a toalha, virei-me e fiquei ali, humilhado e despidido, com todos os olhos a inspecionarem o meu corpo.

—Esqueceche umha cousa —dixo o capitám.

—Nom esquecim —soltei, sentindo-me afoutado por um momento.

—Dobra-te, porco! —murmurou entre dentes, numha voz que denotava que se estava a esgotar a sua paciência.

«Aí o vem» Pensei.

—Nom quero, nom me vou dobrar —dixem.

Soltárom todos umha risada forçada, enquanto me insultavam e me sacudiam.

—E di que nom se dobra! —o cabrom escachava a rir —Nom se dobra! Ah! Ah! Nom quer, meus —dirigia-se à barafunda já impaciente.

«Meu Deus, aí o vem».

Sem deixar de rir, pujo-se à minha beira e bateu-me. Em poucos segundos, entre lôstregos brancos, caim ao chao sob umha chuva de golpes que chegavam por toda a parte. Levantárom-me de novo e lançárom-me como um saco de patacas contra a mesa, de boca para baixo. Várias maos pegárom nas minhas extremidades, estendendo-as como se fosse umha pelica de couro. Um deles puxava o meu cabelo para trás enquanto outro pervertido explorava o meu ânus com o dedo.

Para eles era umha festa, todos riam às gargalhadas enquanto golpeavam o meu corpo despido. Eu retorcia-me de dor. Agarravam-me cada vez mais forte, enquanto cada pancada encontrava o seu objetivo no meu corpo. Tinham-me a cabeça esmagada contra a mesa, que se cobria de sangue baixo a minha cara. Estava malferido e atordado. Tirárom-me de cima da mesa e deixárom-me cair ao chao. A minha primeira reação foi recolher a toalha do chao e voltá-la a pôr arredor da minha cintura inchada. Apanhárom-me de novo polos braços e arrastárom-me até o outro extremo do módulo. Podem ver outro dos meus companheiros, ao que estavam a empurrar para a mesa, e escuiteri como tiravam outro mais da sua cela. A porta de umha cela abriu-se e empurrárom-me dentro. Fechárom a porta de golpe e eu fiquei deitado no chao de cimento, com o coração acelerado e os nervos à flor da pele. Podia ter sido pior, tentei consolar-me, mas isso nom me convenceu em absoluto, nem tampouco ao meu corpo malhado.

O frio fijo que me erguesse do chao. Cada parte do meu corpo protestava enquanto me punha em pé lentamente.

Um regueiro de sangue correu pola barba desde a boca e começou a pingar no piso. Tinha a pele condecorada de maçaduras e tremia. Nem sequer me dera tempo a ter medo de tam asinha como fora todo. Graças a Deus que nom estava a dormir quando chegárom.

Havemos de apanhar esses cabrons mais cedo ou mais tarde, dizem para mim. Já veremos o valentes que som, pensei, enquanto cuspia o sangue que tinha na boca.

Já veremos o valentes que som.

Comecei a dar voltas. O frio entrava pola janela aberta e penetrava o meu corpo coberto só pola toalha. Meu Deus, que malhado estava...

Andavam a arrastar mais corpos pola galeria.

Os cabrons do caralho berravam como possessos, faziam escárnio do sangue e a dor, o nosso sangue e a nossa dor, é claro. Deus sabe quanto tempo havia de passar até se decidirem a dar-nos um cobertor. Umha cela nua e gelada, o corpo congelado e espancado, com a pele azul e preta, do outro lado da porta um feixe de psicopatas a malharem em homens despídos... e ainda nom era a hora do almoço!

Jesus, poderia ser pior? Depressa me respondim: sabe-lo bem. E isso preocupava-me muito.

Continuei a dar voltas pola cela ignorando a dor que isso me provocava e tentando entrar em calor. Tinha os pés azuis do frio, pensei que estava a pique de sofrer umha hipotermia. Estava-me a passar a comoçom, mas a dor e o frio eram implacáveis.

A neve começara a cair outra vez e já nom havia corvos sobre o aramado. Alguns companheiros estavam assomados às janelas das suas celas no final do corredor e falavam do que lhes acabavam de fazer e das suas feridas.

Sentim o ruído do carrinho que se aproximava: estava a chegar o almoço, mas ainda nom trouxérom os colchons nem os cobertores. «Quando abrirem a porta, nom esqueças reparar em que guardas estám de serviço hoje», dizem para mim. Podíamos estar tranquilos um bocado, depois do desta manhã... A minha porta abriu-se. Com um gesto de nojo nas caras pouco asseadas, os zeladores deixárom-me a comida nas maos: um copo de chá numha e umha cunca de papas com duas fatias de pam na outra.

Um tipo baixinho com cara de rata e umha gorra preta que estava apoiado na porta achegou-se. Com um sorriso falso dixo:

—Bom dia! Vás querer pôr o uniforme da prisom, fazer os trabalhos, limpar a cela, lavar-te ou limpar as minhas botas...? Nom? Muito bem, daquela já veremos...

Fôrom embora batendo a porta.

—Cabrons! —rosnei e fum para o recuncho a examinar a segunda catástrofe do dia, o almoço.

Pesquei as duas fatias de pam dentre as papas grumosas, aproveitei a parte seca e lancei o resto, com as papas e todo, contra a parede. Dava-me nojo, tivem de forçar literalmente a boca para aguentar dentro os pedaços miseráveis de pam e o chá morno. Ia um frio do demo, tanto que entre um grolo e outro tinha que continuar a caminhar. Pensei nos três guardas que estavam do outro lado da porta quando

me trouxérom o almoço. Eram *A*, *B* e *C*, justo o que mais me apetecia: três autênticos torturadores que iam botar aqui todo o dia. Estupendo.

O guarda que acabava de falar comigo era *A*, desapiadado, arteiro e inteligente quando se tratava de torturar homens indefesos. Ele nom usava a tortura física, apenas um trabalho exclusivamente psicológico e jogos astutos. Parecia saído do campo de concentração de Belsen e, como a maioria dos guardas, achava grande satisfação em humilhar os prisioneiros de guerra. Tinha-se de sentir sempre o mais importante. E entom nom eram todos assim, desde o momento em que se punham os uniformes pretos de botons brilhantes e apanhavam a porra e a pistola?

O segundo guarda que vira era *B*, um fanático de compleiçom média, moreno, bem-parecido e cheio de energia. Quando estava bêbado era muito hábil com a porra, malhava sobretudo nos rapazes novos, para ele era umha prática habitual. O último guarda, provavelmente o pior, era *C*. Odiava-nos mais ainda do que o cabrom racista de *B* e fazia o impossível por demonstrá-lo. Nunca sorria e só falava para fazer comentários ofensivos ou insultar. Estava frustrado com a sua vida e a nós tocava-nos padecê-lo. Três autênticos filhos da puta. Maldixem o frio, o meu corpo doente e as cambras causadas pola fame, que nunca me abandonavam.

Retomei a minha viagem sem fim, caminhando em círculos pola cela como umha rato de laboratório. Detinha-me de vez em quando, por um segundo ou dous, a descifrar os nomes gravados na porta e nas paredes, singelo teste-

munho e recordo de outros que estiverom e ainda estavam nas mesmas condições do que eu. Daqueles nomes parecia desprender-se toda a carragem dos que os gravaram, de outros que também conheceram as torturas. Tinham todo o direito a estarem raivosos. Fum-me movendo para ler as frases e as palavras escritas a traços irregulares no nosso idioma, reparando no muito em que os companheiros de outras galerias estavam a progredir com as lições de gaélico.

Aulas de gaélico. Soava mais bem raro e abofé que o era. Na realidade, significava aproximar-se da porta da cela para escutar um companheiro, o professor, que do fundo do corredor gritava a lição do dia o mais alto que podia, depois de que os guardas se fossem jantar ou cear.

Continuei a caminhar. A geada nom remetia. Se nom arranjava uns cobertores em breve ia ter problemas. No entanto, sabia que nom devia pedi-los, aprendera essa lição havia tempo. Mostrar o mínimo signo de debilidade significava cavar a tua própria sepultura. Além disso, havia outros quarenta e três companheiros naquela galeria que estavam nas mesmas condições.

«Deixa de choromicar e tenta entrar em calor», repreendim-me por jogar perigosamente com a autocompaixom e por me recriar demasiado pensando nas minhas privaçons. Continuar por esse caminho só me levaria à depressom e a depressom era muito pior do que o frio e a dor juntos.

Voltei a centrar os meus pensamentos na comida. Sexta-feira, tocava peixe. Peixe, patacas frias e chícharos duros. Sempre ficava a lene esperança de que desta vez a comida chegasse quente e com um pouco de sal, nom sei porquê, na

verdade, até o de agora isso nunca acontecera. Se quadra, era só algumha cousa em que pensar, algumha cousa que podia aguardar com verdadeira emoçom, como quando pensas que vás ganhar nas corridas de cavalos ou à lotaria. Tivem de admitir que seria bem mais doado ganhar nas corridas. A nossa existência consistia em mais nada que procurar sobreviver entre umha comida repugnante e fria e a seguinte, criando-nos falsas esperanças e aferrando-nos ao mínimo ruído que escuitávamos. *Scéal, scéal, scéal!* A palavra que usamos em irlandês para nos referirmos às novas era tam pronunciada no módulo que mesmo os guardas a usavam.

«Tendes algumha *scéal*?»

«Escuitache outra *scéal*?»

«Hoje tenho *scéal* tristes, más, ótimas...»

Era compreensível. Tínhamos de ter qualquer cousa que esperar ou em que cavar, qualquer cousa que escutar ou a que poder aferrar-nos. Era incrível como umha *scéal* insignificante mas boa podia animar a toda a galeria. Como a vez que soubemos da marcha de Coalisland a Dungan-non⁴ e um dos companheiros trouxe a notícia de quantas pessoas participaram, junto com umha foto que lhe passaram às agachadas numha visita. Botara a chorar e estou certo de que a muitos outros lhes aconteceu o que a mim. Nom o hei de esquecer na vida. Estava a viver um pesadelo, sem poder ver nunca umha cara amiga e quando chegou o meu turno, olhei a foto e sentim que era o momento mais feliz da minha vida. Continuei a olhar umha e outra vez e quigem ficar com ela para sempre. Essa gente sim que era

valente, sentim-me orgulhoso de lutar por eles. Só de o pensar ainda se me pom um nó na garganta.

Meu Deus... se nom for tanto frio e nom me sentir tam mal, poderia tentar cantar umha cançom para passar o tempo, mas nom tenho o ânimo nem as condições físicas para o fazer...

Ninguém falava pola janela. Estávamos demasiado ocupados caminhando pola cela e lambendo-nos os ferimentos.

«Mouros na costa!» berrou alguém, avisando de que havia um guarda no módulo. Aquela era a expressom que usávamos quando escuitávamos o tilintar de umha chave, o ruído de umha bota contra o piso de cemento ou quando enxergávamos umha sombra a passar, qualquer sinal que revelasse a presença de um carcereiro. Colei-me à porta e pugem o olho na fenda entre esta e a parede. Já reparara antes nela e, tal como esperava, oferecia-me umha vista limitada mas útil de um pedaço do corredor. Divisei primeiro umha sombra, depois a figura de A, de sobra conhecida. Tinha na mao algumas cartas e uns pacotes de lenços de papel.

—Carcereiro a repartir cartas!! —gritei em gaélico com toda a voz que tinha na gorja. Era um jeito de acalmar os meus nervos acelerados. O A deu um chimpó. A minha voz rachando o silêncio surpreendera-o, mas continuou com o que estava a fazer. Era normal pôr-se a gritar quando descobríamos o que estava a passar-se no corredor, permitia que os outros também o soubessem. Nom há nada mais estressante e terrível que estar sentado, despido, atrás de umha porta, sem saber o que vai acontecer quando o perigo espreita. E nas condições em que nós achávamos, o perigo espreitava constantemente.

Os carcereiros nom gostavam de que gritássemos em gaélico no módulo nem de que o usássemos nas nossas conversas. Isolava-os, fazia-lhes sentir estrangeiros e mesmo os envergonhava. Nom sabiam o que dizíamos. Suspeitavam que estávamos a falar deles e nom andavam desencaminhados.

Retomei o meu passeio a nengures. Quando ia para a janela, umha chave tocou contra o metal. Notei um calafrio enquanto a fechadura se movia e a minha porta se abria. O A sustinha um par de caixas de lenços e algumas cartas.

—Tenho um pacote para ti —rosnou com o seu sotaque nojento a me fitar com o seu ar de «som melhor do que tu».

Um pacote. Um par de caixas de Kleenex.

—Tés sorte, és o único que recebeu um pacote hoje —dixo.

Deus! Dava-me vontade de vomitar. Eis A, o psicólogo em açom. Lendo-me como um livro aberto, acrescentou:

—Por que nom pós o uniforme da prisom para poderes desfrutar de alguns privilégios?

Apetecia-me dizer-lhe por onde podia meter os seus condenados privilégios e de passagem o pacote, mas os lenços de papel podiam ser úteis para aguentar descalço sobre o chao gelado.

Mantém a calma, Bobby, pensei, enquanto me tendia umha caneta Parker para assinar a guia de remessa do pacote. Encantava-lhe, fazia como se estivesse a assinar um contrato por um milhom de libras em troca de três putas caixas de lenços. Também tinha umha carta para mim. Reparara nela havia tempo, mas ele continuava a aguardar a que lha pedisse. Nom o figem. Ignorei-no. Ele voltou a meter a sua caneta de marca no peto da camisa, sorriu e

comentou alguma coisa sobre o cheiro do meu corpo de-sasseado e a peste da minha cela fedorenta. Virou-se para fechar a porta de aço da cela.

—Oi —dixo —tenho umha carta para ti.

Estendeu-ma. Apanhei-na das suas maos e protegim-na contra mim como se fosse um bebé. Fechou de um golpe. Acheguei o olho à fenedura para ver se voltava à seu escritório ao princípio do corredor. Foi o que fijo. «Foi embora o carcereiro!», gritei outra vez em gaélico para que os companheiros o soubessem e regressei para o recanto da cela, sentindo-me um homem novo com as minhas prezadas posses: umha carta e três caixas de lenços de papel! Espalhei os lenços polo piso e pugem-me sobre eles. Pareciam umha luxuosa moqueta, comparados com o cimento nu. Tirei do envelope aberto a minha prezada carta, lida e censurada já cem vezes. As raias pretas da censura cruzavam a carta em vários pontos, mas nom era tam mau como o mês anterior. Depressa identifiquei aquela letra familiar como a de minha mae. A bendita da minha mae, nunca me abandonava. Comecei a ler:

Meu filho querido,

Espero que che chegasse a minha anterior carta. Estou muito preocupada por ti e polos teus companheiros.

Vai muito frio ali, filho? Sei que só tés três cobertores e lim no Irish Times que muitos de vós andades com umha gripe muito forte. Abriga-te o melhor que puderes, meu rei, eu hei de rezar por todos vós.

A tua irmã Marcella organizou umha festa de aniversário para o Kevin⁵ há uns dias. Já fijo um ano, é um neno precioso. Tu ainda nom o conheces, nom é? Teu pai e teu irmao perguntam-me por ti, e também o figérom a Bernadette⁶ e os senhores Rooney. Estivem no domingo na manifestaçom e foi [REDACTED]

(Censurado! Serám cabrons!)

Todo vai ir bem, filho. Se calhar, nom falta muito. A semana passada os soldados ingleses registárom a casa duas vezes e escachárom a harpa celta que me mandárom polo Natal os presos das gaiolas⁷. Penso que os Ingleses nom devem estar muito contentes, agora que [REDACTED]

devêrom tolear.

O teu irmao Seán⁸ estivo em Killarney e dixo que havia graffitis em todos os muros e nas estradas, falando de [REDACTED]

(os filhos da puta dos Módulos H!)

Tenho de rematar já, meu filho. Começa a nevar. Espero que estejas bem. Estamos todos contigo, filho. O menino estivo na casa no domingo⁹. Di que, quando seja grande, vai-se fazer Voluntário e vai-te tirar desse lugar horrível, Deus o guarde. Eu vou-te ir visitar o dia 12 com o teu

pai e com a Marcella. Meu filho, que Deus vos abençoe a todos. Vemos-nos logo. Temos saudades de ti.

Tua mae, que te quer.

Bendita mamá.

A visita era hoje!

—Boa!

—Vai todo bem, Bobby?

—Todo bem, Seán. Acabo de lembrar que tenho visita hoje. Com o puto massacre desta manhã esquecera-o por completo —dixem ao companheiro da cela do lado.

—Como che foi a ti, Seán? —berrei-lhe.

—Penso que me partírom o nariz, Bobby, tu, todo bom?

—Vou indo, Seán. O normal... muitas maçaduras e alguns cortes. Oi, tivem carta da casa. Sei que houve umha cheia de bombas e muita gente na manifestação. Estava censurada, como sempre, mas já me contarám hoje na visita. Vou voltar a passear pola cela, Seán, tenho de entrar em calor. Vai um frio do caralho, camarada. Anima-te, falamos depois.

Bravo! A visita era hoje.

Onde meteriam os putos cobertores? Estava-me a congelar.

Se quadra hoje traziam o menino, havia ao menos nove meses que nom o via. Era perigoso para a minha saúde, corria um risco cada vez que o traziam, mas tinha de vê-lo outra vez.

Só pensar nas inspeções corporais a que nos submetiam em troca de receber umha visita em meia hora ao mês acabava-me com o moral.

«Mouros na costa! Mouros na costa!»

Corrim para a porta e colei o olho à fenda. Nada! Nom via nada. Escuitava-os, mas nom os via.

«Registo! Registo!»

Merda, outro registo! E que raio pensariam achar nas putas celas? Nom havia nada, acabávamos de fazer a troca...

Escuitem a fechadura de umha porta. Podem ver *B* e *C* a entrar na cela que tinha de frente. Era a cela de Pee Wee. O *C* começou a berrar, mas nom percebia o que dizia. Quase nom podia ouvi-los. Afinal escuitem *B* a dizer: «Dobra-te para frente, marica!»

Deus bendito, iam fazer a inspeçom a Pee Wee. Acabava de fazer os dezoito e estavam-no a dobrar à força para lhe inspecionarem o ânus. Escuitem os ruídos surdos tam familiares enquanto os carcereiros golpeavam o corpo despido de Pee Wee.

B e *C* saírom da cela sorrindo, como dous pistoleiros.

—Filhos da puta! —Seán berrou-lhes da porta da sua cela.

—*A*, pede um furgom para o módulo de castigo, fai favor. Pee Wee O'Donnell acaba de atacar *C* —dixo *B* rindo-se.

Muito mal tivo de ir, pensei. Muito mal tivera de ir quando o iam acusar de assalto. Todo fazia parte do seu jogo repugnante, como se che ocorresse denunciá-los, carregavam-te com outra acusaçom de denúncia falsa. Eram criminosos de guerra. Umha banda nojenta de putos criminosos de guerra, do primeiro ao último.

Tirárom Pee Wee da cela. Enxerguei o seu corpo pequeno e desvalido. Tinha a cara coberta de sangue. O olho direito estava muito inchado e do nariz pingava-lhe sangue.

Agora iam-no banhar à força e iam-lhe cortar o cabelo. O que queria dizer que iam bater nele até o fazer puré e seria a terceira vez no que ia de dia.

No corredor havia um silêncio sepulcral. Aquela atmosfera abafante e a tensão ficáram conosco o resto da manhã.

«Havemos-te de apanhar, C» dizem para mim «Vá-las pagar todas juntas», e não falara com a sério em toda a minha vida.

Continuava a tremer, mas não me mexim do meu posto de vigilância na fenda da porta por se decidiam voltar e fazer o mesmo com outro preso. Escutei no escritório, rindo e gabando-se do espancamento que lhe deram a Pee Wee. O que acontecera já estava a chegar a ouvidos do O.C.¹⁰ do módulo. B arrastava um balde e berrava a C alguma coisa sobre esvaziar o lixo das celas, mais que nada para que todos o escuitássemos. Iam entrar nas celas e espargir a merda dos penicos pelo chão. Não os podíamos esvaziar pelas janelas ou por debaixo da porta até a noite, mas o único que queria B era provocar os rapazes. O que mandava era A, porque que ele não quisesse arriscar-se, sabia que os companheiros estavam cheios de carga depois do que fizeram a Pee Wee e podia haver problemas. Ademais, ainda não meteram os colchões e os cobertores nas camas para que se pudessem enlamear com os mijos e a merda. Fiquei a pensar nos cobertores e no frio que ia até que escutei os zeladores a empurrarem um carrinho pelo corredor.

«Venham os cobertores!» berrei em gaélico para avisar os companheiros. O módulo explodiu em gritos de alegria.

Começáram a abrir as portas e, depois do que pareceu umha eternidade, com o frio a me calar cada vez mais, a minha porta abriu-se também e os zeladores guindáram dentro os três cobertores cotrosos e um colchom esfianhado.

C fitou-me com cara de ódio e fechou a cela de um golpe. «Eu também te odeio, C» e apanhei os cobertores. Envolvim-me num de cintura para abaixo e deitei outro sobre os ombros como se fosse um poncho. Depois coloquei a toalha arredor do pescoço como um cachecol, pugem o colchom esfianhado e húmido no chao e sentei sobre ele, arrombando o terceiro cobertor por volta dos meus pés. Parecia saído do campo de prisioneiros Stalag 18 ou do mesmo Dachau e na verdade é que me sentia igual. Picava-me a barba por causa da toalha e os cobertores de pêlo de cavalo irritavam o meu corpo maçado. Continuava a fazer muito frio, um dos companheiros berrou pola janela que voltava a nevar. Já podia começar a cair-me em cima, como as duas noites anteriores, que eu nom me pensava mover. Perguntei-me o que seria de Pee Wee. Provavelmente estaria meio morto numha das celas do módulo de castigo. «Meu Deus, que dia levamos...» pensei, e sentim-me muito canso, como se me vinhesse todo o cansaço das duas noites que passara de vela. Os pés começaram-me a entrar em calor e concentrei-me na visita da tarde. O módulo estava em silêncio, nom sendo polas ocasionais risadas de B e C. B havia de voltar depois do jantar, bêbado e perigoso. Fechei os olhos e tentei evadir-me dormindo até a hora do jantar. Era duro, era-che bem duro.

Erguim-me com tento do colchom, forçando cada movimento. Já de pé, coloquei o colchom contra a parede. Es-tendim um cobertor no chao e, com o outro por volta da cintura e a toalha deitada polos ombros, comecei outra vez a minha viagem sem fim, o mesmo que um nómade.

Ainda fazia frio, mas nom era tam duro como a primeira hora da manhã. O pátio estava coberto de umha camada de neve. Havia pouca luz, embora já fosse meio-dia.

«Ham de trazer-nos a comida de seguida», pensei.

Restavam poucas horas para a minha visita. Era re-comfortante pensar em ver a minha família. Aquele era o momento mais importante de cada longo e tortuoso mês. Só doce visitas ao ano! Meia hora de umha relativa felicidade por visita ou, o que era o mesmo, seis horas de umha relativa felicidade ao ano. Figem um cálculo mental: seis horas de 8760. Seis horas mesquinhas, entretanto eles te perseguiam a ti e à tua família cada minuto, cada puto minuto do ano! Continuei a caminhar, enquanto a xenreira aninhava no meu interior. Cabrons. Pugem-me a olhar entre as barras de cimento da minha janela sem vidros.

«Nem sequer vou conservar isto por muito tempo...», lembrei-me, pensando que já começaram a cegar as janelas das outras galerias com tábuas e chapa ondulada, para impedir que entrasse a luz e que víssemos o que havia fora. Também nom havia muito que ver, além dos pássaros, o céu noturno e as nuvens. O resto era bastante deprimente, ainda que a neve dos últimos dias era umha cousa fora do quotidiano. Estava suspensa sobre todos aqueles quilómetros de arame farpado e colava-se à chapa, em geral tam triste e

anónima. Todo era de um cinzento mortal ou de um branco fulgurante. Enquanto a neve durar, enxergaríamos um pouco de luz no meio da escuridão, com o milhar de luzinhas brilhantes e focos intermitentes refletidos no manto branco.

Seria um alívio poder passear por um monte verde e viçoso, tocar as pontas da erva reluzente, acarinhar a superfície fresca das folhas das árvores ou sentar num outeiro e contemplar o vale cheio de vida, sentir o recendo fresco e puro da primavera, rodeado por um espaço infinito.

Eis a liberdade. Liberdade para voltar a viver. Arredei-me da janela e continuei a caminhar pela cela, um bocado abastado pela areia de liberdade. Olhei para a minha volta, as paredes fedorentas cobertas de excrementos, os montes de lixo e restos de comida apodrecendo amareados nos cantos do chão molhado. Olhei para o colchão sujo e esfarrapado, todo esfianhado pelos centos de registos. Olhei para o teto manchado de chá para atenuar os reflexos da luz cegadora que entrava pela janela, para a porta raiada e rabunhada, e para o ninho de infeções em forma de penico que estava junto à porta. Cada vez era mais complicado evocar as imagens daquele monte viçoso e belo. O ambiente de pesadelo em que me encontrava berrava-me cada minuto. Não havia jeito de escapar daquele pesadelo enquanto não me rendesse... Uns poucos, muito poucos, já o fizeram. Puseram o uniforme da prisão e aceitaram as normas. Não era que quisessem fazê-lo, só que não puderam aturar a carga insuportável da tortura, o aborrecimento infinito, a tensão e o medo, estar privados das necessidades mais elementares como o exercício ou o ar fresco, não poder relacionar-se

com outros seres humanos mais que berrando através de umha porta de aço fechada.

A depressom, as malheiras, o frio... o que nos restava? Se olhava pola janela, só via um campo de concentraçom. Olhava a minha volta, a tumba em que mal vivia. Achava-me mergulhado no inferno, mesmo havia pequenos demos encarnados na forma de *A*, *B* e *C* prontos para malharem em nós cada instante de cada dia do pesadelo.

Voltei a pôr o colchom como estava antes no chao e sentei nele. A depressom aproximava-se. Para me animar um pouco, procurei pensar na visita que aguardava. Lembrei-me de Pee Wee e comecei a fantasiar com a possibilidade de matar *B* e *C*, e andava nessa cavilaçom quando escuetei os berros que anunciavam a chegada do jantar. «O Chimpim Feliz» era o nome que pugéramos ao furgom que trazia a comida da cozinha até os Módulos H, e acabava de chegar. Graças a Deus, porque me fijo esquecer a depressom que se avizinhava. Um rumor estendeu-se pola galeria enquanto as outras tumbas ao meu redor começavam a dar sinais de vida. Alguns dos companheiros aproximárom-se das janelas e começaram a parolar animados. Com o jantar nom só chegava comida, também significava que os carcereiros estavam a ponto de iniciar o seu descanso de duas horas. Significava umha relativa segurança durante duas horas que se faziam sempre curtas e, sobretudo, significava que só restava meia jornada contra a que lutar. Fora chuvisca-va. Roguei para que nom chovesse muito, porque se a neve se derretia, sairiam com as mangueiras para lavar o exterior das celas e os pátios, e de passagem a nós, com aqueles

chorros a pressom. Com o frio que ia morreríamos congelados se os colchons e os cobertores se enchouparem. Era inútil procurar abeiro num recanto. Sem vidros nas janelas o chorro chegava a todos os cantos da cela.

Umha fechadura rangeu e abriu-se umha porta.

«Trazem o jantar!» berrou alguém em gaélico.

De súpeto, esquecim-me da mangueira a pressom e corrim para o meu posto de vigilância na porta. Avançavam para a parte mais afastada da galeria. Eu ia ser o último em recolher a comida. Os pratos de plástico estavam amoreados uns sobre os outros e os zeladores levavam-nos aos presos. *B* arrincava nacos de peixe dos pratos e estava a comê-los. Adoecim da raiva.

—Hoje jantades bife de feniano¹¹! —berrou. Escaralhou-se ele só com a piada.

—Espero que se lhes atravessasse —dixo *C* para contribuir à brincadeira. *A* procissom continuou adiante, com *A* fechando a comitiva. Chegárom ao final da galeria e dêrom volta. Escuiteme as portas do meu corredor abrindo-se e fechando-se à medida que se aproximavam.

B berrou:

—Oi, *A*, seica há umha dose de menos!

Assaltou-me umha sensaçom de carragem e impotência tam forte que quase doía. Eu estava de último. O cabrom do *B* comera-o. Ia-o gritar através da porta, mas isso era justamente o que queriam que fisesse.

—Caralho —dixo *B* —Devim-me enganar ao contar. Nom falta umha dose...

Recuperei o alento.

—Som duas as que faltam!

Sentim como Seán se abalançava sobre a porta. Petei na parede para lhe lembrar que nom estava só. Escutei-no cagar-se em todos eles. Sentim-me tam mal como se devera sentir aquele peixe quando o tiraram do mar. Faltava a única parte do jantar que era ligeiramente comestível. Aquilo constituía umha catástrofe e Seán sabia-o tam bem como eu.

A sua porta abriu-se e fechou-se. Entom abriu-se a minha. Fiquei ali chantado como se nada. Apanhei o prato quase vazio das maos do zelador enquanto A dizia: «Parece que havia doses de menos. Hei-no de dizer na cozinha para que as mandem quanto antes», o que queria dizer: «Nom a vás cheirar».

Enxerguei B a chuchar os dedos e a se relamber enquanto me dedicava o seu odioso sorriso. Virei-me sem dizer nada e sem mostrar a minha raiva. A porta fechou-se de golpe, como um canhão. Eles fôrom para o seu escritório rindo a gargalhadas, mesmo os zeladores riam.

Sentei e inspecionei o jantar, consistente num cachelo frio e trinta ou quarenta feijons igualmente frios e duros. Os zeladores começárom o seu concerto quotidiano, cantando *The Sash My Father Wore*¹² e batendo os pés ao ritmo. Com certeza, B engabelara-os com uns quantos cigarros e soltara-lhes algumha racistada enquanto os animava para que metessem mais ruído. Os zeladores, por sua parte, também desfrutavam lambendo-lhe o cu como só os delatores e a gentalha sabem fazer. Seriam quem de vender a mae por um cigarro. E o que nos faziam a nós gostosamente em troca do mesmo faria vomitar às suas pobres maes.

Tentei aproveitar ao máximo a refeição fria, comendo todo o que podia, o que supunha um grande esforço, e depois botei os sobejos no recuncho com o resto do lixo e os excrementos.

Rematou *The Sash My Father Wore* e de ali a um pouco começaram a abrir-se as portas ao berro de «Recolhida de pratos», que retumbou por toda a galeria. Voltei-me a erguer e continuei a caminhar, sem incomodar-me em dar umha vista de olhos pola fenda da porta. Seguírom o seu caminho, recolhendo os pratos cela por cela. Escutei Seán dizer ao seu vizinho que avisasse o O.C. de que lhes ia pedir papel higiénico³³ aos carcereiros.

Pensar na visita da tarde ajudou-me a controlar a minha xenreira. A excitação que sentia só de pensá-lo chegou-me até as entranhas e as minhas tripas, que levavam cinco dias entupidas, começaram a protestar.

A comitiva chegou à porta de Seán.

—Senhor, poderiam-me dar um pouco de papel de tigre?

—Limpa-te com a mao —soltou C, e fechou a porta de golpe.

Pareceu-lhes umha ocorrência muito engraçada e carcereiros e zeladores fartárom-se a rir. Ainda se estavam a esmendrelhar quando abrírom a minha porta e recolhêrom o prato. Nom dixêrom nada da minha dose, só B comentou «essa foi boa, C!» e voltárom a rir todos.

—E tam boa, C! Escaralho-me contigo! —fechárom de um golpe.

A C encantava-lhe humilhar-nos. Polo menos B tinha desculpa, nom lhe dava o cérebro para mais. A também des-

frutava com a situação e os quatro zeladores competiam em dar-lhe graxa.

Petei na parede.

—Seán —chamei— Vou mandar um carro¹⁴ com um pouco de papel para ti, *mo chara*¹⁵. Aguenta até que os carcereiros vão jantar.

—*Maith thú*¹⁶, Bobby —respondeu.

Voltei a sentar para preparar o carro, arrincando nacos grandes de fio da minha toalha e atando-os. Alegria o dia a C, se me pudesse ver nesse momento todo laborioso.

—B, tés guarda esta noite? —perguntou um carcereiro no fundo da galeria.

—Tenho, sim —berrou-lhe B do escritório.

Isso era bom ou mau? Estava prestes a se ir para a casa, mas havia de regressar às 20:30 para o turno de noite. Havia de regressar bêbado e isso nom era nada bom, já o tinha comprovado.

—Ouviche isso, Bobby? —berrou-me Seán.

—Ouvim, camarada —respondim, sabendo que Seán chegara à mesma conclusom que eu.

—Vai haver problemas!

Erguim-me e apanhei meia pataca podre do lixo. Atei-na no extremo da corda de fio para a balançar. A porta do escritório fechou-se de golpe e as odiosas chaves tilintá-rom. Por fim, iam embora. Acheguei-me à janela e atei vários lenços de papel ao outro extremo da corda. Petei na parede.

—Estás preparado, Seán?

—Estou, Bobby.

—Bem, tira a mão pela janela e lança-os os lenços —dixem.

Tirei o braço pela janela e comecei a cambalear a corda nos cinco metros de espaço que nos separavam. Roçou a mão de Seán várias vezes até que conseguiu apanhá-la.

—Já a tenho, Bobby!

—*Maith thú*, Seán. Agora não a perdas —dixem.

Puxou a corda e agarrou os prezados lenços de papel. Bateu à parede em sinal de agradecimento. Petei de volta, e tornei aos meus pensamentos. Não me tirava da cabeça a visita, ia ver a minha família outra vez. E também poderia fumar, estava desesperado por dar uma tragada. Havia tanto que não via um cigarro diante... com uma pouca sorte, aquela noite arranjaría uns poucos para mim e para os companheiros. Isso sempre ajudava a levantar o moral.

As minhas tripas moveram-se de novo. Aí o vem, pensei, e de algum jeito foi um alívio, após cinco dias de dolorosa oclusão intestinal. «Vou ao banho» pensei, e decatei-me do ridículo da expressão enquanto apanhava uns lenços de papel e me agachava no recanto da cela que não se via desde a fenda da porta. Fijei-me bem aliviar a pressão no ventre, mas não pude deixar de me sentir como um animal, anicado num recuncho entre lixo e excrementos. Não havia que fazer-lhe, por muito humilhante e degradante que for. Pior o tinham os companheiros que partilhavam cela, eu pelo menos tinha um pouco de intimidade.

Quem de todos os que se consideram «cheios de humanidade» e depois guardam silêncio sobre os Módulos H é

capaz de pôr nome a este tipo de humilhações e vexações, em que os homens se vem forçados por terríveis torturas a começar umha greve de higiene para chamar a atenção sobre o trato inumano que padecem? Quanto tempo mais imos ter de sofrer? Um corpo sujo, despido e quebrado pela dor, anicado num recanto de umha tobeira malsá, entre silos de lixo podre, obrigado a fazer as suas necessidades no chão e deixar os excrementos ali para que o seu cheiro se una ao já repugnante fedor dos mijos e a comida apodrecendo. Esses que guardam silêncio, que ousem pôr nome a este tipo de tortura.

Erguim-me e acheguei-me à janela na procura de ar fresco.

As malheiras, os alagamentos com água gelada, a fome e as privações... que se atrevam a pôr um puto nome a este pesadelo terrorífico!

A poalha cessara e a neve ficava intacta. Já nom ia tanto frio mas eu ainda tremelicava. Havia várias pegas a remexer na neve na procura de alimento e nom podem evitar pensar na dose de peixe que nom me serviram nem me pensavam servir. Recolhim algumas côdeas do chão e guindei-nas pola janela para os habitantes mais pequenos dos Módulos. Permanecim observando como se lançavam por elas. Passava muitas horas a olhar para os pássaros. As pegas e os estorninhos, os corvos e as gaivotas eram os meus fiéis companheiros. Eles e as pequenas lavandeiras ajudavam-

me a passar a tarde, volteando polo pátio até que as últimas luzes do dia se extinguíam. Eram a minha única distração nos dias longos e aborrecidos e voltavam cada dia desde que começara a lhes atirar côdeas de pam. Lembrei que gostavam das larvas e vinhérom-me à cabeça os abafantes meses de verao, quando as celas se transformavam em fornos e o cheiro do lixo e da comida a se corromper virava insuportável. Daquela apareciam as larvas brancas, milhares delas, arrastando-se desde o interior das moreias de lixo.

Nom vou esquecer na vida aquela manhã em que despertei achando os cobertores e o colchom convertidos numha massa palpitante de larvas brancas. Tinha-as no cabelo e na barba e também reptavam polo meu corpo despido. Eram nojentas e mesmo diria que davam medo a simples vista. Assim e todo, acabei-me afazendo à ideia de partilhar a cela com elas, como me afigem a todo o demais. À noite sentia como se mexiam polo chao entre os pedaços de papel e reconhecia o ruído que faziam quando se achegavam ao meu colchom, onde encontravam abeiro para se envolver em pequenos casulos ovalados antes de se tornarem moscas. Faziam um ruído seco sempre que eu caminhava às escuras pola cela e os ia pisando. Nem é preciso dizer que o produto final era umha peste e muito molesta, aliás, centos de moscas gordas, inchadas e repulsivas que se colavam às paredes e ao teto, torturando dia e noite o meu corpo nu, zumbando-me diante da cara no momento em que pretendia dormir e acordando-me cada manhã quando, só com me mover um bocado, umha massa preta se elevava presa do pânico. No entanto, as larvas tinham a

sua utilidade, como podem descobrir. Habituar-me tanto a elas que as recolhia a mancheias do chão e das montes de lixo dos recantos. Havia milhares, retorcendo-se e arastando-se. Quando já não me entravam mais nas mãos, botava-as pela janela, espargindo-as sobre o asfalto. Aquelles bichinhos brancos ressaltavam contra o pátio preto e as lavadeiras voavam ao chão excitadas, saltando de uma larva a outra e davam-se um banquete com o que para elas havia de ser umha manjar. Suponho que durante os verões me entretinha com isso para ocupar o tempo. Fora não acreditam se lhes contas que passas os verões a caçar larvas para alimentar os pássaros.

Recolhim mais côdeas de pam do chão e guindei-nas pela janela para as minhas amiguinhas. O inverno também era duro para os pássaros, com a neve cobrindo o chão e agachando a terra.

Botei a andar outra vez quando um dos companheiros berrou «*Rang anois*¹⁷» convocando os camaradas a cada uma das suas portas para as aulas de língua irlandesa.

O professor estava no extremo mais afastado da galeria. Começou a gritar as lições do dia o mais alto que podia através da porta de aço. Fazia perguntas e soletrava palavras e frases inteiras enquanto os alunos as iam apontando com o dedo na merda das paredes. Era um método de ensino rudo e elementar, mas funcionava e esforçávamo-nos por utilizar as novas palavras que aprendíamos até que soavam tam familiares que saíam de jeito natural na conversa.

A aula de irlandês desenvolvia-se ao longe entretanto eu continuava imerso nos meus pensamentos. Pensei na

minha família na casa, preparando-se para a visita da tarde, se nom estavam já a caminho. Decerto estariam tam emocionados como eu, desejando que o tempo que faltava até a hora da visita passasse voando.

Para eles ia ser um dia longo e duro, aguardando e fazendo fila, alindados como gado de umha porta à seguinte. Passando por inspeçons e registos humilhantes. Aturando os insultos e as olhadas cheias de desprezo dos carcereiros até que por fim lhes deixassem entrar no locutório. E depois volta a passar por todo aquilo para poderem sair.

Um carcereiro começou a berrar e a meter ruído no alto da galeria para tentar interromper as aulas de gaélico, mas os companheiros continuavam ao seu, ignorando-o. Sempre faziam isso e quando viam que nom conseguiam nada cansavam-se e acabavam indo-se. Voltei a sentar no colchom com os músculos ainda arrefecidos e as maçaduras escurecendo-se conforme avançava o dia. Estava muito derreado, cansava de seguida porque havia muito tempo que nom fazia exercício nem respirava ar fresco. A ideia da visita quase nom me deixava pensar noutra cousa. Sempre me podia consolar pensando que havia cousas piores, pensei nos camaradas mortos e nas suas famílias.

«Polo menos eu podote visitar umha vez ao mês» dizia sempre a minha mae. «Melhor onde estás agora que o cemitério de Milltown»¹⁸.

Porém, havia momentos em que preferiria estar em Milltown, quando todo se tornava tam insuportável que já nom importava estar vivo ou morto enquanto pudesse escapar daquele pesadelo infernal. E logo nom estávamos

a morrer nós também? Nom se estavam a consumir pouco a pouco os nossos corpos? Eu já era um cadáver andante, que havia de ser ao cabo de seis meses... Nem sequer sabia se dentro de um ano ia continuar com vida. Era algo que antes me preocupava, dava-lhe voltas com frequência até tolear. Agora já nom... O único que me resta, que nom me podem arrebatat é isso: nom podem matar-me. Há tempo que compreendim isto e Deus sabe que se até agora nom o conseguírom com nengum de nós, nom é porque nom o tentassem. Mas eu nom me rindo, estou decidido. Podem-me fazer o que lhes pete, mas eu nom me vou humilhar nunca diante deles, nem lhes vou permitir que me criminalizem.

Surpreende-me descobrir que estou preparado para morrer antes que sucumbir às suas torturas e opressom, mas sei que nom estou só, muitos e muitas camaradas pensam o mesmo. O que me leva a pensar novamente nos camaradas mortos. Os amigos que estavam junto a mim um dia e jaziam mortos ao seguinte. Moços e moças como eu, nascidos e criados nos guetos nacionalistas de Belfast, só para serem assassinados por soldados estrangeiros e por mercenários racistas. Quantos morrêrom a maos deles nos Seis Condados ocupados¹⁹? Demasiados. Um só moço ou umha só moça já era de mais! Quantas vidas mais havíamos de perder antes de os Britânicos decidirem que já mataram bastante e deixassem Irlanda tranquila para sempre? Dentro e fora da prisom era o mesmo, a mesma opressom que chovia de todos os lados. Em cada cruzamento um soldado inglês armado, em cada rua umha história de sofrimento e dor a maos desses soldados.

Estava orgulhoso de resistir, de devolver o golpe. Sabiam que nom nos podiam vencer fora e por isso nos torturavam sem piedade neste inferno, mas aqui também nom conseguiam dobrar-nos. Tinha medo, mas sabia que nom me ia render nunca. Preferia aturar a potência imperial e todo o seu arsenal militar antes que me render.

Turrei polos cobertores para me cobrir bem e acomodei-me no colchom, tentando dormir. Os carcereiros nom voltavam até depois das duas. *B* voltava às 20:30, perguntei-me quem o ia substituir entretanto. De seguida havia de sabê-lo. Fechei os olhos e a mente a todo o que me rodeava.

«Esvaziar os penicos! Esvaziar os penicos!»

Acordei sobressaltado.

«Venhem esvaziar os penicos!»

O balde metálico tilintava e rangia. Um calafrio percorreu o meu corpo e deixou-me umha sensaçom de vazio na boca do estômago. Levantei-me depressa, rogando para que nom me comesassem as cambras. Estava bem, ainda que ao princípio os meus olhos tivérom dificuldades para paliar a escuridom da minha cabeça, que ameaçava com um esvaecimento.

Recuperei-me e corrim a olhar pola fenda. Abriram a porta da cela contígua à de Pee Wee. *A*, *C* e *D*, o substituto de *B*, formárom um semicírculo à volta da entrada, com os quatro zeladores servis flanqueando-os. Um dos zeladores empurrava um desentupidor (um pau de esfregona com um copo de borracha no extremo, dos que se usam para desobstruir os canos). John O'Brien aproximou-se da porta com

o cobertor enrolado no corpo, esvaziou o seu penico no chão e voltou-se a meter dentro da cela. Sem mediar sinal nenhum, o zelador que levava o desentupidor adiantou-se e empurrou a poça de urina para o interior da cela, por volta do colchom de John. A maioria dos companheiros estavam a deitar o conteúdo dos seus penicos por debaixo da porta, e quando estavam vazios usava-nos para deitar fora os restos de mijos que se coavam de novo pelas fendas. Eu nom tinha suficiente espaço entre a porta e o chão. Havia espaço avondo pola parte superior e num dos ângulos, mas estavam altos de mais para umha operação tam complicada. Nom me ficava outra que o fazer pelas más e esvaziar o penico quando abrissem a porta como figura John O'Brien. Tinha que o esvaziar. Se che encontram o penico cheio na cela deitam todo por cima de ti e da tua cama. Há mais de umha forma de esfolar um gato e o mesmo vale para os prisioneiros de guerra. Umha das suas táticas preferidas para tentarem desmoralizar-nos era esta. Também estava o das trocas de cela, levando-nos de um extremo da galeria ao outro. Tanto tinha que porta abriam, só era outro exercício de tortura, para nos manter em forma.

Agarrei o penico e preparei-me. Se tivesse um companheiro de cela, daria-me um pouco de apoio moral. Seán também estava só e também o pobre Pee Wee aquela manhã. Iam por alguém mais, podia cheirá-lo no ambiente, daí o pretexto de esvaziar os penicos. Sabíamo-lo todos de sobra.

A fechadura da minha porta rangeu e pugem-me alerta. Fiquei preparado com o penico na mão, aguardando que

nom fosse muito mau. Abriu-se a porta. Nem olhei para eles. Esvaziei o penico no chao, espargindo os conteúdos ao fazê-lo, e preguei para que nom alcançassem as suas putas botas reluzentes. Voltei atrás com a cabeça alta, aguardando umha pancada que nunca chegou. Fitei-nos. *C* e *D* estavam bêbedos. *A* sorria, como sempre. O zelador começou a empurrar o charco no interior da cela, enchoupando bem a parte de abaixo e os laterais do colchom antes de se retirar. Fecharam a porta. Levantei o colchom nojento e comecei a escorrer os mijos. Depois pugem-me a raspar e esfregar o chao, para deitar por debaixo da porta a poça que se formara. Era um processo lento, porque o espaço entre a porta e a parede era mínimo e a urina escoava por debaixo com muito trabalho. Fora andavam a esvaziar os penicos. O balde rangia anunciando o perigo. De vez em quando o som de um chorro delatava outro penico esvaziado no corredor. A tensom era insuportável.

E por fim sucedeu. De repente, umha explosom de ruídos, berros e laídos cheios de carragem. O balde emborcou com um ruído metálico e umha chuva de golpes retumbáram na galeria. Sentim o som de alguma cousa que parecia umha cabeça golpeada contra as tubagens. Lancei o penico ao chao e olhei pola fenda. Umha voz berrava «Dá-lhe bem!» Continuárom os golpes até que escuיתי *A* berrar «Já chega!». Vários carcereiros achegárom-se correndo do outro extremo da galeria, chapuzando nas poças de mijos que assolagavam o corredor.

«Pede um furgom para o módulo de castigo», berrou *D* com o seu tom odioso. Escuיתי mais golpes, patadas e risos

sádicos, seguidos de um ruído de passos que virou cada vez mais audível, mais golpes e o que soava como um chorro de água. Quatro uniformes pretos passárom voando por diante do meu campo de visom, arrastando polos pés um corpo despido, com a cabeça batendo contra o cemento. Passárom tam depressa que fum incapaz de o reconhecer. Fosse quem for, tinha o corpo e a cara cobertos de sangue.

Nos primeiros segundos nom aconteceu nada. Caiu um silêncio sinistro, cheio de incertezas. Ainda nom se voltaram a formar as poças quando escuitamos outra vez os mesmos ruídos. E outra vez o mesmo, som de passos correndo, golpes e berros violentos, o chorro de água e umha massa de uniformes pretos que passárom quase voando por diante da minha cela, arrastando polos pés outro corpo coberto de sangue.

O ruído da água foi parando pouco a pouco e o som daquele corpo nu sendo arrastado polo pavimento até o fundo da galeria foi fazendo mais inaudível. Fijo-se outra vez um silêncio terrível. A tensom que havia no ambiente pendurava sobre nós como umha guilhotina: ninguém respirava, por medo a que lhe caísse em cima. Parecia que aquele silêncio estarrecedor nom ia acabar nunca.

De súpeto, um berro retumbou como um trono por toda a galeria.

«*Tiocfaidh ár lá!*». O alarido ressoou contra os muros e as paredes, rachando com o silêncio como umha pedra esnaquiçando o vidro de umha janela, alçando os nossos coraçoms, cada sílaba prenhada de xenreira e desespero. «O nosso dia há de chegar!» Significava isso, e abofé que havia

de chegar, e que Deus se apiadasse entom de A, de C e de D, e também de B e de todos e cada um desses malnascidos, porque eram todos iguais, umha banda de torturadores.

«*Tiocfaidh ár lá!*» gritei desde a minha porta. Um dos companheiros começou a cantar. *A Nation Once Again*²⁰ retumbou em cada cela enquanto cada um de nós começava a cantar para rachar com aquele silêncio infernal, para alçar os nossos espíritos e alimentar o nosso moral abatido. Os regueiros de urina fedorenta escoavam por debaixo da porta, o seu cheiro anegava os meus olhos de bágoas e entrava-me na gorja. Os zeladores tentárom cantar *The Sash*, mas umha explosom de ruídos afogou o seu canto quando os penicos vazios começaram a golpear e repenicar, desafiantes, contra as portas.

«*Tiocfaidh ár lá!*» dixem, «e quanto antes seja melhor!».

Retomei a minha angueira e pugem-me a baldear com o penico a poça de urina da minha cela. O ruído foi-se apagando pouco a pouco e os últimos regueiros de urina escoárom para o corredor. Guindei o penico no monte de lixo e sentei no colchom, com cuidado de nom apoiar os pés no chao húmido. A mente ia-me a cem por hora e só queria pensar em descansar, só anelava um descanso que nom ia ter nunca.

O ruído de fora morreu de vez. Seán petou na parede, preocupado.

—Todo bem, Bobby? —perguntou.

—Eu estou bem, Seán. Algumha novidade?

—Nom chegárom a vir à minha cela —retrucou.

—A quem levárom? —perguntei-lhe.

—Nom che sei —dixo, e explicou-me que já mandara recado até o final da galeria para ver se alguém o sabia. — Penso que fôrom *C* e *D* os que mais se asanhárom.

—Provavelmente —concordei.

—Oi, Seán! —berrou um dos companheiros. —Eram Liam Clarke e Seán Hughes. *C* e *D* fôrom os que mais malhárom neles e o zelador do desentupidor bateu-lhes na cabeça com o mango até que os deixou inconscientes. Sem motivo nengum, Seán, como sempre... Caírom em cima deles quando estavam de costas, depois de esvaziarem os penicos.

Deixei Seán falando pola janela com os outros companheiros, discutindo o que acontecera, e retomei o meu passeio pola cela, pensando que me podiam chamar para a visita em qualquer momento. O espancamento que levaram os dous moços (e Pee Wee O'Donnell antes do que eles) apagara o meu entusiasmo. Nom podia evitar imaginá-los deitados no chao do módulo de castigo, onde provavelmente sofressem outro espancamento brutal a maos dos carcereiros sádicos sabiamente escolhidos para se ocuparem de umha câmara de tortura dentro de outra câmara de tortura.

Infelizmente, eu já sabia de sobra o que era estar ali. Era o que mais temíamos todos. O módulo de castigo era sinónimo de torturas, brutalidade e tratamento desumano²¹. Os próprios carcereiros sabiam-no, mas calavam. Um tempo atrás, eu estivera três dias ali, os três dias mais lon-

gos e insuportáveis de toda a minha vida. Os carcereiros tiraram-me da cela despido e levaram-me ao módulo de castigo num furgom com as janelas cegadas. Ao sair do furgom, agarráram-me pelas extremidades e botáram-me ao chão, pateando-me e batendo em mim. Nem sequer dixeram uma palavra, nem uma simples ameaça. Era um preso republicano e isso era quanto precisavam. Apanháram-me pelo cabelo e arrastáram-me pelo pátio de cimento até a entrada do módulo, não me deu tempo a dar-me conta do que acontecia. Um deles tocou a campainha para que o guarda de admissões abrisse a porta. Eu jazia aos seus pés, derrubado e sem alento. O coração saltava no peito e ardia-me o corpo, desfeito pelo cimento que me abrira a pele nua. O sangue que manava da minha cabeça emporcava-me a cara. Fiquei imóvel, fingindo que estava inconsciente, pensei que se contentariam com isso. Tinha a face colada contra a superfície dura e gelada do pátio, mas o resto do meu corpo parecia insensível ao frio. Murmurei um Ave Maria e um Ato de Contrição nada mais ouvir o tilintar das chaves que se aproximava. Várias mãos protegidas com luvas agarráram-me por braços e pernas, levantáram-me do chão e endireitáram-me. Todo o peso do meu corpo caiu para frente outra vez e batim com a cabeça na porta de ferro. Achei que o céu caíra sobre mim quando me voltáram a atirar ao chão. Naquele momento um milhar de faíscas brancas explodiram por trás dos meus olhos como fogos artificiais, e de seguida desapareceram atrás de uma nuvem preta. Quando recuperei a consciência, estava deitado no chão de uma das celas de castigo.

Abrim os olhos. Estava enjoado. A luz brilhante do teto cegou-me. Doía-me imenso a cabeça e nom podia mover o corpo polas feridas e as contusons. Fiquei colado ao chao, sem atrever-me a me mover, sentindo o sabor do sangue na boca inchada. Procurava compreender onde estava e o que acontecera. O piso de cimento estava gelado e sabia que me tinha que erguer se nom queria apanhar umha pneumonia e passá-lo ainda pior. Erguim-me com tento sobre os meus joelhos, as paredes começárom a dar-me voltas ao redor e caím. Depois de umha eternidade tentei erguer-me outra vez, ainda que os espasmos que me produzia a dor nom me deixavam mexer-me. Pugem-me de joelhos. Ardia-me a pele e a carne viva das feridas e os cortes colavam-se ao chao de cimento. Erguim-me de vez e conseguimos permanecer de pé. Quase caio outra vez, mas apoiei-me na parede e dei chegado até o bloco de cimento que fazia de talho. Derrubei-me sobre ele. Sentia-me morrer, estava tam concentrado na dor e o estupor que nom sabia o que fazer. Nom era quem de pensar, o mínimo movimento era umha agonia. Estava a pique de berrar quando se abriu a porta e apareceu um guarda vestido de branco que entrou na cela. O carcereiro metido a médico começou a examinar-me, apalpando o meu corpo, metendo-me os seus dedos nojentos por toda a parte, pretendendo impressionar os outros carcereiros que aguardavam na porta da cela.

Quando acabou o seu exame, ou o que fosse aquilo, dixo-me com insolência que, para ver um médico e que me fizessem as curas, primeiro tinha de me banhar. Fitei-no

incrédulo. Repetiu o que acabava de dizer mas com mais um tom ameaçante. Sabia o que fazia, sabia que eu estava gravemente ferido e que precisava de atenção imediata, mas metia-me a pressão com aquela chantagem. Sem banho não há curas. Aliás, estava tão mal que não me podia mover, já não digamos lavar-me, e também não tinha intuito de rematar com o protesto. Já podia estar a morrer, que não ia ceder perante ninguém. Sabia o que me aguardava, o seu ultimato converteu-se numa ordem.

«Que che deem!» dizem-lhe, anojado. A manda de carcereiros que aguardava na porta entrou na cela e, sem perguntarem onde me doía, apanharam-me como se fosse um saco de patacas e levaram-me até à banheira, que aguardava cheia de água fria. Guindaram-me dentro como uma barra de sabão. O contato do meu corpo malhado com a água gelada deixou-me sem respiração.

A água cheia de desinfetante metia-se nas feridas abertas e cada parte do meu corpo ardia como o inferno. Fiquem uma tentativa desesperada de sair daquela poça gelada, mas os carcereiros sujeitaram-me com força e um deles começou a esfregar-me o lombo malhado com uma escova de esfregar o chão. Tremia de pés à cabeça pela dor e procurei libertar-me, mas quanto mais me revolia mais forte me seguravam eles. As lágrimas anegaram os meus olhos. Queria gritar, mas não tinha alento suficiente para o fazer. Continuaram a me esfregar todo o corpo e a me deitar baldes de água gelada e líquido viscoso por cima. Lembro que finalmente me ergueram da água fria, não antes de que o sádico do carcereiro prendesse os meus testículos e me

fretasse as partes com a escova. Isso é o último que lembro, acho que depois me desmaiei.

Levárom-me à enfermaria da prisom envolto num cobertor enorme de cor clara e ali o doutor examinou-me. Deixárom-me ali duas horas e depois levárom-me de novo à cela de castigo, envolto em vendas como umha múmia, com um olho morado e várias grampas na cabeça. Fiquei ali, coberto com um cobertor nojento que cheirava a mijos e a balor. Recuperara a calma, mas ainda estava desorientado. Procurei ordenar na minha mente todo o que me acontecera, mas logo me abafou o sentimento de que o pior ainda nom chegara. Ninguém me podia ajudar. Nom podia chamar por ninguém porque estava isolado, só e vulnerável. Estava à sua mercê, mas sabia em excesso que nom conheciam o significado da palavra compaixom. O pior de todo era o frio, nom tinha espaço para caminhar e entrar em calor. Começava a sentir lástima de mim mesmo.

Os carcereiros voltárom mais tarde e arrastárom-me fora da cela para me guindar despido aos pés do diretor da prisom. Como de cote, iam representar a farsa de um julgamento. Fiquei despido face a todos eles, humilhado e envergonhado, com a cabeça explodindo de dor. Acusárom-me de «desobediência», ou o que era o mesmo, negar-me a cooperar com o carcereiro que se afanara em me foçar no ânus com o dedo. Noutras palavras, negara-me por completo a permitir aquilo, mas acusárom-me de desobediência porque figeram falta três ou mais quatro para segurar-me e obrigar-me a consentir a exploraçom. O carcereiro em questom era aquele da bata branca, o qual nom importava

muito, como se fosse um neurocirurgiám. Tratava-se só de degradar-me e humilhar-me, como parte da estratégia para vencer a nossa resistência. Encontraram-me culpado, que surpresa!, e a sentença fôrom três dias na cela de castigo, alimentado com o que eles chamavam eufemisticamente a «dieta número um», para me matarem de fome. Também me tirárom um mês de comutaçom da pena, o que equivalia a dous meses mais de prisom. Para lhe dar credibilidade a todo, também me declarárom culpável de atacar os quatro carcereiros que quase me matam aquela manhã e de me auto-infringir as feridas. Com muitas reviravoltas figérom-me saber que, se ousar apresentar umha denúncia formal contra eles, também me acusariam de levantar falso testemunho contra os funcionários da prisom.

Como se luta contra isto?, lembro que pensei.

Subiu-me o vómito à boca quando me arrastavam de volta à cela de castigo, para aguardar o meu comparecimento na Junta Independente²². Tinha de ficar três dias na cela e ao cabo de um mês voltar para cumprir os outros quinze dias que sem dúvida me ia meter a Junta Independente.

A cela estava congelada, nua e solitária. Já estivera ali umha vez e sabia o insuportável que podia chegar a ser. Um tabuleiro no piso de cimento fazia de cama, umha laxe de cimento era a mesa e o bloco mais pequeno o talho. Umha Bíblia, um penico e umha jarro de água completavam a decoração. Estivem ali três dias, levei mais duas malheiras, mas nom tam graves como a primeira. Cada vez que o penico transbordava e tinha de o esvaziar, procuravam fazer-me chantagem: «tés de pôr o uniforme da prisom para

o esvaziare». Eu negava-me e a merda acumulava-se no chão da cela. Chapuzava nela sem me decatar, o importante era entrar em calor, sempre tinha o corpo arrefecido. Os dois primeiros dias quase não pude mover-me e a dieta esfameante fazia-me estar ainda mais débil. A minha dose diária consistia em duas fatias de pão ressecado e mofado, e um copo de chá preto para o almoço. À hora de jantar davam-me umha cunca de sopa aguada e, à noite, o mesmo que no almoço. Ao terceiro dia desmaiei-me e fiquei deitado no piso de cimento até que acordei.

Quando me devolvêrom ao Módulo H, os próprios carcereiros surpreenderam-se do meu aspeto, era um cadáver andante. Estava quebrado física e mentalmente. A fome, os espancamentos, os banhos forçados, o fastio e o frio ficaram gravados na minha mente e enchiam-me de xenreira, desespero e anseios de vingança. Duas semanas depois daquilo, tive de voltar por outros quinze dias. O mesmo pesadelo, desta vez multiplicado por cinco. Vivia como um animal encerrado, comendo com as mãos. Cada três dias matavam-me de fome e o tempo todo chapuzava na merda e o lixo para tentar entrar em calor. Aturei as malheiras e rezei muito, chorei em sonhos, sempre a lutar contra a tentação de ceder, de me render perante eles.

Mas sobrevivi. Voltei a ganhar a partida. A câmara de tortura e os sádicos que a dirigiam conseguiram estragar o meu corpo, mas não o meu espírito.

Transcorreram três semanas até que o meu corpo se recuperou da experiência, mas a minha mente nunca se recuperou de todo.

Só Deus sabe quantos de nós passárom por essa tortura. O coitado Pee Wee e os outros dous rapazes ham de estar a passar por isso agora mesmo. Quantos mais ham de ir depois? E quanto tempo vai transcorrer até que se lhes vaia a maõ e matem um de nós a paus? Quando vai rematar todo isso...?

Voltei a sentar no colchom. Já estava bem entrada a tardinha e comecei a preocupar-me. Onde estava a minha visita? Sentei à espreita, desejando que o telefone do final da galeria soasse de umha vez para que A avisasse de que chegara a minha família. Comecei a esfianhar um dos meus cobertores nojentos e a trançar os fios para passar o tempo, figem umha corda comprida que oxalá precisasse mais tarde. Pola janela aberta entrárom as primeiras folerpas de neve, anunciando umha nevarada intensa. A luz da tardinha apagava-se pouco a pouco. A brisa da tarde trouxe o grasnido dos corvos que regressavam a casa dos campos dos arredores. Levantei-me e fum para a janela, olhei os corvos afastarem-se na distância e os milhares de luzes iluminando as vizinhanças dos arredores à medida que se iam acendendo. A paisagem ante os meus olhos converteu-se numha cheia de luzes brilhantes que se refletiam na aramagem coberta de neve e a faziam cintilar. A luz do dia invernal apagou-se e o exterior sumiu-se na escuridom. Fazia-se tarde. Agachei a corda trançada com fio num buraco do colchom, enquanto sentia como o pânico se ia apodegando de mim. Comecei a especular e a me perguntar que lhe acontecera à minha visita. Haviam de ser as 16:30 como pouco. O que acontecera?

Tocou o telefone. Estiquei o corpo, aguardando para escutar as cobiçadas palavras. O carcereiro que estava ao começo da galeria chamou por *A*. Aí vai, pensei excitado, e sentei outra vez, aguardando com impaciência. Os minutos duravam umha eternidade e nom vinha ninguém para me confirmar que a minha visita chegara. Cinco minutos já! Agora dez minutos... Por fim escuitemos o tilintar das chaves e os passos que se aproximavam. A chave soou na fechadura e a porta abriu-se. Encontrei-me de frente com *C* e *D*.

—Tés visita, escória —soltou o primeiro, com a voz destilando ódio. Se por ele for, poria-me contra a parede e daria-me um tiro na cabeça. Erguim-me do colchom, deixei os cobertores no chao e envolvim-me numha toalha. Saím ao corredor cheio de mijos.

Fazia mais calor no corredor que nas celas, notei-no de seguida. Caminhei entre o rio de urina até a cela do fundo, onde guardavam os uniformes da prisom. A visita era o único momento em que aceitávamos pô-los. Olhei para a minha volta e apanhei o uniforme que tinha mais perto. Estava prestes a pôr a camisa quando *D* dixo: «Tira a toalha e pom-te acima do espelho». Assinalava um espelho grande que estava no chao. Figem o que me dizia. Entom dixo-me que me inclinasse para frente e tocasse as pontas dos pés. Neguei-me. Chamárom por *A* e, quando chegou, agarrárom-me entre os três e obrigárom-me a inclinar-me. *A* e *D* seguravam-me enquanto *C* inspecionava o meu ânus. Depois de vários segundos soltárom-me. Erguim-me e comecei a vestir-me.

Cabrons, pensei. Nem sequer me pediram que abrisse a boca, nom lhes interessava tanto registarem-me como humilharem-me.

Sáim da cela, vestido e deprimido, tomando nota mental de que nom me examinaram a boca e lembrando-me que o pior ainda estava por vir. Fechárom-me entre as duas grades da entrada da galeria. Apresentava um aspeto desolador: a cara suja, as grenhas e a barba emaranhadas, levando um uniforme de preso vários números mais grande... mas nom me importava, quanto antes o pudesse tirar melhor, que se foda o meu aspeto! Estavam-me a torturar e nom a fazer-me a manicura. Chegou um carcereiro e abriu a grade, fora aguardava outro para me acompanhar ao centro de visitas. Conduziu-me fora e meteu-me dentro de um furgom com as janelas cegadas que aguardava à porta do pátio, com o motor aceso e o escape a cuspir fume na escuridom. Tremim ao sentar no banco duro que tinha por assento. Tinha a esperança de que mais algum companheiro dos outros módulos estivesse dentro, também aguardando para ir à sua visita, mas estava vazio e escuro. O carcereiro que me escoltava subiu à parte traseira e fechou a porta, deixando-me na escuridom total.

«Dá-lhe!» berrou, e o condutor arrincou o furgom. Saímos pola porta principal dos Módulos H, a porta principal do Inferno. O carcereiro cagou-se na porta, que estava solta, e seguiu-na para evitar que se abrisse. Pretendia dar-me conversa:

—Quanto tempo levas com o protesto do cobertor? — perguntou, e de seguida acrescentou: —Nom crês que já é hora de deixá-lo?

—Nom creio, nom... —dixem, em tom seco.

—Assim nom ides a lado nengum... —dixo, como quem que me dava um conselho.

—Ninguém vai, até que chegam aonde se propuxeram —respondim.

—Tés de estar louco. Se estivesse nas vossas condições, eu nom fazia o que estades a fazer vós.

—Estou certo que nom. Se calhar, é por isso que tu és um carcereiro e eu um preso político.

Nom deveu gostar desse comentário, porque ficou calado na escuridom. Imaginei que lhe estaria a arder o rosto.

—Além disso, —dixem, metendo o dedo na chaga —no final do dia o mais prejudicado vás ser tu.

—E isso por que? —rosnou.

—Verás, quando o governo britânico, simplesmente com pegar numha caneta, nos devolva o status de presos políticos ou, o que é mais, -acrescentei —quando anunciem a sua retirada, e nom duvides de que o ham de fazer quando nom lhes reste outra, vam-vos vender a todos. E daquela que ides fazer?

—Isso nom vai acontecer nunca —dixo, nervoso.

—Vai acontecer tal. De facto, já aconteceu noutros lugares como Chipre, Adém e Palestina. É claro que o vam voltar a fazer... —concluím, justo no momento em que o furgom se detinha.

O carcereiro abriu a porta e saiu, mandando-me segui-lo. Dei-me conta de que já nom estava de tam bom humor, conseguira assustá-lo. Nengum deles cavilava na possibilidade de que os abandonassem à sua sorte, nem de que fossem ter que responder por todas as atrocidades que co-

meteram e que continuam a cometer. Passei pelas cabinas de registo, onde estavam a inspecionar de forma exaustiva os que tornavam da visita. Eram todos presos comuns. A cabina especial para registar os presos republicanos aguardava, sinistra e hostil, a certa distância das outras. A neve acumulava-se aos pés da sua estrutura de madeira, parecia abandonada, mas funcionava. Um golpe seco e um berro agónico saírom do seu interior para o confirmar.

Entrei no pavilhão das visitas e aguardei ali debaixo da luz cegadora enquanto o carcereiro ia perguntar que cabina me correspondia. Dúzias de carcereiros fitárom para mim de cima para baixo ao passar, alguns deles fazendo o típico comentário grosseiro. Ignorei-nos. O barulho à minha volta parecia irreal. Nom estava acostumado a umha mudança de ambiente tam brusca, já nom estava no ambiente criminal que me rodeava todos os dias nos Módulos H, onde a tensão era insuportável. Aqui também havia umha cheia de carcereiros animais, mas para variar estavam preocupados por outros assuntos que nom eram eu, graças a Deus.

O carcereiro voltou e levou-me por umha grande sala de visitas.

—Cabina 7 —dixo.

Meu Deus! A cabina 7 era umha das últimas, onde se apinhavam a maioria dos carcereiros. O guarda abriu a porta e entrei noutra quarto grande. Era como sair ao palco de um teatro. Ao primeiro, atordou-me o murmurio contínuo das conversas a meia voz. E depois o fume do tabaco; as cores das roupas que vestiam os grupos de visitantes sentados nas cabinas abertas entorno às mesas, murmulhando;

a massa informe de carcereiros passeando de um extremo a outro, olhando por cima dos ombros, fazendo brincadeiras entre eles e enchendo o ar todo com as suas risadas, todo isso golpeou-me como um lôstrego.

Procurei o número das cabinas, 12, 11, 10, 9, e achegei-me à número 7. Enquanto passava pelas cabinas abertas, umha cheia de caras amáveis e compassivas devolvêrom-me o olhar. Senhoras maduras, viúvas, filhas, irmãs e irmaos, os filhos e pais dos meus camaradas. Esforcei-me por lhes devolver o sorriso, eu também sentia compaixom por eles.

—Que Deus te abençoe, filho! —berrou umha senhora.
—Mantém a cabeça ergueita!

Deu-me vontade de chorar.

—Move-te! —berrou um dos carcereiros. Como num sonho, enxerguei o interior das cabinas abertas enquanto passava. Os meus camaradas e as suas famílias sorriam e saudavam-me. Cheguei à cabina 7 e, sem o pensar, sentei no lado equivocado da mesa. Os carcereiros que espreitavam quase me comem.

—Levanta dessa cadeira já, e vem para este lado da mesa!
—soltárom-me. Competiam para ver qual era o mais duro.

Cabrons. Mudei de lado.

—Como vás, rapaz? -perguntou um companheiro com sotaque de Derry ao passar por diante da minha cabina.

—Sobrevivo —dixem, que era justo o que fazia.

—Ben por ti. Que Deus vos guarde a todos —dixo ao passar outra pessoa, umha mulher de mediana idade com um sotaque que parecia de Tyrone. Era umha viagem longa para umha visita de meia hora.

Os carcereiros continuavam a espreitar por cima e por baixo do quarto, atentos a cada palavra. O que vinhera comigo e mais três estavam junto à parede da minha cabina, de léria. Três ou quatro pessoas fôrom para a cabina que estava justo ao lado da minha. Entom apareceu a minha mae, o meu pai e a minha irmã justo detrás. Erguim-me para os saudar quando se aproximárom. Vim que a minha mae olhava rapidamente ao seu redor justo antes de abraçar-me, e notei que a sua mao tocava o lado do meu uniforme. A minha irmã e o meu pai tampavam-lhe um pouco a vista à barafunda de carcereiros à nossa volta. Os que passeavam por entre as cabinas estavam de costas nesse momento e todo passou muito rápido. Sabia o que me dera e sabia que agora o tinha no bolso esquerdo. Minha irmã abalançou-se sobre mim num abraço enquanto meu pai me apertava a mao. Os meus olhos estudavam as caras dos carcereiros, na procura de algum aceno de suspeita. Nom figérom nenhum, mas o meu coração detivo-se quando se achegárom à cabina. Minha mae sentou e eu sentei ao seu cárom. O meu pai e a minha irmã sentaram no outro lado da mesa de madeira, que servia de divisom entre o preso e as visitas.

—Oi tu! -berrou um carcereiro.

Quase caio da cadeira do susto.

—Tés que te afastar do preso, té que ir para o outro lado da mesa! —berrou à minha mae.

O coração ia-me a cem, e nom era quem de falar. Por um momento pensei que me apanharam. Era-che o que me faltava para rematar o dia.

—Como que «o preso»? —minha mae alporiçou-se.
—É o meu filho, e logo nom podó sentar com o meu filho?

—Vai ser que nom —dixo o carcereiro.

—Claro que nom pode. Som normas da prisom —outro véu na sua ajuda.

Eu estava demasiado ocupado recuperando a composutura como para me pôr a discutir. A minha mae tivo medo de que nom lhe permitissem continuar a visita e moveu a sua cadeira para o outro lado da mesa com fastio, junto à minha irmã e o meu pai.

Os carcereiros, que ficaram imóveis à espera de se cumprir a sua ordem, retirárom-se por fim a menos de um metro da cabina e voltárom à sua conversa, fitando-nos enquanto falavam em murmúrios. Virei-me na cadeira e dei-lhes as costas. Comecei a falar com a minha família.

—Como estás, filho? —perguntou a minha mae.

—Nom me vai mal, mamá —respondim, vendo a an-gústia na sua face enquanto me examinava.

—Medrou-che muito a barba da última vez que te vim —foi a brincadeira do meu pai.

A minha irmã começou a me perguntar se ia muito frio nas celas. Meu pai tirou um maço de tabaco e deu-me um cigarro. Deu-me lume com o único fósforo que lhes permitiam introduzir na sala. A minha mae apanhou-me a mao livre entre as suas. Escuíttei o som de passos às minhas costas. Sabia que os guardas ajejavam cada movimento e punham atençom a cada palavra.

—E vós como estades? —perguntei e acrescentei que tinham os três muito bom aspeto. A cabeça flotava-me um

pouco polo cigarro, mas levava sonhando com ele tanto tempo que nom o quixem soltar.

—Como lhe vai a todo mundo? —perguntei e escutei com atençom todo o que me contárom.

Pisavam-se falando, havia tanto que contar e eu tinha tantas perguntas! Era umha conversa animada. Ignorávamos os nossos espions e baixávamos a voz até um murmúrio quase nom audível quando surgia algum tema que nom queríamos que escuitassem. Preferiria que nom escuitassem nada, mas nom se podia fazer outra cousa. Os meus pais olhavam para eles cada pouco mas eu sabia que nom se iam aproximar. A minha irmã estava-me a contar cousinhas e novidades. Procurava armazenar toda a informaçom na minha mente para a contar depois aos meus companheiros e ao mesmo tempo tentava lembrar todo o que lhes queria perguntar. A minha mae segredou-me que tivesse cuidado com o pacotinho que me dera. Dixo que continha um pouco de tabaco, todo o compactado que pudera, papel e umha notinha da minha irmã Bernadette. A minha mente bulia, atesourando as novas, perguntando isto e aquilo. Alguns morreram ou estavam a morrer, parecia que a todo mundo lhe dera por casar, os soldados voltaram a irromper na casa e detiveram o filho deste e o daquele. Começava a haver umha cheia de greves aqui e Inglaterra estava completamente infestada. Nos jornais saíra o do andaço de gripe, os banhos e os cortes de cabelo forçados que fígeram nos Módulos H. Em Falls Road, junto a Dunville Park, pugeram umha árvore de Natal com os nomes de todos os presos políticos pendurados dela.

Guardava toda a informação na minha mente enquanto pensava no pacotinho de tabaco que tinha no bolso esquerdo. Figem um reconto rápido de como estavam as cousas e dixem-lhes que fossem polo Comité de Informação dos Módulos H para dar conta do que figeram a Pee Wee O'Donnell, Liam Clarke e Seán Hughes, e de todo o que sucedera durante a troca de cela. A minha barba agachava as marcas do espancamento daquela manhã, mas minha mae e minha irmã examinárom-me a cara e as maos na procura de signos de maltrato. Continuavam a perguntar se todo ia bem. Prendim outro cigarro com a cabicha do primeiro, já nom me doía a cabeça. As outras cabinas esvaziavam-se pouco a pouco, ouvia como a gente se dirigia para a porta de saída às minhas costas, mas nom me virei. Já o vira outras vezes e nom queria ver de novo aqueles rostos desesperados, quebrados pola dor. A minha irmã contou-me como lhe ia à sua criança. A minha mae falou do que lera no *Republican News* dessa semana e o meu pai comentou-no também.

Dei-lhes alguns recados para os familiares dos companheiros. Escutei atentamente enquanto me contavam os detalhes da última manifestação. O meu pai entrevistou outra vez para me falar do interesse que a situação dos Módulos H estava a suscitar nos Estados Unidos, França e outros países europeus. A conversa prosseguiu e eu acendim outro cigarro. Polo relógio do meu pai, que eu nom deixava de olhar, ainda restavam doce minutos.

«Boa sorte e que Deus vos abençoe a todos!» gritou um visitante que ia embora. Decatei-me de que o meu corpo

sujo devia feder, mas nom lhe dei importância. A minha família nom comentara nada, como sempre. A minha irmã contou-me como andavam as cousas polo bairro e quem vinhera pola casa dos meus pais a perguntar por mim, e também como lhe ia ao seu homem. Minha mae começou a falar de umha revolta que houvera no bairro e justo nesse momento um carcereiro interrompeu-na.

—Ala, já está, rematou o tempo! -berrou sobre o meu ombro, sustendo a permissom de visita para que a minha mae percebesse que tinham de se ir embora.

—Ainda restam dez minutos da minha meia hora —dixem sem me alporiçar.

—Meu Deus, pois conta-lho entom ao diretor —respondeu desafiante.

A minha mae e a minha irmã fitárom-me angustiadas.

—Tanto fai, filho, decerto que só faltavam um par de minutos... —dixo a minha mae, preocupada polas consequências que podia ter para mim um confronto com o guarda.

Erguim-me da cadeira, sabia que a visita concluía, tanto tinha o que digesse. Estava triste e anojado, mas nom queria que a minha família se preocupasse, tinham cousas suficientes em que matinar. A minha mae e a minha irmã abraçárom-me e cobrírom-me de beijos, enquanto as bágoas, aparecidas de repente como saídas do nada, lhes caíam polas meixelas.

Essa visom tocou-me no mais fundo.

Os carcereiros metiam-me pressa.

—Vamos, move-te! Dá-lhe! Já avonda, vem por aqui!

—Vejo-vos o mês que vem —dixem à minha mae e à minha irmã, enquanto o meu pai aproveitava para apertar a minha mao justo antes de que os carcereiros me levassem literalmente arrasto para a saída dos presos. Enxerguei o que ficava dos outros grupos, sussurrando-se cousas no ouvido apinhados por volta das mesas. Em algumas das cabinas havia um carcereiro sentado ao lado do preso. Eram as famosas «visitas de apelaçom», e se dizias umha só palavra que nom tivesse a ver com a causa de apelaçom, os carcereiros saltavam-che em cima como cans de presa e ali acabava a comunicaçom. Pudem ver a minha família dizendo-me adeus com a mao antes de que os carcereiros me fechassem a porta no focinho.

—Tu! —bramou um —Aguarda aqui!

Nom era o mesmo que me escoltara à ida, que já desaparecera, e parecia que ia permanecer com este cabrom, que agora fora preencher o registro da visita. Fiquei ali no meio tremendo ligeiramente. Estava desorientado e sentia-me enfermo, nom estava afeito a sair da minha nojenta tumba em forma de cela. Ver outras pessoas que me sorriam, os rostos amigos, as expressons ledas e a vestimenta cheia de cor, o alívio de poder ver a minha família, só isso já era demasiado para o meu corpo desfeito e a minha mente torturada.

Ao meu redor havia um grande balbordo, carcereiros por toda a parte.

Jesus, Maria e José, o pacotinho! Toquei o bolso do uniforme presa do pânico. Ainda estava ali... Olhei à minha volta e, quando pareceu seguro, metim a mao no bolso e apanhei-no. Um carcereiro passou ao meu carom, fitando-

-me de cima para baixo. Agarrei o pacotinho como se fosse umha bomba e preguei por que o meu escolta nom voltasse nesse momento.

Via livre. Arrisquei-me e num segundo metim o pacotinho na boca. Era pequeno de avondo e estava envolto num pedaço de celofane. Procurei o meu reflexo na janela que tinha diante. A barba agachava qualquer vulto delator. Agora só tinha de aguentar um pouco mais. Passárom-me por diante outros carcereiros, com o seu ar inquisidor, buscando, osmando como se eu fosse alguma cousa fora do normal. E claro que era. Fitei o meu reflexo na janela: o cabelo desguedelhado e sujo, a barba comprida e em desalinho que mais parecia um mato; a minha face, de um branco fantasmal, sucada de rugas e avelhentada prematuramente, quase dava medo; as meixelas afundadas formavam dous buracos escuros desde os que uns olhos vidrosos me olhavam em fite. E finalmente, oculto de olhadas curiosas polo uniforme da prisom, estava o meu corpo desfeito.

—Dá-lhe! Move-te! —de novo o bramido interrompeu os meus pensamentos. Deixei de me examinar no vidro e bottei a andar para as cabinas de registo do exterior. Passei por diante da primeira cabina, onde se inspecionava os presos comuns e cheguei à segunda, para os que estavam em preventiva. A terceira cabina, que infelizmente conhecia de sobra, aguardava afastada do resto, com o seu ar desolado, cinzento e sinistro. Era a «cabina especial» onde revistavam os presos das cobertores, os prisioneiros de guerra republicanos.

—Entra aí! —o carcereiro que me escoltava, sempre atrás de mim, voltou a rosnar.

Nom era quem nem de tragar saliva por culpa do pacotinho. Notei a impaciência na sua voz. Nom podia aguardar a ter-me ali dentro, quase me fai atravessar a porta. Por dentro, a cabina era tam cinzenta como no exterior. Vários carcereiros aguardavam, aquecendo as maos ao redor de um braseiro. Fora ia frio. O chao ainda estava coberto por umha camada de neve. O pânico apoderou-se de mim quando cada um me fitou, como era de esperar. Aguardei polas temíveis palavras, que tés na boca?, mas nunca chegárom. Fiquei ali de pé, olhando à minha volta. Passou umha eternidade. O interior da cabina era mais acolhedor que a tumba gélida à que me dirigia. Havia algumas cadeiras e, acima da aquecedor, um balde de plástico cheio de um desinfetante azul, junto a um feixe de toalhas de papel. Sobre o piso, um pouco fora de lugar, havia um grande espelho que tinha um mango de madeira. Os carcereiros apinhárom-se ao meu redor, com as porras pendurando da cintura. Por algumha estúpida razom pensei numha visita ao dentista. Nom sei porquê, todos os dentistas que visitei na minha vida eram amáveis e delicados.

—Vamos, despe-te! —rosnou um, bruscamente.

Despim-me e fiquei completamente nu diante deles. Fitárom o meu corpo malhado. Sentia-me envergonhado e incapaz de adivinhar as suas intençons. A humilhaçom era pouca cousa comparada com a gorja seca, com a pequena bomba de relógio que tinha na boca. A minha cabeça bulia pensando no que tinha por diante, sobretudo, se me descobriam o pacotinho.

Já é triste o que têm de fazer para achar umha notinha de amor da namorada, a carta de umha mae preocupada ou um simples pacotinho de tabaco. É vontade de torturar e humilhar.

—Dá a volta —berrou outro dos valentons. Virei até dar umha volta completa. Enquanto me examinavam, o pânico apoderou-se de mim. Aguardei pola seguinte ordem: abre a boca.

—Dá a volta outra vez —ordenou o carcereiro que me escoltara.

Já avondava, estavam a desfrutar com aquilo. Se pudessem abrir a boca para falar, diria-lhes que já me humilharam bastante, e que se queriam mais humilhação, que experimentassem a arrastar-se eles próprios, eu já nom aturava mais vexaçõs. Nom me movim. O carcereiro ameaçou-me e repetiu a sua ordem. Ignorei-no. Parecia que o céu lhes caísse em cima, por um momento ficárom parados, sem saberem o que fazer. Olhárom-me com desconcerto, nom podiam acreditar que eu ousasse desobedecer umha ordem. A cor vermelha da raiva assomou-lhes às caras perplexas. «Aí o vem» pensei, «vam-me dar mais bem...»

—Pom-te contra essa parede e abre pernas e braços —murmurou um, rachando com o silêncio. Continuei sem me mover do sítio, apesar de que tremia como um vime, e nom de frio. Estava aterrorizado, a pique de sofrer um ataque. Pensei que ia vomitar o pacote ali mesmo.

Segurárom-me polos braços e atirárom-me contra a parede de madeira com um golpe seco. Separárom-me braços e pernas. Um deles deu-me umha pancada nos cadris en-

quanto que outros me davam patadas para que separasse mais as pernas. Pensei que me iam arrancar os braços e umha dor insuportável apoderou-se do meu corpo malhado. Continuárom a patear os meus tornozelos com as suas pesadas botas, sem deixarem de berrar e de me ameaçar.

Sentim as beiras frias do espelho enquanto o metiam entre as minhas pernas. Estavam a inspecionar o meu ânus, usando o espelho para ter umha visual completa. Umha mao penetrou-me com força e foçou dentro de mim. Desiludidos por nom acharem nada, começaram a dar-me patadas na parte posterior dos joelhos até que me encrequenei. Voltárom-me a inspecionar com a ajuda do espelho. Para rematar, choveu-me em cima um cento de golpes e pancadas.

Caím ao chao molhado e sujo pola neve que se acumulara nas suas botas. Erguim-me de seguida, só meio consciente da dor que me atenazava. Tentei tragar saliva e quase trago o pacote. Pior, por pouco nom o cuspo no chao. A minha cara contraía-se enquanto procurava aguentar a tosse. Agarrei o uniforme e vestim-me tam depressa como pudem, para estar pronto antes de que rematassem de lavar as suas maos sádicas no balde do desinfetante.

—A ver se assim dás com a língua nos dentes a próxima vez — saltou um deles, enquanto secava as maos com umha toalha de papel.

A mínima alusom à boca fazia-me tremer de pés a cabeça. Apressei a vestir-me. Umha mao remexeu o meu cabelo para ver se tinha algumha cousa agachada atrás das orelhas. Assustei-me e quixem tirar o pacotinho da boca e

metê-lo outra vez no peto, onde sabia que nom iam voltar a olhar, mas justo nesse momento o dono da maõ voltou para o balde, onde lhe deixaram um lugar para se lavar.

Tentei chegar à porta como podem, com a roupa meio colgando e o corpo desfeito. O carcereiro que me escoltara até ali seguiu-me como umha chama. Cruzei a porta à espera de escuitar o típico «onde pensas que vás? Ainda nom acabamos!», mas nom aconteceu nada.

Ardia-me a garganta. O ar fresco deu-me de cheio e reanimou-me um pouco. Alguns dos companheiros dos outros módulos estavam ali fora, pálidos como fantasmas cobertos de neve, aguardando o seu turno. Sem dúvida, escuitaram os berros e os golpes e sabiam que depois lhes havia de tocar a eles.

—Todo bem, Bobby? —perguntou um deles.

Nom podia responder. Figem um aceno com a cabeça para agradecer o gesto. Pensei no que lhes esperava e aliviou-me um pouco pensar que eu já deixara atrás aquela tortura. Comecei a caminhar lentamente para os Módulos H. O furgom nom estava e fijo-me bem o passeio, era um luxo poder desfrutar de uns minutos de ar fresco. Superara o primeiro obstáculo, o pior.

A estrada que tinha a frente era ampla e estava coberta de neve. As folerpas cobriam os valados de madeira escura dos lados e ficavam presas nos quilómetros de arame farpado que me rodeavam. Todo estava protegido por valados e arame farpado. Umha selva de arame, flanqueada a intervalos regulares por sinistros postes de vigilância camuflados, desde os quais os soldados ingleses controlavam toda a

prisom. Lembrou-me um filme que vira quando era novo, em que aparecia um campo de concentração nazista em pleno inverno. Lembro que, a pesar de ser bem novo, ficara muito impressionado vendo aquela cena na segurança do meu sofá junto à lareira. Daquela pensara que um lugar assim era umha aberração do passado, nom pensei que algo semelhante se voltasse a permitir, com certeza nom na Irlanda, e o que menos esperava era que me ia tocar vivê-lo em primeira pessoa.

Lembrei-me dos familiares que vira a latricarem e a se-gredarem entorno às mesas da sala de visitas, os rostos das maes sucados pola preocupação, os pais emudecidos e as crianças a chorar enquanto aqueles monstros vestidos de preto arrastavam aos seus pais pola sala. Eram os mesmos monstros desalmados que espreitavam às nossas costas para escuitarem cada palavra que dizíamos, que obrigavam a nossa gente a fazer fila durante todo o dia para umha visita de meia hora, alindando-os como gado de umha porta a outra, de um registro vergonhoso a outro.

Desprezavam as nossas famílias tanto como a nós. Insultava-nos, jogavam com eles como lhes dava na gana e partiam-lhes o coração torturando os seus filhos e filhas. Quando era menino era muito inocente. E agora estava prestes a voltar a umha tumba de cimento fedorenta, a lutar por sobreviver, para defender o meu direito de ser tratado como um prisioneiro de guerra, um direito polo que nunca vou deixar de lutar.

O Módulo H perfilava-se perante mim, para a direita. Aguardei a que se abrisse a porta do inferno. Dentro reina-

va um silêncio inquietante, nem umha brisa, nem o canto de um pássaro... Também em Belsen nom tinham motivos para cantar. Atravessei a porta do inferno.

Cruzei o pátio até a porta principal do módulo. Os companheiros da outra galeria estavam debruçados nas suas janelas à minha esquerda. As luzes estavam acesas em algumas celas, o resto estavam sumidas na escuridom. As celas iluminadas pareciam pequenas furnas, com os seus habitantes envoltos em cobertores esfianhados. Davam um pouco de medo, com as barbas compridas e as caras pálidas, fitando-me por trás das grades de cimento. Nas celas que estavam a escuras distinguiam-se algumas sombras a se mexerem.

—Como vai, Bobby? —berrou um dos rapazes. Nom podia responder e saudei com a maõ, sentindo-me um pouco imbecil.

—Já nom fica muito! —berrou outro.

Começárom a fazer brincadeiras e a olhar polas janelas. Olhei à minha direita, à parte da H em que estava a minha galeria. Ali nom havia janelas, nem sinal de luz. Todo o exterior da galeria estava cercado com a estrutura de madeira e ferro que tapava a luz e as vistas. Graças a Deus, ainda nom chegaram ao outro lado da galeria, onde estava a minha cela, mas pouco lhes faltava.

Entreí no módulo e aguardei diante das grades de ferro, o meu escolta nom solicitado desapareceu. Passárom-me de umha grade à outra, até que A apareceu e me fijo entrar no meu módulo. Por todo o corredor ecoava o exasperante ruído da máquina que aspirava as poças de urina que ainda

manchavam o chão. O carrinho da ceia estava na porta da cela de registo. Passei por diante dele e reparei na fina película que se formara sobre o chá gelado. As fatias de pãe apiadas estavam cambadas e ressecas. Em cada prato havia um pedaço de carne que queria ser umha hamburguesa e uns vinte feijons.

Entrei na cela de registo e a vista de *C* e *D* fijo-me esquecer a comida de golpe. Enquanto caminhava diante do carcereiro que me escoltara, fora quem de mexer o pacote na boca e tragar saliva, mas agora voltava a ter a gorja seca. Comecei a tirar a roupa, mais dous minutos e estaria a salvo, só dous minutos... Tirei as calças e pugem a toalha arredor da cintura outra vez. Nom acabara de enrolá-la quando *D* dixo: «Tira a toalha e dá a volta!». Fígem o que me mandara, aguardando pola ordem de me dobrar, mas surpreendentemente nom aconteceu nada. Agarrei a toalha e enrolei-na outra vez na cintura enquanto caminhava para a porta. Agora saberia se o conseguira ou nom. Saím da cela à espera de que me detivessem outra vez para buscar o pacote, mas nom dixérom nada. Quase nom podia acreditar.

A dixo em tom burlom:

—Vai levando a tua ceia para a cela, nom vaia ser que se arrefeça...

A *C* e a *D* pareceu-lhes muito engraçado. Os zeladores escaralhavam-se.

Ignorei-nos e apanhei um prato e um copo, reparando outra vez no cotroso da ementa.

Avancei polo corredor que já estava seco no meu lado. O carcereiro, que manejava a máquina, já quase acabara de

aspirar as poças da parte mais afastada. O ruído era ensurdecedor. Sentia-me tam feliz como as cotovias, e nom podia esperar a chegar à cela. Nom suportava a ideia de estar outra vez ali, mas queria cuspir de umha vez o meu pacotinho de contrabando. A abriu a porta e entrei na escuridom da minha tumba gélida e fedorenta. A porta fechou-se de golpe e fiquei sumido na escuridom.

Ganhara.

Encantaria-me dizer-lhes que os enganara, que me rira nas suas caras, sobretudo, ao cabrom de C. Nom podia pensar que safasse tam doadamente.

Bem!

Deixei a ceia fria no chao e tirei o pacote da boca. Foi um alívio. Estava húmido e sequei-no com a ponta da toalha. Nom podia examinar na escuridom, teria de o deixar para depois. Cobrim-me com os três cobertores e agachei o pacotinho na prega da cobertor que tinha ao redor da cintura. As portas abriam-se e fechavam-se de golpe enquanto os zeladores levavam a comida às celas. O zumbido da máquina aspiradora ainda ressoava no corredor, seguramente a deixassem acesa umhas horas mais para nos amolarem.

Queria saber se acontecera algumha cousa enquanto estivera fora. Atirei o chá frio pola janela e dei umha vista de olhos aos cantos da cela onde se amontoava o lixo, por se entrara algumha ratazana aventureira enquanto nom estava. Nom seria a primeira vez que ocorria, mesmo umha vez entraram quando eu estava a dormir. Sentei no colchom e comecei a roer a ceia fria, cavilando no evento mais importante do mês, a minha visita. Quando rematei, deixei o

prato e o copo junto à porta. Voltara à luta pela sobrevivência. Estava com frio e ergui-me para retomar o meu caminho sem fim na escuridão. Assegurei-me de que o pacotinho continuava no sítio e gabei-me do meu sucesso. Ainda não me explicava porquê *C* e *D* não me inspecionaram à volta. Pareciam impacientes por me meterem de novo na cela.

O chão estava gelado, estendim um cobertor para poder caminhar. Fora ainda ficava neve. Começara a nevar lenemente e minúsculas foleiras entravam pela janela. A máquina aspiradora, que deixaram acesa a propósito, continuava a retumbar no corredor. Tentei pensar noutra coisa para esquecer aquele estrondo. Gostaria de contar a Seán como burlara os carcereiros, mas não me escutaria. Pensei nas *scéal* que me contaram durante a visita, depois ia ter de as contar eu aos companheiros. Não havia de faltar muito para que trouxessem a derradeira comida do dia, porque a ceia a serviram muito tarde. Também não podia esperar muito daquilo, possivelmente seria outro copo de chá frio e um pouco de pão com margarina. O importante era que depois os carcereiros iam fechar as nossas portas com chave e não voltariam a entrar em nenhuma cela até a manhã seguinte.

Deitei umha vista de olhos fora da janela e pensei que mais tarde, quando todo estivesse em calma, poderia ver as ratazanas correrem de um lado a outro do pátio. Não ia ser capaz de me deitar muito cedo, porque o frio não me deixaria dormir. Estava extenuado, mas o dia ainda não rematara. Perguntei-me como se sentiriam os companheiros

que estavam nas celas de castigo. Talvez alguém de outro módulo voltara hoje de ali e sabia se acontecera algo mais. Tam depressa como os carcereiros se fossem para a casa e as cousas se acalmassem, começaria o intercâmbio de mensagens aos berros entre os módulos.

Escuיתי fechar-se a porta da cela de enfrente. Quase nom se ouvia. Haviam de estar a recolher os pratos. Nom fazia sentido avisar, com o ruído da máquina ninguém me ia ouvir.

Abriu-se a porta da minha cela e acendêrom a luz. O zelador apanhou os pratos do chao e fechou de novo a porta. Nom vim os carcereiros, porque a luz me cegara momentaneamente. A mudança de trevas a luz fazia-me picar os olhos. Pouco a pouco, voltei a descobrir a porcaria que me rodeava. As fatias de pam resseço que nom comera somavam-se agora à esterqueira do recanto. Reparei nas marcas que tinha o pam e apanhei umha das fatias do lixo. Estava cheia de mofo. Ainda bem que nom tocara o pam. O resto das fatias estavam igual. Agora percebia porquê *C* e *D* nom me figeram dobrar-me, porquê me meteram tanta pressa para que tornasse à cela a comer a ceia. Estivera tam preocupado polo vulto da minha boca que nom me detivera a olhar o pam quando volvia para a cela.

A máquina bramava no corredor. A luz da cela brilhava e doíam-me os olhos. Sentim os primeiros signos da dor de cabeça que se avizinhava. Continuava a dar voltas, inspirando profundamente bafejadas do ar que entrava pola janela, para me livrar da sensaçom abafante de tontura que me rondava. O ruído da máquina fazia-se cada vez mais insuportável. Fora a temperatura estava a cair e a geada

que cobria o arame farpado virara mais espessa. Tirei o pacotinho e estudei-no. Podia ver o que continha através do celofane: a carta, a mortalha e a tabaco escuro. Ainda nom era o momento de abrí-lo, portanto, guardei-no de novo na prega da cobertor. Ter na minha posse umha notinha da minha irmã, uns quantos papéis de fumar e umhas gramas de tabaco fazia-me sentir como um rei.

Que aconteceria se abrissem a porta agora mesmo e me deixassem livre? Acho que nom o suportaria. Meu Deus, se quase nom podia nem com umha visita! Nom podia imaginar como me sentiria se de repente me liberassem daquela tortura. Aprendera a apreciar as pequenas cousas que pareciam nom ter importância, as que antes dava por verdadeiras e aquelas das que nem sequer me dava conta. Quando fora a última vez que comera um prato quente e decente? Era raro pensar como um se ia adaptando a todo, especialmente quando estava esfameado. Lembrei os veras em que os carcereiros e os zeladores metiam vermes na comida. Nom havia outra que afastarmo-los e começar a comer como se nada. Ou isso ou morrer de fome...

O estrondo da máquina parou de súpeto e um silêncio irreal e terrível caiu sobre o módulo. Sentim os passos do carcereiro que a apagara, aproximando-se. Olhei pola fenda da porta, era A. Passou por diante da minha cela até o escritório. Tinha o televisor aceso, mas nom distinguia o que diziam porque os zeladores estavam a montar barulho. Escutei C berrar: «Vamos!». O ruído cessou no momento e foi substituído polo som do carrinho do chá, que se achegava.

«Trazem o chá!» gritou alguém em gaélico.

Começárom a abrir e fechar as portas. Passárom por diante da minha enquanto serviam aos do outro lado do corredor. Umhas celas mais adiante alguém cantava para animar um pouco a galeria. O carrinho chegou por fim à minha porta. Quando a abrírom, fitei aquelas caras odiosas. O zelador deu-me um copo de chá e umha fatia de pam dobrada em dous. Surpreendim *D* aguentando o riso quando comecei a inspecionar o pam na procura de restos de mofo. Aquele naco nom tinha.

Fechárom a porta de golpe e voltei para o colchom, reparando no calor inusual que emanava do copo de chá. Estava quente! Nom podia acreditar. Sentei e experimentei-no com cautela. Era como beber água. De facto, do chá tinha só a cor, mas bebim-no igual. Numha noite como aquela qualquer cousa quente era um presente do céu, mesmo a água. Mastiguei a fatia de pam e sorvim o chá quente. Nom faltava muito para que fechassem com chave. Recreei-me pensando no pacotinho e nos cigarros que ia poder fumar.

Meus pais e minha irmã haviam de estar já na casa e nom se deviam sentir muito bem. Passaram um dia muito duro e, após verem o meu aspeto, com certeza estariam preocupados. Pensei nos pais e as maes de todos os companheiros que participávamos na greve de higiene ou os que tinham as filhas no cárcere de Armagh, também em greve. Devia ser muito duro para todas as famílias. Havia dor por toda a parte. Isso era todo o que saía daqueles buracos imundos, dor e sofrimento.

Nom podem acabar o chá. Já estava frio e dava-me arcadas. Erguim-me e deitei-no pola janela, olhando a nuvenzinha de vapor que se formou quando o chá tocou a neve. Deixei o copo na porta e voltei a caminhar pola cela justo quando as portas começavam a abrir-se e fechar-se.

«Levam os copos!» gritárom.

Tinha os pés congelados. Para entrar em calor, batim-nos contra a cobertor que tinha no chao. Prometia ser umha noite muito fria. O companheiro que estivera a cantar entoou outra melodia. Nom era que houvesse motivos para cantar, mas era umha forma de vencer aquela monotonia terrível. Eu também estava morto de aborrecimento, mas sobretudo estava impaciente, nom podia aguardar a abrir o pacotinho.

Entrárom na cela e levárom o copo. Nem sequer levantei a vista. Carcereiros e zeladores avançavam polo corredor. Sentei outra vez no colchom para descansar. Do outro lado do corredor, havia oito rapazes que fumavam e do meu nove, mas três estavam no módulo de castigo, com o qual éramos catorze contando-me a mim. Esta noite havia de enrolar um cigarro para cada um e pode que me sobrasse um pouco de tabaco. Para lhes dar os cigarros, tinha de passar umha corda por debaixo da porta com a fenda mais ancha e fazê-la chegar ao outro lado do corredor. Os companheiros que estavam naquele lado nom podiam usar as janelas para mandar o carro, porque estavam fechadas. Amanharam-se para fazer uns buraquinhos nas paredes, justo por onde baixavam os canos e passavam por ali os cigarros e o isqueiro, que se fazia com um pedaço de vidro, umha pedra e um

pouquinho de lá. Com isso prendia-se umha mecha, que se passava com tento de umha cela à seguinte, até que todo o mundo tinha lume. Mandar um carro até o outro lado do corredor era perigoso e complicado. Os carcereiros sabiam que o fazíamos e sempre estavam ao ajejo, caminhando nos bicos dos pés para nos tentarem apanhar. E como aquela noite tocava guarda a B havia que ir com muito cuidado. Olhei se a corda que tecera à tarde continuava no sítio. Ali continuava.

Seán bateu à parede.

—Achega-te ao cano -dixem-lhe, e deitei-me no colchom, colando a cabeça ao cano que baixava pola parede. Nom davam demasiado calor, e a pouca que havia escapava pola janela aberta e perdia-se na noite escura e fria.

—Já estou, Bobby —chamou Seán, ansioso.

—*Go h-an mhaith*²³, Seán —respondim contente. —
Conseguim volver com o tema...

Sabia a que me referia.

—*Maith thú*²⁴ —dixo.

Falei-lhe da minha visita e do que ocorrera durante os registos. Sentim a excitação crescer na sua voz à medida que lhe relatava todo o acontecido, quando lhe falei da quantidade de gente que fora à manifestação de apoio e da ofensiva maciça no âmbito da nossa guerra. Polo geral, as cousas iam melhor. Todas as tentativas do governo inglês de criminalizar o Movimento Republicano fracassaram miseravelmente e todo o mundo sabia a verdade sobre as torturas nos Módulos H. Continuei a falar com Seán. Ao cabo de um tempo comecei a me ressentir daquela posição

tam incómoda, com a cabeça apoiada entre o cano e a parede, e voltei a caminhar um pouco. Tinha os pés congelados. Seán percebeu-no, porque estava nas mesmas condições. Dixem-lhe que havia de falar com ele mais tarde. Deixamos cada um o seu recanto para retomar o nosso passeio interminável justo onde o deixáramos.

Os carcereiros começaram a fechar portas e grades, preparando a prisom para a noite. Os zeladores já estavam nos seus quartos, duas salas grandes pegadas às galerias, abertas e equipadas para eles, com luxos como televisor, rádios, toca-discos e outra cheia de cousas. Esse era o pagamento pelo trabalho sujo que desempenhavam excepcionalmente bem. É certo que alguns dos zeladores nom nos incomodavam, mas eram os menos.

A, *C* e *D* estavam na entrada da galeria, falando e contando anedotas, à espera da hora de fechar as celas. Nom podia faltar muito, uns quinze minutos, calculei. Tinham de fazer o reconto duas vezes, primeiro os carcereiros que iam embora, *A* e companhia, e depois os que tinham guarda noturna, que estavam prestes a chegar. Estes últimos eram só quatro. Às vezes olhavam a TV, jogavam às cartas ou emborrachavam-se até o cu fazer bico e nom nos amolavam. Porém, a maioria das noites havia problemas, especialmente se tocava turno a *B*, como aquela noite...

Estava canso de caminhar. Decidim sentar e correr o risco de abrir o pacotinho. Era pouco provável que vinhessem registar a cela, mas sempre havia aquela possibilidade e tinha de ser cauteloso. Seria terrível que me descobrissem, depois de todo o que passara. Contodo, estava demasiado

impaciente para aguardar mais. Apanhei o prezado tesouro, desenvolvim-no e tirei a nota. Antes de começar a ler a carta da minha irmã, envolvim de novo o pacote no celofane, à cautela. Fiquei imóvel durante dous ou três minutos, procurando assimilar cada palavra da sua escrita pequena e clara. Quando rematei, voltei-na a ler. Que bem sentava ter notícias suas. Passara umha eternidade desde a última vez que a vira, mas parecia estar bem, mais preocupada por mim que por qualquer outra cousa. Perguntava polos companheiros que conhecia. Tinha de lhe fazer chegar umha resposta o antes possível. Para escrevermos, só tínhamos um lápis e umha recarga de caneta que estavam a passar sempre de cela em cela, de um extremo a outro da galeria. Com letra minúscula, cobríamos os pedacinhos de papel de tigre que faziam de notas para as nossas esposas, maes e moças, ou para enviarmos cartas à imprensa e relatórios sobre as torturas ao Comité de Informação dos Módulos H. Eu tinha de aguardar o meu turno, como todos os demais.

Despedacei a nota da minha irmã em papelinhos diminutos e botei-na pola janela. Olhei como os fragmentos de carta se afastavam voando polo pátio coberto de neve até desaparecerem na nevisca. A e companhia ainda estavam na entrada da galeria, onda as grades. Podia ouvir o tilintar das chaves e algum murmúrio ocasional. Decidim arriscar-me outra vez e voltei a abrir o pacote para ir enrolando os cigarros e tê-los prontos para os mandar no carro mais tarde. Desenrolei o celofane e tirei o montinho de tabaco, que estava muito fresco e devidamente prensado. Comecei a desfiá-lo entre os dedos, até se converter numha moreia de

moedura solta. O aroma do tabaco era um contraste agradável com o fedor insuportável que inundava a cela. Separei os papéis de fumar um a um até ter para todos e mesmo algum de mais. Quando estivo todo pronto, comecei a enrolar os cigarros, com os ouvidos alerta para perceber o mínimo ruído de passos ou de chaves, repetindo-me o tempo todo que já nom restava muito para estar deitado no colchom fumando um dos pitos que estava a preparar.

Cinco prontos. Comecei a enrolar o sexto. Pensei no importante que chegava a ser um simples cigarro e como podia ajudar a levantar o moral, mesmo para os companheiros que nom fumavam. De algum jeito, todos desfrutávamos sabendo que um de nós conseguira enganar os cabrons de A e C, isso só já era muito. Apanhei outro papel para enrolar o sétimo cigarro.

—Mouros na costa!

Escuetei o tilintar de umha chave e cobrim todo com o cobertor justo no momento em que a minha fechadura cedia e abriam a porta. Tentei agir com normalidade, mas estava aterrorizado. A botou um olho dentro da cela.

—Um! -contou, enquanto B fechava de um golpe.

—Reconto! —berrei, com a voz a tremer.

—Dous! —escuetei a voz de A e a porta de Seán.

—Quatro... Seis... Oito... —continuavam a avançar polo corredor.

Um calafrio percorreu-me o corpo. Pouco faltara. Olhei para a cobertor que cobria o tabaco e os pitos já enrolados. Um deles via-se um pouco, mas nom se deram conta. Fiquei pegado ao colchom enquanto continuava o reconto.

—Vinte... vinte e dous... vinte e quatro... vinte e seis...
—contou A.

—Caminho livre! —gritou um dos rapazes quando passara o perigo.

A, C e D fôrom-se da galeria e fechárom a porta do escritório de um golpe.

Recobrei a calma e o meu tabaco de contrabando e pugem-me a enrolar cigarros. Tinha de ter todo preparado antes do último reconto da noite. Além disso, íamos notar a presença de B muito antes que chegasse à galeria, do bêbado que ia vir. Continuei ao meu até que todos os cigarros estivérom feitos, depois dividim-nos em dous pacotinhos, um para os companheiros do outro lado do corredor e outro para os da minha maõ.

Apanhei a corda que trançara com os fios dos cobertores e atei os dous pacotes num extremo. Depois atei-na a umha côdea de pam mofento para a medir. Chamei por Seán na parede.

—Olá! —gritou.

—Tira a maõ —respondim e comecei a cambalear a corda pola janela. Quando a agarrou, expliquei-lhe o que havia em cada pacote. Dixem-lhe que lhe passasse a corda e um dos pacotes ao companheiro que ia mandar o carro ao outro extremo, para que se fosse preparando. Seán petou na outra parede da sua cela e começou a passar os cigarros. Guardei o meu e outros mais dous, para Seán e para mim, debaixo da almofada.

Umha grade que se abria, um tilintar de chaves e um rosário de obscenidades anunciárom a chegada de B. Os

passos chegaram até o final do corredor e o derradeiro reconto do dia começou no extremo mais afastado. Fôrom abrindo e fechando portas até que chegaram à minha. *B* assomou a cabeça. Quase nom se tinha em pé e nom era quem de contar. Saiu bambeando e fechou a porta.

—Caminho livre! —chegou o sinal de que passara o perigo.

Ninguém se preocupara de avisar da chegada de *B*, porque ele só se figura notar.

Caiu o silêncio sobre a galeria. No extremo do corredor, umha voz berrou:

—Muito bem, agora vamos rezar o Rosário. Quem quer rezar o primeiro mistério?

—Eu! —berrou alguém.

—E o segundo?

—Eu! —dixo Seán.

Outros três companheiros oferecêrom-se para recitar o que faltava.

—Hoje tocam os mistérios dolorosos! -dixo a voz. Per-signou-se e começou a rezar. Os companheiros gritárom umha oraçom após outra desde as suas celas.

A metade do terceiro mistério, um carcereiro começou a bater nas grades com a porra. Continuárom com o Rosário, e finalmente o carcereiro aborreceu-se e foi-se. Quando rematárom as oraçoms, a galeria animou-se e encheu-se de conversas.

Os rapazes do fundo do corredor decidírom mandar o carro antes de que *B* ou qualquer outro voltassem a osmar pola galeria.

—Oi, Bobby, vigias tu? —gritou um dos companheiros.

—Sem falho! —respondim, e apostei-me junto à fenda da porta.

Mandar a carroça até o outro lado do corredor era umha operação complicada.

—Seán, tu vês algumha cousa desde a tua porta? —perguntou a mesma voz.

—Nom vejo! —respondeu Seán.

—Eu sim! —gritou um dos rapazes do fundo.

—Vês a porta de Gerard?

—Perfeitamente!

—*Maith thú*²⁵ —dixo o que ia mandar o carro. —Daquela podes-nos guiar...

—Estás aí, Bobby? —perguntou alguém. Se nos apanhavam com a corda, seria umha catástrofe.

—Estou! —respondim. Nom me atrevia a descolar o olho da fenda.

Era preciso atar um botom à corda e lançá-lo por debaixo da porta até o outro lado do corredor. O que estava na cela de enfrente tinha de buscá-lo por debaixo da porta, ajudando-se com umha folha de papel. Quando o encontrasse teria de deslizar com muito cuidado a folha de papel até a colocar debaixo do botom e, após turrar por ela, para passar por debaixo da porta. Depois disso podiam passar-lhe as notas, os cigarros ou o que for. Os cigarros atavam-se à corda e arrastavam-se como se fossem um comboio, até o outro lado do corredor.

—Estás pronto, Gerard? —perguntou o que ia mandar o carro.

—Começa, Pat —foi a resposta.

Ouviu-se um golpe seco e depois o botom arrastando-se polo chao.

—Vê-lo, Brian? —perguntou Pat ao que fazia de guia.

—Demasiado à esquerda. Lança outra vez!

Pat turrou pola corda e o botom voltou a arrastar-se polo chao. Toda a galeria aguardava em silêncio, os ouvidos concentrados em qualquer sinal dos carcereiros.

—E agora, Brian?

—Nom chega! —dixo Brian com voz tensa.

Pat lançou de novo a corda. O terceiro tiro foi forte de mais, rebotou na porta e houve de atirá-la outra vez. Ouvim a quarta tentativa.

—Agora? —perguntou Pat, nervoso. A galeria toda es-cuitava com o coração apertado.

—Deixa-o aí, nom o movas! —respondeu Brian excitado. —Tira o papel, Gerard!

O papel passou por debaixo da porta com um ruído surdo.

—Move-o para a esquerda... Uns centímetros mais... Aí. Deixa-o aí. Agora tira-o para fora todo o que puderes. Nom, assim nom. Prova outra vez...

Doía-me o olho de estar pegado à fenedura. Todo continuava em silêncio. Ninguém se atrevia a falar. Ouviu-se outra vez o papel deslizando-se.

—Empurra-a para fora amodo, Gerard... Aí estamos! Amodinho... *Maith thú*, Gerard. Tés o botom justo em cima da folha. Turra por ela com tento! Assim, vás bem... Devagar...

—Colhim-na! —escuitamos berrar finalmente.

—Todo bom por aí, Bobby?

—Todo bem, penso, Pat.

—Vai turrando pola corda, Gerard —dixo Pat, -mas nom a tenses muito...

Os cigarros fôrom passando por debaixo da porta de Pat e deslizárom-se polo corredor.

—Amodinho —dixo Brian, —Nom vaiam ficar trançados na porta...

Todos os cigarros fôrom passando por debaixo da porta de Gerard, até que o último se enredou na corda.

—Nom tures —dixo Brian, —Move um pouco a corda... Assim... Está-se a desenredar... Prova agora.

Vim umha sombra que se mexia e sentim o ruído de umhas botas.

—Mouros na costa! —berrei com todas as minhas forças, enquanto o carcereiro me passava por diante.

—Turra, Gerard! —berrou Brian.

Escuitamos um forcejo quando o carcereiro tentou agarrar a corda. Depois tornou o silêncio e o carcereiro voltou por onde vinha. Pudem-lhe ver a cara quando passava pola minha cela, era um desconhecido.

—Que foi, Gerard? —perguntou Pat.

—Todo bem! Apanhei todos os pitos, mas o carcereiro ficou com o botom.

Polo menos salváramos os cigarros. Perder o botom nom era umha catástrofe, apesar de que qualquer perda contava dadas as circunstâncias.

—Muito bem, moços! Agora a esvaziar os penicos —berrou o O.C.

Começamos a baldear os mijos por debaixo das portas.

Tínhamos de fazê-lo se nom queríamos que os carcereiros o fizessem por nós a primeira hora da manhã. Nom era nada agradável que te despertassem salpicando os conteúdos de um penico por toda a cela. Nom havia muito que baldear porque já os esvaziáramos havia umhas horas. Aniquei-me junto à porta e tentei deitar todo fora. Quando acabei, sentei outra vez no colchom para descansar. Estava esgotado e sem fôlegos, o que experimentava o mal estado físico em que me achava, cansava em seguida. Aguardei polo isqueiro aceso que me ia dar lume para o cigarro. Ainda tivéramos sorte com os pitos. Se o carcereiro chega aparecer um par de minutos antes, apanhava-nos com todo o choio.

Seán petou na parede.

—Aí che vai, Bobby!

Sabia a que se referia. Tirei a mao pola janela para agarrar a corda que abalava, com o isqueiro aceso num extremo. Apanhei-no e acendim o cigarro.

—Aí tés, Seán!

—Manda-mo —respondeu, e voltei-lhe a passar a corda. Bateu à parede do outro lado para passar o isqueiro aos companheiros. Eu deitei-me no colchom a fumar o meu cigarro. Era um alívio poder deitar-se e desfrutar de alguma distraçom, sem o temor de que a porta se abrisse de golpe. Nom guardavam as chaves das portas nos Módulos H. Os companheiros da outra galeria podiam ver se aparecia algum carcereiro com chaves e dar o alarme.

—No pátio, mouros na costa! —berrárom, mas nom havia por que se preocupar, se nom estavas a mandar o carro pola janela justo nesse momento. Os carcereiros esta-

vam no fundo do pátio, chateando os rapazes daquele lado. Rematei o cigarro e assomei-me à janela a ver de quem se tratava. Aproximavam-se com o peito enchido. *B* berrava como um possesso. Havia outros dous com ele que nom ficavam atrás. Os três passaram por diante da minha janela e continuárom para a outra galeria.

O O.C. pediu-nos um minuto de atençom e todos calamos enquanto perguntava se alguém vira alguma cousa do que acontecera aquela manhã com Pee Wee O'Donnell. Contei-lhe todo o que escuitara e o que pudera ver pela fenda. Muitos companheiros acrescentárom mais detalhes. O O.C. perguntou quem resultara ferido na troca de cela. Começou o reconto dos espancamentos.

—Tomo nota —dixo, quando todos rematamos. —Mais alguma cousa?

Acabou de anotar todo para informar o Comité do exterior.

—Tés alguma *sceál*, Bobby? —perguntárom-me, e estivem cinco minutos contando todo o que me dixera a minha família.

—Penso que isso é todo, rapazes —dixem, quando estivem certo.

Começárom os vivas e os gritos de júbilo. Depois os companheiros pugérom-se a parolar nas janelas ou pegados aos canos e às portas, comentando todas as novas. As *sceál* eram boas e isso era importante. Polo pátio ecoavam as notícias para os companheiros que tinham as janelas tapadas e o relato do que sucedera nas outras duas galerias do nosso módulo. Um preso de cada galeria estava na cela

de castigo, outro foi malhado brutalmente, seis celas foram anegadas com as mangueiras que usavam para limpar os muros exteriores. Continuamos a cruzar informação sobre os horrores da jornada. O fedor do corredor era insuportável. Erguim-me e achei-me à janela para respirar um pouco de ar fresco. Fora a neve cintilava, iluminada por centos de luzes. Umha lene brisa trouxe o som das vozes e os cánticos dos outros módulos. Centos de homens despidos, destruídos fisicamente, que reviveram com a chegada da noite. Fazia muito frio. Voltei a arrambar os cobertores ao meu redor e botei a toalha pola cabeça, como se fosse um cachecol. Os companheiros dos outros módulos gritavam, passavam-se mensagens e relatavam os horrores vividos. Nas trocas de cela bateram em muitos deles, levaram a mais dous ao módulo de castigo, noutra galeria havia três gravemente feridos e outros dous que foram às celas de castigo porque os apanharam com tabaco à volta das visitas. Outro acabava de voltar de ali, e também bateram nele e o banharam pola força. No módulo de castigo havia muitos mais que passaram polo mesmo. Pee Wee O'Donnell estava na enfermaria e os outros dous com o corpo desfeito polas malheiras.

—Ouviche isso, Seán? —perguntei.

—Ouvim, Bobby.

As histórias terroríficas do que acontecera noutros módulos nom cessavam: numha das galerias havia quarenta e quatro homens feridos, depois de os banharem e raparem à força, mais dous estavam na enfermaria e outros dous desaparecidos, supugemos que no módulo de castigo.

Continuárom a voar as notícias em gaélico. O Módulo 5 contou ao Módulo 3 que os carcereiros malharam em vários homens quando saíram das celas para esvaziar os seus penicos e a um deles levaram-no a umha cela de castigo. Havia bastante distancia de um bloco a outro, mas o vento levava os berros em gaélico por todo o pátio, rebotavam na neve e nas cercas de arame farpado. Algumas mensagens nom se percebiam à primeira e tinham de as repetir várias vezes, mesmo soletrando as palavras, mas polo geral o sistema de comunicações funcionava, só havia que porfiar e ter paciência. Seria pior quando tapassem todas as janelas, entom sim que nom ia haver jeito de se comunicar.

—Luzes fora! —gritou um dos companheiros de enfrente.

Os carcereiros estavam a apagar as luzes. Decerto que as acenderiam de novo no meio da noite para nos amolarem, apesar de que nom tinham muito que fazer, com o frio avondava para nom pregar olho. Apagárom as luzes da minha cela.

Petei na parede para chamar a Seán.

—Olá! —respondeu.

—Pede o isqueiro outra vez —dixem-lhe.

—*Maith thú* —respondeu, e começou a chamar polo isqueiro improvisado.

—Ouviste, Seán? Vou-che passar um pito quando mande o isqueiro de volta, está?

—*Maith thú* —repetiu.

O isqueiro chegou à cela de Seán e passou-mo. Acendim o segundo cigarro, atei o que preparara para ele à corda e passei-lha outra vez.

—Chegou, camarada?

—Chegou.

Sentei outra vez. Nom podia evitar pensar que o risco que correra pagara a pena. O fume ascendia até a janela na escuridom e por uns minutos o aroma do tabaco voltou a camuflar o fedor da cela. Ia muito frio. Nada mais rematar o cigarro tinha que me pôr a passear outra vez. Pensei no pobre Pee Wee, abandonado na enfermaria da prisom ou quem sabe, se quadra mesmo em Musgrave²⁶... E o resto dos rapazes do módulo de castigo haviam de estar deitados nas suas celas com o corpo desfeito. Tampouco eu me sentia muito bem, cada vez me doía mais o corpo da malheira daquele dia, mas nom era tam grave como estar no módulo de castigo. Olhei como se consumia a cabicha incandescente do cigarro no chao da cela, levantei-me e continuei a passear sobre a cobertor que colocara no chao.

—No pátio, mouros na costa! —chamárom doutro módulo.

Ia muito frio e a neve calhara no pátio. Nom imaginava o que podiam estar a tramar agora aqueles torturadores. Com certeza, *A* já se estava a embebedar no bar dos carcereiros com o resto dos mercenários e com os soldados ingleses que também o frequentavam. *C* e *D* seguramente estariam na casa com a família. Perguntei-me o que responderiam quando os seus filhos lhes perguntassem «e hoje que figeche, papá?». Ou o que diriam as suas mulheres e filhos se soubessem das torturas, do maltrato a centos de homens indefesos, de todo o sofrimento que causavam.

Continuei a passear, traçando um círculo no chao que nom levava a lado nengum. Os companheiros parolavam

e riam e alguns deles cantavam para adormecerem. Estava a pique de sentar outra vez quando escuíttei um berro de alerta.

—Mouros na costa! E vêm com a artilharia pesada!

Sabia o que significava. Corrim a pôr o colchom e pugem-no de pé contra a parede, no recuncho mais afastado. Metim todos as cobertores detrás e enrolei-me a toalha, esquecendo por um momento o frio e guardando o que restava de tabaco contra a minha cintura. Ouvim o ruído do primeiro chorro de água, justo na cela de enfrente.

E tanto que era a artilharia pesada, cheirava desde a minha cela: desinfetante com amoníaco, um detergente muito forte e perigoso para a saúde. Os carcereiros botavam-no por debaixo das portas e polas fendas dos lados. Arrisquei-me a olhar pola fenda quando acendêrom as luzes. Era um risco estúpido, porque me podia entrar o amoníaco nos olhos e deixar-me cego em questom de segundos. *B* estava a esvaziar um balde cheio de desinfetante por debaixo da porta de enfrente e berrava aos outros carcereiros para que lhe levassem mais. Escuíttei o preso de enfrente tossir e cuspir. Os que estavam daquele lado tinham-no mal, as suas janelas estavam tapadas. Os vapores do desinfetante eram como o gás lacrimógeno, proíam nos olhos e na gorja, deixavam-te cego por uns minutos e faziam-che vomitar. Escuíttei como desenrolavam a mangueira.

—Trazem a mangueira! —berrei, e afastei-me da porta.

B ria como um louco botando o desinfetante por debaixo das portas. Levava umha máscara que o protegia dos vapores nocivos e decerto todos eles tinham postas as

suas fardas azuis. A mangueira cobrou vida e os chorros batêrom contra as portas. Escutei um ruído e vim como o líquido verdoso se filtrava por debaixo da porta. Os vapores alcançárom-me num instante. Comecei a tossir e a cuspir, visando achar a janela com os olhos cegados polas lágrimas. Tinha arcadas e pensei que ia vomitar. Tentava apanhar ar com a cabeça apoiada contra as barras de cimento. Todos nós estávamos nessa posição, tossindo e cuspidando. Era todo o que podia ouvir por culpa do ruído das mangueiras. Tinha os olhos anegados de lágrimas, nom podia ver nada.

Começou a entrar água polas fendas da porta e anegou o chao sujo. Nom me importava. Sentia-me muito mal e continuava a tossir, ardia-me a garganta. A água diluiria o desinfetante, mas iam passar muitos minutos antes de que se dissipassem os vapores. A água entrava por debaixo da porta. Depois o carcereiro passou a outra cela e o rio detivose. Eu ainda tossia e cuspia, mas polo menos já se estavam a dissipar os vapores. Escutei Seán a vomitar violentamente, por toda a galeria ecoavam os láidos e as tosses descontroladas. *B* nom deixava de berrar: «Gostades, eh? Gostades?». Começou a entoar *The Sash*.

Os carcereiros desligárom a mangueira. Atrevim-me a chegar-me à fenda e vim *B* vadeando o rio de água, desinfetante e urina com a máscara numha mao e um balde baleiro na outra. Ria como um louco. Outro carcereiro seguia-o, arrastando a mangueira, e um terceiro berrava-nos impropérios no final da galeria. Continuavam-me a proer os olhos, mas já nom tanto. Nas outras celas ainda tossiam e vomitavam. No chao havia três centímetros de água co-

mo pouco. O pé do meu colchom estava assolagado, mas os cobertores estavam secos, agachados sobre a tubagem e protegidos polo colchom. Agora ficava-me o trabalho aborrecido de baldear aquele oceano por debaixo da porta.

—Estás bem, Seán? —perguntei.

—Estou fatal —respondeu.

Deixárom de tossir nas outras celas e o ar encheu-se com o som dos penicos a baldear o líquido por debaixo das portas. O lixo e a podrémia rebuliam ao redor dos meus pés e obturavam a fenda entre a porta e o chao. Tinha de os apartar com a mao todo o tempo, tirava mancheias de pam podre e porcaria e deitava-as no monte de lixo do recuncho. A água começou a devalar. O ar ainda cheirava a desinfetante, mas nom muito. Fora estava a cair umha nevada e o ar fazia entrar as folerpas pola janela.

Que seria o seguinte? Nom sentia os pés, apesar de que estava a suar polo esforço de baldear a água. Quando já quase nom ficava líquido, apanhei o colchom e tentei escorrer a parte enchoupada. Depois arrinqueei-lhe um pedaço e sequei como pudem as pequenas poças que ficavam. Apoiei o pé do colchom contra a tubagem com a esperança de que secasse.

Dei umha vista de olhos ao rio de mijos e porcaria que estava a formar umha pequena lagoa no corredor. No meio da noite iam voltar para secar com aquela máquina que metia um ruído do demo. Guindei o pedaço de colchom no recanto e voltei à janela para recuperar o alento. Estava exausto, mas nom podia continuar de pé no chao gelado. As folerpas de neve nom paravam de entrar na cela. Só tinha a toalha ao redor da cintura. Apanhei os cobertores e envol-

vim-me neles. O chão esbarava e continuava molhado, mas não me ia ficar outra vez que voltar a pôr o colchão, embora a humidade o enchoupasse e atingisse o meu corpo. A alternativa a isso era caminhar toda a noite e não me julgava capaz. Avizinhava-se uma noite longa e gélida, ninguém ia dormir muito. Nas janelas, os companheiros explicavam como estavam as suas celas. Alguns dos colchões assolagaram-se por completo, o mesmo que os cobertores de outros companheiros. Eu não me podia queixar, ao menos só se molhara o pé da minha cama.

O ruído dos penicos contra o chão cessara e agora os companheiros procuravam secar os colchões e os cobertores. Alguém pediu uma canção, como costumava acontecer nestes casos. Com a noite que levávamos, tínhamos de fazer alguma coisa para manter o moral alto enquanto dávamos voltas dentro das celas. Escutáram-se aturujos e aplausos, e o primeiro cantor entoou *The Old Alarm Clock*. O seguinte foi um jovem de Derry, cantou *My Old Home Town on the Foyle*. Um a um, os companheiros foram-se achegando às suas portas para cantar quando lhes tocava. Quando chegou o meu turno aproximei-me da porta e entoei *The Curragh of Kildare*. Enquanto cantava, estava a aguardar a que B voltasse para me atirar um balde de desinfetante à cara pela fenda da porta. Acabei a canção quase sem alento e depois dos aplausos voltei a passear pela cela. Tinha os pés arrefecidos. O chão quase não secara e ainda esbarava. Quando já não pude caminhar mais, deitei o colchão no chão e acobilhei-me sobre a parte seca. As maçaduras da troca de cela e do registo ainda doíam.

Estivem a tentar enrolar outro cigarro para Seán e para mim, mas decidim nom fazê-lo. Preferim guardá-lo para a noite seguinte, sabia que podia partilhá-lo com Seán usando a corda e provavelmente também o precisaríamos. Os rapazes continuavam a cantar. Rachava com a monotonia e com a tensom do ambiente e, ainda que só fosse por uns minutos, fazia-nos esquecer o lugar em que estávamos. Nom parecia que *B* fosse voltar. A esta hora já estaria debruçado na mesa do escritório, bêbado perdido. Um dos companheiros cantou umha cançom que ele mesmo compugera e que falava de todos nós, na verdade é que era muito boa. Outro cantou *Ashtown Road* com a voz quebrada. Toda a galeria escuitou em silêncio e eu tremim um pouco enquanto escuitava a fermosa cançom. Sentia-me mais animado e mais umha vez alegrei-me de resistir. Muito melhor isso que aturar as torturas sem opor resistência. A cançom rematou e os aturujos enchêrom o ar. O mestre de cerimónias anunciou o último cantor da noite e este deleitou-nos com *The Wind that Shakes the Barley*.

A neve continuava a entrar pola janela sem vidros e lembrei o dia em que nós mesmos os escacháramos com as maos para poder respirar, depois de que os carcereiros assolagassem as celas com litros de desinfetante. Nom queria imaginar como o passaram hoje os rapazes do outro lado do corredor. Escuitar amaldiçoar as janelas cegadas quando *B* começara a deitar o desinfetante por debaixo das portas.

O companheiro acabou de cantar e todos aplaudimos entusiasmados. Começárom outra vez as paroladas e um das rapazes do outro lado passou ao O.C. umha mensagem

que lhe berraram em gaélico doutra galeria. Disque havia um companheiro muito enfermo ali. Tocaram a campainha de emergência e os carcereiros desligáram-na e simplesmente ignoraram o doente. A mãe de outro deles morrera o dia anterior e foi-lhe negada a licença para ir ao enterro, como lhes fígeram a todos os que passaram por essa triste circunstância.

Erguim-me e subim ao colchom para olhar pola janela. O arame farpado estava coberto de umha grossa camada de gelo e recordou-me o interior de um frigorífico. Alguns dos companheiros dérom-se as boas noites, enquanto outros comentavam que iam continuar a caminhar todo o que pudessem, porque tinham os colchons enchoupados. Só uns poucos ainda falavam pola janela. Seán bateu à parede.

—*Oíche mhaith*²⁷, Bobby —berrou.

—*Oíche mhaith*, Seán —retruquei. —Tés o colchom molhado?

—Só um pouco... —respondeu. —Vou tentar abrigar-me bem com os cobertores.

—*Maith thú. Oíche mhaith, a chara*²⁸ —dixem-lhe.

—*Oíche mhaith* —repetiu.

Já nom nevava e só ia umha suave brisa. A camada de neve, antes donda e imaculada, estava agora manchada pelas pegadas dos carcereiros. As nuvens brancas inchadas de neve foram-se do céu, que voltava a estar preto como o carvom. Algumas estrelas cintilavam aqui e alá. A maioria das pessoas estaria já a dormir, nom sabia como se sentiriam se ao acordar vissem o mesmo que víamos nós. Nom era nenhuma surpresa passar as últimas semanas tendo pesa-

delos relacionados com este buraco imundo. Perguntei-me quando concluiria todo. O pior era nom poder escapar de aqui nem em sonhos.

O barulho cessara também nos outros módulos e os companheiros que continuavam na janela metêrom-se dentro das celas, alguns para dormirem e outros para ficarem de pé toda a noite, dado o estado dos seus colchons. Todo estava em silêncio. A neve cintilava com o reflexo das luzes de cores. O silêncio era inquietante. Um maçarico chiou na escuridom. Longe de aqui, o faro de um helicóptero dançava no céu preto. Pensei na minha família. Sabia que iam estar mortos de preocupação até a próxima visita. O de hoje fora um dia muito duro, mas nom era assim sempre? Só Deus sabia o que nos esperava ao dia seguinte, quem seriam os desafortunados que iam dar com o seu corpo malhado nas celas de castigo, a quem lhe anegariam a cela, a quem maltratariam na troca de cela... Um novo dia só traria mais dor e sofrimento, pânico e fastio, e Deus sabe quantas humilhaçons e horrores. Escuridom e frio, o estômago baleiro e as quatro paredes da minha tumba nojenta pragada de pesadelos... Isso era o que aguardava a centos de prisioneiros de guerra republicanos, despidos e indefesos. Porém, tam verdadeiro como que nom nos aguardava outra cousa que torturas era que nós íamos resistir e continuar com a nossa luta. Era duro, era muito muito duro. Deitei-me no colchom húmido e cobrim-me com os cobertores, pensando que algum dia chegará a vitória e nengum homem nem mulher da Irlanda terá de agoniar numha cadeia inglesa.

O frio era insuportável. Virei-me, guardei o meu pre-

zado tesouro de tabaco debaixo do colchom e sentim a humidade que me subia polos pés.

Estamos um dia mais perto da vitória, pensei, esfameado.

Comparado com como era antes parecia um esqueleto, mas nom me importava. O único que importava era continuar a resistir. Voltei-me a virar, morto de frio. Nom havia umha só arma em todo o arsenal do Império que pudesse acabar com o espírito de um prisioneiro de guerra republicano, isso era bem certo. Nom podiam, e nunca poderiam, matar o nosso espírito. Virei-me outra vez no colchom tremendo com o frio. A neve entrou pola janela e caiu nos meus cobertores.

*Tiocfaidh ár lá*²⁹, sussurrei. *Tiocfaidh ár lá*.

A COTOVIA CANTA O SEU TRISTE CANTAR
DOUS ARTIGOS

A COTOVIA E O COMBATENTE POLA LIBERDADE³⁰

O meu avô dixo-me umha vez que capturar umha cotovia é o crime mais vil, porque a cotovia é um dos maiores símbolos de liberdade. Ele falava quotidianamente do espírito da cotovia e contava a história de um homem que encerrara umha das suas amiguinhas numha gaiola.

A cotovia, privada da sua liberdade, deixou de cantar, já nom tinha motivos de alegria. O homem que cometera tal atrocidade, como costumava chamá-lo o meu avô, queria que a cotovia fizesse a sua vontade, queria que cantasse o melhor que sabia para o comprazer.

Como a cotovia ainda nom cantava, o homem zangou-se e pujo-se violento. Continuou a pressionar para que cantasse sem resultado e decidiu tomar medidas mais drásticas. Cobriu a gaiola com um lenço preto para lhe tapar a luz do dia. Deixou-na morrer de fome e apodrecer naquela gaiola e a cotovia continuou sem cantar. O homem matou-na.

Como dizia o meu avô, a cotovia da história representa o espírito da liberdade e da resistência. Queria ser livre e preferiu morrer antes que se submeter aos desejos do tirano que tentou mudá-la por meio das torturas e a prisom. Sinto que tenho alguma cousa em comum com esse pássaro e a sua tortura, com o seu encerro e assassinato. Tinha um espírito que nom se encontra facilmente, nem sequer entre nós, os chamados seres superiores, os humanos.

Pensemos no caso de um preso comum. O seu objetivo principal é fazer a sua estadia em prisom o mais levadeira possível. O preso comum nom vai fazer nada que ponha em perigo um só dia de reduçom de condenaçom. Alguns mesmo estão dispostos a humilhar-se, arrastar-se e delatar outros presos para se protegerem ou para ganharem mais dias de reduçom. Acedêrom aos desejos dos seus carcereiros e, ao contrário que a cotovia, cantarão quando lhe-lo mandarem e saltarão alto quando lhe-lo pedirem.

Apesar de que o preso comum está privado de liberdade, nom está preparado para chegar a verdadeiros extremos para recuperá-la nem para defender a sua própria dignidade. Adapta-se para obter a licença quanto antes e, finalmente, se passar o tempo suficiente em prisom, acaba alienado. Começa a fazer parte da maquinaria institucional, deixa de pensar por si próprio e os seus guardas controlam-no. No conto do meu avô, esse era o destino que aguardava à cotovia, mas ela nom queria mudar e morreu para demonstrá-lo.

O que me leva diretamente à minha situaçom: tenho algo em comum com esse pobre pássaro. A minha posiçom é a contrária de um preso comum que aceita as regras. Eu

som um preso político, um combatente pola liberdade. O mesmo que a cotovia, eu luto pola liberdade, nom só em prisom, onde agonizo, mas também fora, onde o meu país ainda é prisioneiro. Prendêrom-me e metêrom-me em prisom mas eu, como a cotovia, vim o exterior da gaiola de arame.

Agora estou nos Módulos H, onde me nego a mudar para satisfazer as demandas dos meus opressores, que querem torturar-me e arrancar-me a minha humanidade. Como a cotovia, eu nom preciso mudar. É a minha ideologia e os meus princípios o que os carcereiros querem mudar. Malham no meu corpo e atentam contra a minha dignidade. Se fosse um preso comum prestariam-me muito pouca, por nom dizer nengumha atençom, porque saberiam que me adaptaria aos seus caprichos institucionais.

Já perdi dous anos de reduçom de condenaçom e nom me importo com isso. Tirárom-me a minha roupa e fechárom-me numha cela fedorenta e vazia, onde esfameio, padeço espancamentos e torturas, e temo que acabarám matando-me, como a cotovia. Mas podó dizer que, como a minha amiguinha, possuo o espírito da liberdade e nem o pior dos maus tratos pode destruí-lo. É certo que me podem matar, mas enquanto continue vivo, continuo a ser quem som, um prisioneiro de guerra político e ninguém pode mudar isso.

E logo nom tivemos umha cheia de cotovias para o demonstrarmos? A nossa história está salpicada com o seu sangue: os MacSwiney, os Gaughan, os Stag... Haverá mais nos Módulos H?

Nom quero concluir sem rematar a história do meu avô. Umha vez perguntei-lhe o que acontecera com o homem malvado que capturara a cotovia para torturá-la e assassiná-la.

«Verás, filho», dixo-me, «um dia este homem caiu numha das suas próprias armadilhas e ninguém lhe ajudou a soltar-se. Os seus próprios paisanos figérom-lhe burla e virárom-lhe as costas. Ele tornou-se cada vez mais fraco até que finalmente caiu ao chão e morreu na mesma terra que emporcara com tanto sangue. Os pássaros achegárom-se e vingárom-se dele peteirando-lhe os olhos, e as cotovias cantárom como nunca antes o figeram.

«Avozinho», dixem eu, «pode ser que o nome desse homem fosse John Bull³¹?»

GENTALHA FENIANA, ETC...

«Tira essa gentilha feniana do meu carro!» ordenou o capitão das Forças Especiais quando me arrestárom. Já escuitara essa expressom antes e ia voltar a escuitá-la centos de vezes durante os seguintes seis dias de malheiras e torturas em Castlereagh³². Na verdade é que os simpáticos *bobbies*³³ usavam umha ampla gama de qualificativos como moinante, cigano, gentilha, escória, bazófia e muitos mais, além das burradas e as ameaças habituais. Os mesmos guardas da lei eram bastante bons descrevendo as atrocidades que figeram às putas fenianas, como chamavam às jovens católicas que interrogavam.

Um vocabulário tam descritivo está muito de moda nos círculos «autoritários» (nom se me ocorre outra palavra) e suponho que isso inclui a torpe banda de carneiros de Shankill³⁴, já que a maior parte deles som membros da UDR³⁵. Nom acho que ninguém precise que lhe recorde o uso constante de tais epítetos durante os banhos de sangue desses assassinos.

Agora dei-me conta de que este vocabulário usam-no sobretudo os carcereiros. No caso dos carcereiros racistas, os insultos

nom estão tam destinados a degradar os prisioneiros (que também, e ademais há muitos desses por aqui) mas, quer sejam carcereiros quer polícias ingleses, o intuito é o mesmo: reafirmar-se na sua superioridade sobre os chamados «fenianos», que eles consideram inferiores. O ditado do seu sectarismo e lealismo manda-lhes dominar, degradar e aterrorizar os cidadãos de segunda classe.

Esta prática está tam estendida nos Módulos H, que um teria que vê-lo e escuitá-lo para acreditar. Fai-che perceber porquê nos temos fechados e despídos em celas fedorentas de cimento, nas quais nom meteriam nem um porco. A sua mentalidade fai-lhes mais singelo torturar-nos ou mesmo matar-nos quando chegar o momento. É umha mentalidade semelhante à daqueles que mantinham os campos de concentração nazistas e que organizárom aquele genocídio.

Quando acabarem o turno, voltarám para a casa com as suas mulheres e as suas famílias e vam atuar como seres humanos civilizados, o mesmo que devem fazer os carniceiros de Shankill depois das suas matanças. Os torturadores das Forças Especiais e dos outros esquadrons da morte ham de fazer o mesmo. E eu vou continuar aqui, a resistir, porque sei que o nosso dia há de chegar tarde ou cedo. E a pesar da sua superioridade, eles também o sabem. Se calhar, essa é a razom de que estejam sempre com a pistola na mao, à espreita na procura de um ruído estranho ou de um desconhecido. E de manhã sentirám-se de novo superiores.

Quanto a mim, eu continuo a ser o mesmo, um irlandês que luta pola liberdade do seu povo oprimido.

DIÁRIO³⁶

Domingo 1

Estou parado no limiar de outro mundo que se desmorona. Que Deus se apiade da minha alma.

Dói-me o coração porque sei que acabo de partir a alma à minha pobre mãe. Na minha casa estão mortos de ansiedade, mas considerei todos os argumentos e tentei evitar por todos os meios o que afinal resultou inevitável: os meus camaradas e eu vemo-nos obrigados a isto depois de quatro anos e meio de desumanidade.

Som um prisioneiro político. Som um prisioneiro político porque som vítima de umha guerra permanente que se vem lutando entre o povo irlandês oprimido e um regime imposto, estrangeiro e opressor que nom se quer ir da nossa terra.

Penso que me afiança o divino direito de independência da nação irlandesa e o direito de todos os homens e mulheres irlandeses a defender essa independência por meio de umha revolução armada. Por isso fum encarcerado, despido e torturado.

O pensamento principal para a minha mente torturada é o de que nom poderá haver paz na Irlanda até se retirar a presença opressiva das forças de ocupação britânicas, deixando que o povo irlandês defenda unido os seus interesses e determine o seu próprio destino como povo soberano, livre de corpo e mente, independente física, cultural e economicamente.

Penso que simplesmente som mais um de tantos Irlandeses desgraçados, nascido numha geração que decidiu

alçar-se movida pola sua insaciável ânsia de liberdade. Estou disposto a morrer nom só para procurar rematar com a brutalidade dos Módulos H, nem para que me dem o merecido status de prisioneiro político, estou disposto porque o que se perda aqui, perde-se para a República e para essa gente oprimida que me honra conhecer como «os alçados».

Hoje nom há emoçom nengumha, nom é tam interessante como o 27 de outubro³⁷. Os carcereiros habituais nom trabalhavam hoje. Mas decerto que os babosos aprendizes de tirano voltam amanhã, frescos como alfaces.

Hoje escrevim mais notas para os companheiros de Armagh³⁸. Gostava de dizer tanto sobre elas, sobre o seu valor, a sua determinaçom e o seu inquebrantável espírito de resistência. Vam significar para nós o que já significam a condessa Markievicz³⁹, Anne Devlin⁴⁰, Mary Ann McCracken⁴¹, Marie MacSwiney⁴², Betsy Gray⁴³ e todas as outras heroínas irlandesas. E, com certeza, também penso em Ann Parker, Laura Crawford e Rosemary Bleakeley⁴⁴ e envergonha-me reconhecer que nom lembro todos os seus benditos nomes.

A missa foi solene, os companheiros estupendos como sempre. Comim a regulamentar peça de fruta semanal ontem à noite. Quijo o destino que fosse umha laranja e, como ironia final, estava amarga. Deixárom a comida na porta. Como esperava, a minha dose é bastante mais grande do habitual e da que deram ao meu companheiro de cela Malachy⁴⁵.

Segunda-feira 2

Esta manhã finalizamos a greve de higiene para grande desgosto dos carcereiros. Transferírom-nos à galeria B, que estava limpa, naturalmente.

Hoje mostramo-nos bastante tolerantes. Estám a registar os homens que voltam do quarto de banho. Num momento dado, os homens tivérom de aguardar até três horas para sair do banho e só quatro ou cinco se pudérom lavar, o que demonstra a vontade (sic) que tenhem os carcereiros de que deixemos o protesto. Estám com umha sede mesquinha de vingança.

Véu o médico e peso 64 quilos. Nom tenho problema nengum.

Esta noite véu o cura, o padre John Murphy. Falamos um bocado. Dixo-me que minha mae falou ontem na manifestaçom de Belfast e que Marcella chorou. Deu-me ânimos. Nom me preocupa o número de manifestantes. Zanguei-me muito ontem à noite quando escuíttei as declaraçons do Bispo Daly⁴⁶. Já está outra vez a usar a dupla moral. Parece que esqueceu que os que matárom Irlandeses inocentes no Domingo Sangrento de Derry⁴⁷ caminham livres entre nós e ele sabe, se quadra melhor que ninguém, o que aconteceu e está a acontecer nos Módulos H.

Ele percebe porquê estám a torturar homens aqui — porquê nos criminalizam. Acho que o que o fai ainda mais vergonhoso é que ele partilha as razons ocultas. Só umha vez fijo declaraçons sobre as malheiras e o trato inumano que som habituais nos Módulos H.

A finais do 78, lim um editorial escrito após as declarações do entom arcebispo O Fiaich sobre os «sumidouros de Calcutá»⁴⁸. Dizia que o povo irlandês se deveria envergonhar de que fosse o arcebispo o que tivesse que, e cito textualmente, remexer a consciência da gente polo que estava a acontecer nos Módulos H. Desde aquela já passou umha cheia de tempo, umha cheia de torturas, de facto este último ano foi o pior de todos.

Pergunto-me quem vai agitar agora a consciência do cardeal...

Dar testemunho do que está bem e do que está mal, erguer-se e falar alto. Mas nom sabemos que todo o que há que contar é «político»? E nom é que essa gente nom se queira meter em política, é simplesmente que a sua política é diferente, quero dizer, britânica.

Hoje morreu o pai do meu bom amigo Tomboy⁴⁹. Desgostou-me muito, a notícia caiu-me mal.

Recevim várias notas da família e os amigos. Só lim a da minha mae, era o que precisava. Recuperou o espírito de luta. Fijo-me feliz.

Também me escreveu o meu velho amigo Seanna⁵⁰.

Tenho umha ideia para um poema, pode que amanhã tente escrevê-lo.

Quando me desanimo penso em Armagh e em James Connolly⁵¹. Nom vam ser quem de me arrancar esses pensamentos.

Terça-feira 3

Hoje sinto-me extraordinariamente bem (só é o terceiro dia, já o sei, mas sinto-me muito bem assim e todo). Esta manhã visitárom-me dous jornalistas, David Beresford do *The Guardian* e Brendan O'Cathaoir do *Irish Times*. Os meus pensamentos buliam incontrolados, podia ter dito mais cousas de forma mais estruturada.

63 quilos a dia de hoje, e que?

Também véu o padre. Penso que me está a preparar psicologicamente para o que vinher. Lamento se me engano, mas julgo que vem a isso. À cautela, esta noite procurei tirar-lhe a ideia da cabeça e penso que o apanhou. Já veremos se lhe parece bem ou mal. Nom pudo rebater os meus ataques ao bispo Daly ou polo menos nom o tentou.

Escrevim umhas cartas para a minha mae e para Mary Doyle⁵², que está em Armagh, e amanhã vou escrever mais. Agora todos os companheiros estão limpos. Eu nom me lavei hoje, estavam a passar primeiro os jovens que se tinham de lavar pola primeira vez.

Fumei um par de cigarros enrolados em papel higiênico⁵³, o luxo do módulo!

Pugérom umha mesa na minha cela e agora deixam-me a comida diante da cara. A verdade é que tanto me tem, como se me deixam a bandeja no colo. Continuam a me perguntar parvadas, como «Ainda sem comer?».

Nom me dei posto com o meu poema hoje, se quadra fago-o amanhã. O problema é que agora tenho mais ideias.

Hoje trouxe-me os jornais e um livro, os relatos breves de Kipling com umha introdução bastante comprida de W. Somerset Maugham. Zanguei-me com este último ao ler o comentário que fai sobre como eram os Irlandeses na época dourada de Kipling: «É certo que os Irlandeses andavam sempre a amolar». Já era umha pena que nom os tivéssemos amolado mais... De Kipling conheço um pouco e também sei que tinha relação com o Ulster. Vou deixar os seus contos para amanhã.

Ag rá an phaidrín faoi dhó acham lá atá na buachaillí anois. Níl aon rud eile agam anocht. Sin sin⁵⁴.

Quarta-feira 4

O padre Murphy esteve aqui hoje. Nom me sentim mal, ainda que começo a notar que perdo energia, mas ainda é cedo. Hoje duchei-me e cortárom-me o cabelo, o que me fijo sentir bastante bem. Os companheiros faziam brincadeiras, dizendo que estava 10 anos mais novo, embora eu me sinta vinte ou mais velho, consequência inevitável de oito anos de encerro e torturas.

Estou ao dia das notícias e desgosta-me imenso o acordo entre Reagan e Thatcher. É bem claro que pretendem neutralizar o expansionismo da Rússia por meio do expansionismo imperialista, segundo eles, para defenderem os seus interesses vitais.

É claro que na realidade cobiçam os recursos de outras nações. Querem roubar o que nom temem e para o faze-

rem (como infelizmente se comprovará num futuro) vam aniquilar os povos oprimidos e negar-lhes a sua soberania como naçons. E Haughey⁵⁵ vai-se pôr duro na Irlanda logo que Thatcher lho pida.

Hoje reparei numha cousa curiosa: agora trazem doce de frutas com o chá e, polo jeito que tenhem os carcereiros de olhar para ele, seica lhes fai muita mais falta a eles do que a mim.

Quinta-feira 5

Hoje mandou-me chamar o Assistente Social, para me dizer que o meu pai estivera doente e que o levaram ao hospital. Queria que lhe implorasse para que me deixassem ter umha visita extraordinária da minha família. Preocupei-me polo meu pai, mas foi um alívio saber que já estava de volta na casa. Devo continuar aconteça o que acontecer.

Também estivem com umha dor de moas que ameaçava com me amargar a vida, mas já passou.

Lim o discurso de Atkins⁵⁶ na Câmara dos Comuns, *Mar dheá*⁵⁷! Nom me anoja porque já tenho a mente preparada para cousas como essa e sei que vou escuitar mais declaraçons polo estilo até o último momento, por duro que for.

Encontrei alguns versos no livro de relatos de Kipling; os extratos de poemas que há antes de cada história som bastante bons. Do que mais gostei di assim:

Sumida em sombra a Terra,
Sentou na nossa mesa.
O que vinha a dizer dixo, e já se foi,
Após prender lume nos coraçõs.

Levai a conta na culatra,
Marcai nela a vingança,
E que Deus o ajuste faga
polo morto camarada⁵⁸.

«Espero que isto nom se faga realidade» dixem, mas nom era sequer umha esperança, só um jeito de falar. Tenho esperança, porém. Todo mundo deve ter esperança e nom desanimar-se, ainda que a minha esperança está posta na vitória definitiva para o meu povo explorado. Pode haver um anseio mais nobre?

Ultimamente estou a rezar, quem o ia dizer... (e haverá quem pense que é porque vim os dentes ao lobo), mas eu creio em Deus e penso que nos estamos a levar bastante bem dadas as circunstâncias, ainda que soe pretensioso.

Nom tenho problema para ignorar a comida chanta-da diante da minha cara todo o tempo. Porém, nom deixo de pensar no pam de broa, manteiga, queijo holandês e mel, tem graça! Nom me fai mal porque penso que só com comida um homem nom se mantém vivo e consolo-me pensando que afinal me vou dar um banquete alá arriba (se o merecer). Entom assalta-me a dúvida de se arriba terám comida... E se nom há, haverá alguma cousa melhor que o pam de broa, o queijo, o mel e todo isso, nom pode ser mau.

O vento de março está a zoar com força, o que me lembra que fago vinte e sete anos na segunda-feira. Vou-no deixar aqui, acabo de me pôr a andar e amanhã é outro dia. Agora peso 62 quilos e, polo geral, sinto-me bem física e mentalmente.

Sexta-feira 6

Ontem e hoje nom véu o cura. Hoje também nom me deixárom ver o meu advogado, como parte do seu método de isolamento, que vam ir reforçando segundo passem os dias. Espero que dentro de nada me transfiram a umha galeria vazia. Vai-me dar pena deixar os companheiros, mas sei que o caminho é duro e que tenho de continuar a avançar.

Hoje sentim que me abandonavam as forças duas vezes e começo a estar um pouco fraco.

Os carcereiros nom se envergonham da quantidade obscena de comida que están a pôr na minha cela, ademais pesam e contam cada feijom e cada pataca. Som tam parvos que nom se decatam que o médico me fai provas para detetar qualquer resto de comida no meu organismo. De todos os jeitos, nom tenho intuito nengum de provar os seus tentadores bocados.

Por enquanto estou a dormir bem às noites. Procuo nom dormir durante o dia e isso ajuda-me a ter doces sonhos. Também nom tenho dor de cabeça, nom sei se é devido à minha firmeza psicológica ou se mais adiante me vou arrepender de dizer isto. Nom sei quanto tempo poderei ainda escrever.

À minha amiga Jennifer⁵⁹ caírom-lhe vinte anos. Estou desfeito.

Nom me arrependo do que estou a fazer porque sei o que padecim durante estes oito anos e em particular os últimos quatro anos e meio, e sei que outros vam sofrer o mesmo, rapazes e raparigas que agora ainda estão na escola, ou mesmo Gerard e Kevin⁶⁰, e milhares mais.

Nom ham de conseguir criminalizar-nos, nom nos arrebataram a nossa verdadeira identidade, nom nos despojaram na nossa individualidade despolitizando-nos, institucionalizando-nos como robôs alienados. Nom ham de conseguir criminalizar a nossa luta de libertação.

A pesar de todas as torturas, nom deixo de me surpreender da lógica inglesa. Em oito séculos nom conseguírom quebrar o espírito de um só homem que quisesse continuar a ser livre. Nom conseguírom desmoralizar nem conquistar o meu povo e nom o vam conseguir jamais.

Serei um pecador, mas estou contente (e hei de morrer contente) de saber que nom tenho de responder polo que essa gente está a fazer à nossa velha pátria.

Penso muito em Thomas Clarke⁶¹ e em MacSwiney⁶², Stagg⁶³, Gaughan⁶⁴, Thomas Ashe⁶⁵, McCaughey⁶⁶. Meu Deus, somos tantos que esses cabrons nom se importam de um mais ou de um menos, ou isso dim, mas algum dia pagarám por todo isto.

Quando penso em Clarke, recordo o tempo que passei na galeria B do cárcere de Crumlin Road em setembro e outubro do 77. Foi entom quando me decatei do que me esperava. Nom é preciso que conte todo o que vivim ali,

alguns camaradas também passárom por isso, e sabem que estou consciente de que há gente (se calhar muita) que me culpa desta greve de fome, mas eu figem todo o possível por evitar chegar a isto, sempre que nom supugesse a nossa rendiçom.

Sinto mágoa polos que pensam isso, porque nom conhecem os Ingleses, e sinto ainda mais mágoa por eles porque tampouco se conhecem a eles próprios. E nom é certo que já tivemos gente como eles, que visárom acusar Tone⁶⁷, Emmet⁶⁸, Pearse⁶⁹, Connolly, Mellowes⁷⁰... Infelizmente, o auto-ódio continua aí..

Ouvim as pegas a voarem por cima da prisom. Umha cela solitária, umha luita solitária, mas esta estrada está bem sinalizada, meu amigo, e fosse quem for o primeiro que caminhou por ela merece o reconhecimento de toda a naçom. Eu som um simples seguidor, e devo dizer *Oíche Mhaith*⁷¹.

Sábado 7

Hoje recebim umha notinha prezada da Bernie, a minha irmã, a minha querida Bernie. Quero-lhe bem; é a melhor.

Agora já estou certo de que as autoridades vam reforçar o meu isolamento de um momento a outro, porque nom me deixam ver o meu advogado. Espero enganar-me com isto; já veremos.

Gostaria de passar o maior tempo possível com os companheiros, por muitas razons, mas se me isolam também o hei de resistir.

Hoje véu o padre, foi umha visita bastante agradável e falou-me de um artigo que Brendan O'Cathaoir publicou no *Irish Times* esta semana, que eu já lera. Discutimos alguns dos pontos do artigo que para ele eram controvertidos, como nom? Estivo cordial no seu estilo lambido, mas notava-se que fervia por dentro, pensando no artigo que saiu esta semana no AP/RN⁷² chamando-lhe nacionalista burguês colaboracionista ou qualquer coisa semelhante.

E tanto que o é, penso eu, e nom podó evitar sentir-me mais perto dos desgraçados filhos de Deus que se encontram lutando contra a pobreza, a doença, a corrupção, a morte e todas as desgraças que vem nas missons...

Hoje peso 61 quilos e continuo a baixar. Nom me dam ataques de fome nem estou paranoico com a comida, mas abofé que a comida melhorou nesta prisom! Já reparara nisso na anterior greve de fome, é normal, eles também se jogam muito.

Chegou-me o *Irish News* mas nom traz nada interessante, por isso o deixárom passar.

Estou a desejar ver os camaradas na missa de amanhã, vam parecer todos mais novos sem as barbas, os bigodes e o cabelo comprido e emaranhado.

Umha coisa é certa: nas suas caras vai continuar o fitar vidroso, signo de todas as torturas que padecêrom. Ainda que podamos agachá-lo algumha vez nas nossas faces, duvido que o podamos afastar também das nossas mentes.

Esta semana chegou um novo camarada, nom é emocionante saber que se continua a unir gente à nossa causa?

Lim o que Jennifer dixo durante o julgamento⁷³. Comoveu-me e estou orgulhoso de dizer que é a minha camarada.

Estivem a pensar em Mary Doyle e Ellen McGuigan e o resto das raparigas de Armagh, como poderia esquecê-las?

Os carcereiros fitam para mim alucinados. A julgar pelas suas caras, muitos deles aguardam que morra. Se tem de ser assim, será, mas isso nom os fai menos parvos. Oscar Wilde nom lhes fijo justiça, eu acho que som mesmo piores do que ele dizia. E podó acrescentar que só há umha pessoa pior do que um carcereiro, que é o diretor da prisom. Segundo a minha experiência, quanto mais ascendem nessa escala que eles chamam «rango», mas baixo caem...

Chove. Nom estou com frio, estou bem de ânimo e continuo a fumar... é um pouco decadente, mas ninguém é perfeito. Disque é mau para a saúde. *Mar dheas anois, Oíche Mhaith*⁷⁴.

Domingo 8

Numhas horas fago vinte e sete anos. Curiosamente, vai ser um aniversário bastante alegre, quiçá porque continuo a ser livre de espírito, nom lembro outra razom.

Estivem em missa hoje e vim todos os companheiros sem as suas barbas e todo isso. Um cura americano deu a missa e comunguei. Um dos companheiros desmaiou-se antes do serviço, mas agora já está bem. Outro foi levado ao hospital militar de Musgrave, essas cousas acontecem.

Hoje peso 60,8 quilos e nom tenho queixa.

Recebim outra nota da minha irmã Bernie e do seu moço. Alegra-me o coração saber deles. Chegou-me o *Irish News* e trazia algumas notas de apoio aos presos em greve de fome.

Há um médico residente que me examinou este fim de semana, um rapaz novo do que nom soubem o nome até agora. Era o doutor Ross, um tipo amável. Também foi ele o médico durante a anterior greve de fome.

Disque o doutor Emerson está com a gripe... Apesar de o doutor Ross ser agradável, penso que gosta de estudar a mente das pessoas. O que me lembra que ainda nom me pedírom ir ver um psiquiatra. Com certeza que o vam fazer, mas nom penso aceitar porque som mentalmente estável, provavelmente mais do que ele.

Lim alguns artigos de natureza na imprensa, o que me lembrou que há muito tempo queria ser ornitólogo... A tarde de hoje foi muito agradável e a noitinha está calma. É surpreendente o que os olhos e os ouvidos podem descobrir, mesmo estando enclausurados.

Estou a aguardar polas cotovias porque a primavera já está a entrar. Lembro escuitar o seu canto quando estava no Módulo 5 e também o dia de fevereiro que chegou aquele par de pimpins. Mesmo agora, jazendo onde vai ser o meu leito de morte, ainda podó escuitar os corvos pretos.

Segunda-feira 9

Hoje adiei a escrita bastante e agora vai frio. O padre Murphy esteve aqui. Discutimos sobre a nossa situação. Quando foi embora, digo que desfrutara da conversa e que o enriquecera de algum modo.

Falando de padres, chegou-me umha notinha de um tal padre S.C. de Tralee, Kerry, com alguns retratos da Virgem. Comoveu-me que se lembrasse de mim. Se é quem penso que é, lembro-o de há onze anos, quando nos vinhera dar umha palestra à Gaiola 11 sobre o direito de se alçar em armas para defender umha nação oprimida. Claro que estava a pregar a conversos, mas todo ajuda.

É o meu aniversário e os companheiros estão a cantar para mim, Deus os abençoe. Acheguei-me à porta para dar um pequeno discurso, já que mo pediram. Escrevim a vários amigos, incluindo Bernie e minha mãe. Encontro-me bem e peso 60 quilos.

Não deixo de pensar em James Connolly, e na calma e dignidade que mostrou até o final, na sua determinação e afouteza. Talvez não estou a ser objetivo, porque houve milhares de pessoas como ele, mas Connolly sempre foi o meu modelo a seguir.

Também sinto muita admiração por Liam Mellows e pelos atuais líderes do Movimento Republicano, e sei que não vão ceder nem mudar nunca. E como posso esquecer o povo irlandês de hoje e aquele que se rebelou no passado, também eles ocupam um lugar especial no meu coração.

E cheguei aos vinte e sete, que nom é pouco. É possível que morra, mas a República de 1916 nunca vai morrer. Avante a República e a libertaçom do nosso povo!

Terça-feira 10

Hoje foi um dia bastante normal, dadas as circunstâncias. Peso 59,3 quilos e continuo sem problemas médicos. No jornal de ontem, que me chegou hoje, saíam alguns familiares e amigos dando-me os parabéns polo meu aniversário. Também me mandárom umha bolsa com produtos de higiene.

Hoje nom véu o padre, mas sim que apareceu por aqui o chefe da equipa médica. Tomou-me o pulso e foi-se, seica assim se sente importante.

Estivem a ler a imprensa e estou bastante preocupado porque num futuro podam tentar sabotar-nos, mesmo rematar com esta greve de fame, fazendo-nos a mínima concessom de levar a nossa roupa em lugar do uniforme da prisom.

O que nom resolveria nada, claro está, mas se isso nos for concedido e ganham o apoio da hierarquia católica, poderia debilitar a nossa posiçom. Penso que eles nom querem, baixo nengumha circunstância, que recuperemos o status político ou que avancemos algumas posiçons que na prática sejam o mesmo que ter status político.

As razons som muitas e muito diversas, principalmente motivadas polo desejo de ver a luita republicana do povo

sufocada. Criminalizar os presos republicanos ajudaria a rematar com a luta.

Oficialmente, esta gente quer que os presos dos Módulos H vivamos numhas condições mais humanas, segundo declaram sempre, mas a questom a tratar nom é «humanitária» e nom tem a ver com melhorar as nossas condições de vida. É um problema político e a soluçom deve ser política. E isto nom nos converte aos presos políticos numha elite, nem em nengum momento quigemos ser tal.

Nom queremos que nos tratem como presos comuns porque nom somos criminosos. Nom cometemos delito nengum, nom sendo que o amor pola terra e o povo seja delito.

Por acaso os Ingleses permitiriam que os alemans ocupassem a sua naçom? Ou os franceses fariam o mesmo com os holandeses? Os prisioneiros republicanos percebemos melhor que ninguém a carga que deve suportar umha pessoa privada da sua liberdade. Nom negamos aos presos comuns beneficiarem-se dos direitos que atingirmos e que puderem aligeirar a sua carga. De facto, no passado, todos os presos fôrom beneficiados polas revoltas republicanas nos cárceres.

Lembro os fenianos e Tom Clarke, que com a sua resistência heroica ajudaram a descobrir o «terrível sistema do silêncio» nos cárceres da rainha Vitória. Ao longo das décadas há sobradas provas da vantagem que supujo para todos os presos a resistência dos presos republicanos.

Infelizmente os anos, as décadas e os séculos ainda nom vírom o fim da resistência republicana nos infernais cárceres.

res ingleses, porque a luita dentro das prisons vai ombro com ombro com a luita pola liberdade da Irlanda. Muitos Irlandeses dérom a sua vida na procura dessa liberdade e sei que muitos mais cairám, eu incluído, até os tempos serem chegados.

Ainda estou à espera de que me transfiram da minha cela a umha galeria vazia, totalmente isolada. Os companheiros que participárom na anterior greve passárom dez dias nos módulos com o resto antes de serem transferidos, claro que daquela estavam também com a greve de higiene em celas nojentas. Nom é que a minha cela esteja limpa, mas tolera-se. A água sempre está fria e nom me podó arriscar a apanhar umha catarreira ou umha gripe. Há seis dias que nom me lavo, se quadra mais. Tanto tem.

Amanhá é o dia onze da greve e fica muito por andar. Alguém deveria escrever um poema sobre as tribulações de um grevista de fome. Eu faria-o, mas como o ia rematar...

Caithfidh mé a dul mar tá tuirseach ag eirí ormsa⁷⁵.

Quarta-feira 11

Hoje chegou-me umha cheia de parabéns polo meu aniversário. Alguns de gente que nom conheço. A senhora Burns, da rua Sevastopol, pagou-me cinquenta missas. Todos a conhecemos, sempre se lembra de nós e nós também nom a vamos esquecer, bendita seja.

Também recebim umha postal muito sentida do jornalista Brendan Ao Cathaoir. Chegou-me a carta de um

amigo e outra de um estudante dos Estados Unidos que nom conheço de nada, mas fai bem saber que a gente está a pensar num. Também conseguírom passar-me às escondidas algumas cartas de amigos e camaradas.

Peso o mesmo que ontem e nom me dói nada. De vez em quando assalta-me o desejo natural de comer, mas o desejo natural de pôr fim à carga que suportam os meus camaradas e de libertar o meu povo é muito maior.

O médico vai-me fazer umha análise de sangue amanhã. Seica doutor Ross desapareceu e voltou o doutor Emerson...

Hoje também nom aconteceu nada extraordinário, nom sendo polo banho que tomei esta manhã. Também pensei bastante na minha família. Espero que nom estejam a sofrer muito.

Procurei reproduzir umha cita de James Connolly, mas envergonha-me dizer que nom a sei de cor. Vou tentar parafrasear as poucas linhas que recordo.

É umha cousa semelhante: um homem que transborda entusiasmo polo seu país (ou patriotismo), que caminha entre os seus compatriotas vendo a sua pobreza e o seu sofrimento, e que nom fai nada (nom lembro umha expressão melhor), é para mim umha fraude; porque Irlanda, despojada da sua gente, nom é mais do que umha combinação de elementos químicos.

É certo que hoje nom vivemos na extrema pobreza do Dublin de 1913, mas comparados com as condições de vida de outros países do mundo, pode-se dizer que a situação é a mesma que daquela, tanto no norte como no sul. E o

que sim que nom mudou é a opressom económica, física e cultural do povo irlandês...

Mesmo se nom houver os 100.000 desempregados que temos no norte, a miséria que cobram veria-se ridícula em comparaçom com os enormes benefícios da classe dominante e capitalista, que se enriquece com o sangue e o suor do meu povo.

A igualdade e a fraternidade reais nom se podem nem se poderám atingir nunca enquanto que estas parasitas dominem a nossa naçom. Nom há igualdade numha sociedade fundada sobre uns alicerces políticos e económicos tam pobres que só atendem a lei do mais forte. Nom há mais que comparar as vidas, comodidades, costumes e rendimentos dos políticos charlatáns (que tanto se preocupam polo povo, dim eles) com aquelas dos mais pobres e oprimidos.

Nom há mais que comparar em qualquer época da história ou amanhã, no futuro, e continuárom a fazer burla de nós. E nós ficamos tam cegos como sempre. É possível que nom haja fastos nos Módulos H, mas há um interesse real polo povo irlandês.

Quinta-feira 12

Hoje véu o padre Toner e trouxe-me algumas revistas religiosas.

Peso 58,75 quilos. Nom me tomárom hoje a amostra de sangue porque querem incluir mais provas e os médicos dixérom que o vam fazer a semana que vem.

Hoje senti-me muito canso fisicamente entre a hora do almoço e a tardinha. Sei que me estou a debilitar, mas é o que há. E estou bem. Ainda me chegam os jornais, mas neles nom há nada que me anime. Era algo que já esperava e sei que devo confiar unicamente na minha força e a minha determinação. E assim será.

Chegárom-me três notas das camaradas de Armagh, Deus as guarde a todas elas.

Escutei o anúncio de que Frank Hughes⁷⁶ se vai unir à greve de fome neste domingo. Sinto um grande respeito, confiança e admiração por Frank e sei que nom estou só. Como havia de estar com os companheiros que tenho, aqui dentro, em Armagh, e na rua...

Também estivem a pensar nos camaradas presos em Portlaoise⁷⁷, as condições de visita ali som desumanas. Sem dúvida, aquele buraco infernal acabará estourando com o tempo. Espero que nom seja verdade, mas a compaixão de Haughey polos presos alá no sul nom ha de ser muito diferente da que mostram os Ingleses nas cadeias inglesas e aqui no norte.

Estou a perceber e, cada dia que passa, percebo-o melhor e da forma mais triste, a terrível tortura e o fim que devêrom sofrer Frank Stagg e Michael Gaughan. Penso que eu som mais afortunado, abofé que o som, porque os pobres camaradas estavam sós, sem companheiros e sem ver umha cara amável. Nem sequer tivêrom o conforto de morrer na sua terra. Irlandeses abandonados à sua sorte nas maos desapiadadas de um inimigo vingativo. Jesus, eu tenho sorte, comparado com eles.

Tenho alguns poemas a me rondar a cabeça, com certeza que medíocres, poemas sobre a greve de fome e sobre MacSwiney e sobre todo o que esta greve está a agitar no meu interior. O cansaço continua a avançar imparável e o meu coração quer escrever, mas o meu corpo quer descansar, portanto, decidim concentrar toda a minha energia e os meus pensamentos em resistir.

Isso é o mais importante. Nada importa mais que esse pensamento que me espreita constantemente, para me lembrar que nom devo ceder. Tanto fai o mal que me encontre, a dor, o desespero. Nom ceder nunca, nom render-se nunca, nom perder a esperança. Deixa que esses cabrons se riam de ti quanto quixerem, que se burlem, deixa que te humilhem de novo, que continuem com o seu trato brutal, com as privaçons, as vinganças e os maus tratos. Deixa que riam quanto quixerem, porque já nada disso importa e nom paga a pena responder.

Esta é a minha última resposta à atrocidade inumana que dérom em chamar Módulos H. Ao contrário das suas gargalhadas cruéis, nosso será o riso da vitória e a alegria de um povo, a nossa vingança é a libertaçom de todos, a derrota final dos opressores da nossa velha naçom.

Sexta-feira 13

Nom som supersticioso e hoje nom ocorreu nada. Sinto-me bem e peso 58,2 quilos.

Hoje nom estivem tam canso, ainda que me dói o lombo de vez em quando de estar sentado na cama. Nom me trouxérom o *Irish News*, o que me fai pensar que devêrom publicar alguma cousa que nom querem que leia, mas tanto fai. O padre Murphy estivo de visita uns minutos.

Os carcereiros deitárom umha vista de olhos rápida na minha cela quando saím por água. Sempre están a ajejar. Soubem que lhe deram um espancamento a alguns compa-
nheiros durante umha troca de celas...

Todo continua igual.

Sean McKenna⁷⁸ voltou ao Módulo 4. Parece um pouco instável, mas continua vivo e ainda se está a recuperar. Espero que se recupere de vez.

Mhúscaíl mé leis an gealbháin ar maidin agus an t-aon smaointe amháin i me o cheann — seio chugat lá eile a Roi-beard. Cuireann é sin amhran a scríobh mé; bhfad ao shin i ndúil domsa.

Seio é cib é ar bith.

Déirigh mé ar maidin mar a tháinig an coimheádóir,

Bhuaíl sé me o dhoras go trom's gan labhairt.

Dhearc mé ar na ballai, 'S shíl mé nach raibh mé beo,

Tchítear nach n-imeoidh an t-iffrean seio go deo.

D'oscal an doras's níor druideadh é go ciúin,

Ach ba chuma ar bith mar nach raibheamar inár suan.

*Chuala mé éan 's ní fhaca mé geal an lae,
Is mian mór liom go raibh me go doimhin foai,
Que bhfuil me o smaointi ar laethe a chuaigh
[romhainn,
S que a bhfuil an tsaol a smaoin mé abhí sã domhain,
Ní chluintear me o bhéic, 's ní fheictear mar a rith me
[o dheor,
Nuair a thigeann ar lá aithíocfaidh mé iad go mor.
Canaim é sin leis an phort Siun Ní Dhuibir.*

Bhí na heiníní ag ceiliúracht inniú. Chaith ceann de em a buachaillí arán amach as an fhuinneog, ar a leghad bhí duine éigin ag ithe. Uaigneach abhí mé ar feadh tamaill ar tráthnóna beag inniú ag éisteacht leis na préacháin ag screadáil agus ag teacht abhaile daobhtha. Dá gcluinfinn an fhuisseog álainn, brisfeadh sí me o chroí.

Anois mar a scríobhaim tá an corrcrothar ag caoineadh mar a théann siad tharam. Is maith liom na heiníní.

Bhuel caithfidh mé a dul mar má scríobhain níos mó ar na heiníní seio beidh me o dheora ag rith ?s rachaidh me o smaointi ar ais chuig, an t-am nuair abhí mé ógánach, b?iad na laennta agus iad imithe go deo anois, ach thaitin siad liom agus ar a laghad níl dearmad deánta agam orthu, ta siad i me o chroí ? oíche mhaith anois⁷⁹.

Sábado 14

Mas um dia aborrecido e sem surpresas. Peso 58,25 quilos e nom tenho queixa. Lim a imprensa, que vem carregada de mentiras.

Esta noite de ceia havia empada e feijons e, apesar de que a fome pode excitar a minha imaginaçom (a dose parecia enorme), penso que nom exagero: os feijons quase transbordavam o prato. Se lhes contar estas cousas aos companheiros, haviam-se de preocupar por mim, mas estou bem.

Era tentadora (ainda som humano) e foi um alívio quando a levárom. É claro que nom a ia tocar, mas com a fome que tenho passei-no mal enquanto estivo aqui. Por Deus que se o prato me atacasse, poria-me a correr!

Ia escrever algunhas cousas que me acordárom, mas vam ter que esperar. Estou a desejar que chegue a missa de amanhã para estar um bocadinho com os companheiros. Nom sei quando vai ser a derradeira vez que os veja.

Hoje fumei uns quantos cigarros. Ainda lhes ganhamos nesse campo, se os carcereiros soubessem a metade do que fazemos... É surpreendente o arteiros que chegamos a ser os prisioneiros de guerra, quanto pior estamos mais engenhosos viramos. Se calhar, algum dia todo isto sai à luz.

Mensagem pessoal para Liam Og⁸⁰: vou aproveitar esta oportunidade para louvar o duro trabalho que estás a realizar e dizer-che que vos admiro a todos os que estades aí fora e que admiro o trabalho desinteressado que levades a cabo, nom só polos companheiros dos Módulos H e de Armagh, mas pola luita em geral.

Há tempo um homem sábio dixo-me umha cousa que me serviu de lição: que todos, republicanos ou nom, temos um papel a jogar e que nengum desses papéis é demasiado importante nem tampouco nengum é prescindível, ninguém é velho ou novo de mais para ajudar.

Há tanto por fazer que nom o pode fazer um pequeno grupo de escolhidos, só a totalidade do povo irlandês vai ser quem de fundar umha República Socialista e só o vamos conseguir trabalhando duro e sacrificando-nos.

Por se servir de alguma cousa, *mo chara*⁸¹, quero agradecer-vos a todos o que estades a fazer e espero que muitos outros sigam o vosso exemplo. Estou muito orgulhoso de vos conhecer e ainda mais orgulhoso de vos poder chamar camaradas e amigos.

Já para concluir, hoje reparei em que os carcereiros estão a bater as portas das celas mais forte que nunca, sobretudo a minha. Isso dá boa conta da mentalidade dessa gente, sempre rancorosos e cheios de ódio. Alegro-me de nom ser assim.

Agora vou descansar, que hoje custou-me um mundo pentear-me depois do banho.

Portanto: *venceremos*⁸², *beidh bua againn eigin la eigin*.
*Sealadaigh abu*⁸³.

Domingo 15

Frank uniu-se à greve de fome. Hoje vim os companheiros na missa, o que estivo bem. Oficiou o padre Toner.

Hoje também foi um dia bastante aborrecido. Ontem à noite tivemos problemas para esvaziar o penico e para arranjar água.

Amanhá tenho visita e vai estar bem ver a minha família. Também desejo caminhar ao ar livre, vai-me cansar, mas espero que vaia bom tempo. Tenho que me ir.

Segunda-feira 16

Hoje tivemos umha visita genial com a minha mãe, o meu pai e a Marcella. Foi fantástico, dadas as circunstâncias e a pressão à que devem estar submetidos.

Como era de esperar, os carcereiros estiverom-se a meter comigo sem parar enquanto ia e voltava da visita. Os seus insultos infantis som boa prova do seu refinado sentido do humor.

Envolvim-me bem nos cobertores para me proteger do frio. Peso 58,25, mas hoje queimei muita energia com a visita. Nom tenho queixa de nengum tipo.

Decatei-me de que os zeladores estão a trocar as tortas e os pastéis por fatias de pam e assim ficam eles com os doces (que nom avondam por aqui). Nom sei se me admirar do baixo que chegam a cair ou compadecer-me deles, mas eles podem escolher e, aliás, sempre roubam comida, portanto vou ficar com a primeira opção.

Hoje trouxérom a ceia quando estava aqui o cura, o padre Murphy. Faltavam dous nacos do bolo de pan, como vo-lo conto!

Trouxérom-me o jornal *Sunday World*, ultimamente a imprensa escasseia.

Um dos carcereiros tomou como um desafio pessoal amolar-me até o último momento e fai-no de umha maneira muito pueril e rancorosa. Nom me incomodam as burlas, mas a sua atitude acaba com a minha paciência de quando em vez. Umha cousa é torturar e outra muito diferente desfrutar fazendo-o e este último é o seu caso.

Hoje nom me inspeccionárom sobre o espelho para ir à visita⁸⁴, o que constitui umha mudança agradável. Parece que umha vez acabada a greve de higiene os carcereiros mercenários ficárom sem os seus incentivos e agora também lhes están a tirar as horas extra e outros privilégios. Por isso decidírom, para nom trabalhar de mais, nom fazer as explorações com o espelho, e com elas acabou também o tratamento degradante e violento que as acompanhava.

E todo por que? Pois porque já nom lhes pagam por isso!

Passo o dia envolto nos cobertores, mas nom dou mantido os pés quentes. E beber a água gelada também nom lhe ajuda à minha temperatura corporal. Por enquanto ainda som quem de tomar o sal e quase três litros de água ao dia sem demasiado trabalho.

Os livros que me deixam ter aqui som umha merda. Amanhá vou pedir um dicionário. Vou-me dedicar a folhear as páginas e aprender qualquer cousa, isso é muito melhor que ler bazófia.

Os jornais ingleses quase nom os leio, como muito dou-lhes umha vista de olhos rápida esperando que nom abram a porta nesse momento. Alguém conseguiu passar às escondidas umha cópia do AP/RN da semana passada e leu-no em voz alta ontem à noite (outra prova do engenho dos prisioneiros de guerra). Gostei de escuitar os conteúdos (impecável o de *Deixai-nos em paz!* do bom de Danny⁸⁵). Espero que a gente o leia e aprenda algumha cousa das verdades que normalmente contém. Também vejo que Paddy Devlin⁸⁶ continua com os seus enredos e que nom pensa apoiar os presos publicamente...

Isto é todo por hoje. Tenho que me ir. *Oíche Mhaith.*

Terça-feira 17

Lá Pádraig inniú ?s mar is gnách níor thárta aon rud sunta-sach, bhí mé ar aifreann agus me o chuid gruaige gearrtha agam níos gaire, agus é i bhfad níos fearr freisin. Sagart nach raibh ar me o aithne abhí ag rá ran aifreann.

Bhí na giollaí ag tabhairt an bhia amach do chách abhí ag teacht ar ais ón aifreann. Rinneadh iarracht chun tabhairt pláta bidh domhsa. Cuireadh aos cómhair m?aghaidh ach shiúl mé ar me o shlí mar is nach raibh aon duine ann.

Fuair mé cúpla nuachtán inniú agus mar shaghas ma-lairt bhí an Nuacht na hEireann ann. Táim ag fáil pé an scéal atá lê fáil óna buachaillí cibé ar bith.

Choniac mé ceann dona dochtúirí ar maidun agus é gan béasaí. Cuireann sé tuirse ormsa. Bhí me o chuid meachain 57.50 kgs. Ní raibh aon ghearán agam.

Bhí oifigcach isteach liom agus thug sé beagán íde béil domhsa. Arsa sé ?tchim go bhfuil tú ag léigheadh leabhar gai-rid. Rudmaith nach leabhar fada é mar ní chrlochnóidh tú é?.

Sin an saghas daoine atá iontu. Ploid orthu. Is cuma liom. Lá fadálach ab ea é. Bhí mé ag smaoineamh inniú ar an chéalacán seo. Deireann daoine a lán faoin chorp ach ní chuireann muinín sa chorp ar bith. Measaim ceart go leor go bhfuil saghas troda.

An dtús ní ghlacann leis an chorp an easpaidh bidh, is fulaingíonn sé ón chathú bith, is greithe airithe eile a bhíonn ag síorchlipeadh an choirp. Troideann an corp ar ais ceart go leor, ach deireadh an lae; téann achan rud ar ais chuig an phríomhrud, is é sin an mheabhair.

Is é an mheabhair an rud is tábhachtaí. Mura bhfuil meabhair láidir agat chun cur in aghaidh le achan rud, ní mhairfidh. Ní bheadh aon sprid troda agat. Is ansin cen áit as a dtigeann an mheabhair cheart seo. B'fhéidir as an fhonn saoirse.

Ní hé cinnte gurb é an áit as a dtigeann sé. Mura bhfuil siad in inmhe an fonn saoirse a scriosadh, ní bheadh siad in inmhe tú féin a bhriseadh. Ní bhrisfidh siad mé mar tá an fonn saoirse, agus saoirse mhuintir na hEireann i mo chroí.

Tiocfaidh lá éigin nuair a bheidh an fonn saoirse seo le taispeáint ag daoine go léir na hEireann ansin tchífídh muid éirí na gealaí⁸⁷.

Notas

- 1 O protesto do cobertor (*blanket protest*) dos presos republicanos começou no 15 de setembro de 1976: Kieran Nugent, de dezoito anos, foi o primeiro preso ao que lhe foi negado o status de preso político; ele quis reivindicá-lo negando-se a usar o uniforme da prisão e os funcionários deixáram-no despido na sua cela com apenas uns cobertores para se cobrir. A finais de março de 1978, 18 meses depois de começar o protesto do cobertor, os presos republicanos negáram-se a ir para as duchas a fim de evitarem ser expostos à violência dos funcionários, começando a dita «greve de higiene» (*no-wash protest* ou *dirty protest*). Os guardas, pela sua banda, não queriam retirar o lixo das celas e obrigavam os presos a esvaziarem os seus penicos no chão, o que emporcava colchões e cobertores e criava umas condições de vida insalubres. Durante a greve de higiene, os presos desfaziam-se das sobras dos alimentos e dos seus próprios excrementos barrando com eles as paredes da cela e também atirando-os pela janela. Os carcereiros, vestidos com farda, capacete e luvas protetoras, voltavam a meter os resíduos pelas janelas abertas. Depois limpavam as paredes com potentes chorros de água que entravam pela janela e alagavam a cela.

- 2 No original *Bears in the air!* Era o grito com o que os presos de Long Kesh avisavam da presença dos carcereiros. O nome está tirado de umha cançom muito popular dos anos 70 (*Convoy* de C. W. McCall), onde o autor se refere aos polícias estado-unidenses como «ursos». O verso *bear in the air* (literalmente, urso no ar), que na cançom se referia a um helicóptero de vigilância da polícia, era utilizada nos Módulos H como grito de alarme para alertar da chegada de um guarda, equivalendo às nossas expressões «mouros na costa» ou «boi na linha» (no galego do Brasil).

(Calamati, Silvia, das notas de *Um Giorno della Mia Vita. L'Inferno delle carcere e la tragedia dell'Irlanda in lotta*, Feltrinelli, Milano, 1996, p. 121)

- 3 No original *screws*, palavra de gíria utilizada polos presos dos cárceres ingleses para denominarem os funcionários de prisom de forma depreciativa.

(Hendrickson, Robert, *Encyclopedia of Word and Phrase Origins*, Facts on File, New York, 1997)

- 4 Em solidariedade com os presos de Long Kesh, o 27 de agosto de 1978 milhares de pessoas participárom na marcha de Coalisland a Dunganannon, comemorando a primeira marcha organizada pola *Northern Ireland Civil Rights Association* (Movimento polos Direitos Cívicos na Irlanda do Norte), que dez anos antes percorrera o mesmo trajeto.

- 5 O sobrinho de Sands, filho da sua irmã Marcella.

- 6 Bernadette Sands McKeivitt, irmã mais nova de Bobby, também membro do IRA. No momento da greve de fome estava fugida, polo que nom pudo visitar o seu irmao em prisom nem assistir ao seu funeral.

- 7 Depois de 1 de março de 1976, quando o governo britânico decidiu abolir o status de preso político, a prisom de Long Kesh foi dividida em duas partes. O velho cárcere chamado *Maze* (labirinto) conti-

nuou a acolher nas suas «gaiolas» os presos detidos antes daquela data, que conservavam o status político. Para albergar os novos presos, fôrom construídos os Módulos H, ditos assim pola sua estrutura em forma de H, que custaram um milhom de libras cada um. Cada umha das quatro galerias de cada módulo tinha 25 celas. Na parte central do H, dito «o círculo», estavam os escritórios dos funcionários e um dispensário para a assistência médica aos presos.

(Beresford, David, *Ten Men Dead : The Story of the 1981 Irish Hunger Strike*, London, Grafton Books, 1987, p. 24)

- 8 Seán Sands, o irmao de Bobby, é um cantor que na atualidade ainda dá concertos.
- 9 Gerard, o filho de Sands. Nessa altura Gerard Sands estava a pique de cumprir 8 anos.
- 10 Oficial ao cargo, em inglês o/c (*Officer Commanding*). Em Long Kesh, os presos organizavam-se de tal modo que houvesse um porta-voz por cada galeria, dito *Wing O/C*. Os quatro o/c das galerias estavam coordenados por um *Block O/C*, responsável polos presos de todo o módulo. Finalmente, havia um o/c que representava todos os presos republicanos. Bobby Sands assumira este posto durante a greve de fome iniciada em outubro de 1980.
- 11 Segundo a mitologia irlandesa, os fenianos eram cavaleiros poetas seguidores do herói Finn MacCumhaill. O movimento feniano (*Fenian Movement*) nasceu em meados do século XIX, mas tem a sua origem quase um século antes, nos *United Irishmen*, um movimento fundado no 1791 polo protestante Theobald Wolfe Tone, que conseguiu unir católicos e protestantes no objetivo comum de libertar a Irlanda do domínio britânico. Na primavera de 1798, os *United Irishmen* alçárom-se contra os britânicos no Ulster e noutras zonas da Irlanda, chegando a controlar vários condados. A sua tentativa de

rebeliom foi brutalmente reprimida polos Ingleses, causando entre 30 e 50 mil mortos. Em meados do século XIX milhares de homens e mulheres irlandesas de diversa procedência aderírom ao movimento feniano, ingressando na sociedade secreta *Irish Republican Brotherhood* (IRB), fundada por James Stephens em Dublin o dia de Sam Patrício de 1858. Um ano depois, John O'Mahory fundou em Nova Iorque a sociedade análoga *Fenian Brotherhood*, onde militavam os Irlandeses emigrados nos EUA.

Em 1867 os fenianos da Irlanda tentárom umha nova insurreiçom em vários condados. Como a rebeliom dos *United Irishmen*, esta rematou tragicamente. Além de Stephens, outro representante do movimento feniano na Irlanda foi Jeremiah O'Donovan (alinhado O'Donovan Rossa), que no 1856 fundou em Skibbereen a *Phoenix Society*, um pequeno grupo revolucionário que tinha como lema «Irlanda para os Irlandeses». Foi arrestado em 1865, e como muitos outros fenianos sofreu um trato inumano nas prisons inglesas: no transcurso de dous anos 7 fenianos morrêrom em prisom, 4 suicidárom-se e outros 4 toleárom.

(Calamati, Silvia, das notas de *Um Giorno della Mia Vita. L'Inferno delle carcere e la tragedia dell'Irlanda in lotta*, Feltrinelli, Milano, 1996, p. 122)

- 12 *The Sash* é umha balada muito popular entre os lealistas do norte da Irlanda, comemora a vitória de Guilherme de Orange sobre o rei católico Jaime II no século XVII.
- 13 No original, *bog-roll*, palavra de calom usada para denominar o papel higiénico.
- 14 Mandar um carro: tender um fio (normalmente tirado das toalhas ou dos cobertores da cela) para passar objetos pequenos de umha janela a outra ou por debaixo da porta até a porta de enfrente (em inglês, *rig up a line*).

- 15 Em gaélico: meu amigo.
- 16 Em gaélico: muito bem.
- 17 Em gaélico: agora é a aula.
- 18 À sua morte, também Bobby Sands foi soterrado no cemitério de Milltown, em Belfast Oeste. Neste mesmo cemitério o 16 de março de 1988 teve lugar um dos feitos mais tristemente célebres da história irlandesa, durante o enterro de três membros do IRA (Mairéad Farrell, Dan McCann e Seán Savage) que foram assassinados por soldados britânicos em Gibraltar. O lealista Michael Stone, membro do grupo paramilitar *Ulster Defence Association* atirou três granadas à passagem da comitiva e disparou indiscriminadamente contra os assistentes, deixando um saldo de três pessoas mortas e mais de cinquenta feridas.
- 19 Os condados de Antrim, Down, Fermanagh, Tyrone, Derry e Armagh, que passaram a fazer parte do Reino Unido após o Tratado de 1921 (aprovado no Parlamento irlandês o 7 de janeiro de 1922 por só 7 votos de diferença). Na história da Irlanda os Seis Condados nunca existiram como entidade política independente. Junto com Cavam, Donegal e Monaghan (pertencentes à República da Irlanda) formavam a antiga província do Ulster. Estes três últimos foram anexados ao Reino Unido porque a maioria da sua população era nacionalista (260.000 contra os 70.000 unionistas instalados ali) e isso poria em perigo a maioria unionista no Parlamento da Irlanda do Norte.
- Deste jeito, a divisão do país foi empreendida de forma artificial, sem nenhum critério geográfico ou histórico. O objetivo do Tratado foi assegurar uma elite unionista que governasse os Seis Condados seguindo o mandado do Reino Unido, e para isso contavam com uma maioria importante na cidade de Belfast e nos condados de Antrim e Down. Para atingirem a vitória nos outros quatro dos Seis

Condados, de maioria nacionalista e operária, os unionistas desenharam um sistema eleitoral conhecido como *Gerrymandering*, que dividia o eleitorado em circunscrições desequilibradas e sem uma representação proporcionada. Além de concentrar os bairros católicos em poucos colégios eleitorais e dividir à minoria protestante num maior número deles, este sistema eleitoral viciado utilizava o sufrágio censatário (para poder votar era necessário ser proprietário) e o voto múltiplo (as empresas e sociedades comerciais também tinham direito a votar nas eleições, o que revertia no voto unionista, pois poucos católicos eram empresários). Assim, dos 8.800 adultos que tinham direito a voto em Derry em 1970, 7.000 eram nacionalistas.

(Christian Casteran, *Guerre civile en Irlande*, Mercure de France, Paris, 1970, pp. 118-119.)

20 *A Nation Once Again* é uma das canções mais representativas da música rebelde irlandesa (*Irish Rebel Music*). Foi escrita no século XIX por Thomas Osborne Davis, poeta e político republicano.

21 O Módulo de Castigo estava formado por 28 celas de castigo. Estas celas não se viam do exterior e estavam isoladas acusticamente. Os prisioneiros podiam ser retidos ali entre 6 e 30 dias. Era-lhes retirado o colchom às 7:00 e não o voltavam a colocar até as 21:00. Por causa do frio, os presos deviam mover-se o tempo todo. De manhã e à noite davam-lhes um copo de chá e duas fatias de pão resseco, enquanto que o jantar consistia em caldo limpo e alguma que outra pataca. Não estavam permitidos os livros nem o tabaco e também não podiam assistir a missa.

(Calamati, Silvia, das notas de *Um Giorno della Mia Vita. L'Inferno delle carcere e la tragedia dell'Irlanda in lotta*, Feltrinelli, Milano, 1996, p. 123)

22 *Board of Visitors* no original. A Junta Independente era um organismo formado por pessoas alheias à prisão designadas pelo Secretário

de Estado do Interior. A sua missão era velar pelo cumprimento das normas da prisão e garantir o trato correto aos presos, ainda que na prática silenciavam os métodos violentos dos funcionários e corroboravam as sanções e castigos impostos pelo diretor. Em 2003 passaram a chamar-se *Independent Monitoring Board* e estendeu-se o seu uso aos centros de detenção de imigrantes.

- 23 Em gaélico: estupendo.
- 24 Em gaélico: muito bem.
- 25 Em gaélico: muito bem.
- 26 Hospital militar onde eram trasladados os presos de *Long Kesh*, quando o seu estado era tão grave que nem os podiam atender na enfermaria da prisão.
- 27 Em gaélico: boa noite.
- 28 Muito bem. Boa noite, amigo.
- 29 Em gaélico: o nosso dia há de chegar.
- 30 Publicado o 3 de fevereiro de 1979 em *An Phoblacht/Republican News*, p. 2
- 31 John Bull é o nome usado a partir do século XVIII em textos satíricos e caricaturas para personificar a Inglaterra.
- 32 O centro de detenção de Castlereagh, em Belfast Leste, era o primeiro lugar ao que eram levados os detidos republicanos para serem interrogados. Em dezembro de 1999, a polícia da Irlanda do Norte decidiu fechá-lo após repetidas denúncias de abusos e maus tratos.

- 33 Polícias ingleses.
- 34 Shankill Road é um bairro protestante de Belfast, que nos 70 e 80 foi bastião dos paramilitares unionistas.
- 35 O Regimento em defesa do Ulster (*Ulster Defence Regiment*), era uma unidade especial do Exército britânico que atuava na Irlanda do Norte nos anos 70 e 80.
- 36 O *Diário* está constituído pelas 17 mensagens que Bobby Sands escreveu durante os primeiros dias da greve de fome, entre o 1 e o 17 de março de 1981, e que conseguiu passar fora da prisão. Assinou-nas todas com o pseudónimo de Marcella (o nome da sua irmã), o mesmo que figura com os artigos que publicara no *An Phoblacht/Republican News*.
- 37 O 27 de outubro de 1980 começou a primeira greve de fome dos Módulos H. Sete presos começaram este primeiro protesto, ao qual depois se uniram três presas do cárcere de Armagh e outros 30 prisioneiros de Long Kesh. Após vários encontros frustrados com os presos para procurar negociar, o governo britânico, acurrado pelas muitas provas de apoio dentro da Irlanda e em todo o mundo, busca uma saída para a greve. O secretário de estado para a Irlanda do Norte, Humphrey Atkins, lê no Parlamento um documento onde o governo pede aos presos que abandonem a greve, aduzindo que se o fizerem, «as condições que lhes concederemos responderão de um ponto de vista prático e humanitário ao tipo de demandas que eles nos fazem». Os grevistas interpretam isto como uma concessão do governo e abandonam a greve no momento em que um deles, Seán McKenna, está gravemente enfermo e já recebeu a extrema unção. Depois disso o governo britânico retrata-se por boca de Humphrey Atkins, que nega que o documento se referisse às demandas dos presos.

(Calamati, Silvia, das notas de *Um Giorno della Mia Vita. L'Inferno delle carcere e la tragedia dell'Irlanda in lotta*, Feltrinelli, Milano, 1996, pp. 96-97)

- 38 No momento da greve de fome havia 30 presas republicanas na prisom de mulheres de Armagh. Do mesmo jeito que acontecia em Long Kesh, as funcionárias da prisom de Armagh utilizavam métodos violentos e humilhantes para submeterem as presas, sendo tristemente famosas as *strip-search* (exploração vaginal e anal das internas aducindo motivos de segurança). Todas as presas maiores de 15 anos eram submetidas a estas explorações, incluídas as mulheres idosas, as grávidas e as que estavam a menstruar. As que se negavam sofriam malheiras e castigos. Segundo Ivor Brown, do Departamento de Psiquiatria do University College Dublin, «durante umha *strip-search*, o estado psicológico e emocional de umha mulher é semelhante ao experimentado durante umha violação». Em 1985 o Parlamento Europeu condenou esta prática, que viola o artigo 5 da Carta Europeia dos Direitos Humanos.

(Calamati, Silvia, *Mi chiamo Karen. Vi racconto come mi hanno torturata*, «Avenimenti» nº 19, 6 de maio de 1992, pp. 94-96)

- 39 Constance Gore Booth (Conde Markievicz) nasceu em Londres em 1868, mas criou-se na casa dos seus pais em Lissadel, no condado de Sligo. Casou com o conde polonês Cassimir Dunin-Markievicz. Foi conhecida polo seu ativismo na *Gaelic League* (Liga Gaélica) e no movimento cultural conhecido como *Irish Literary Revival* (Resurgimento Irlandês), do que também fijo parte o seu amigo W.B. Yeats. No 1906, afiliou-se ao Sinn Féin e três anos depois fundou o *Na Fianna Eireann*, a organização juvenil da *Irish Republican Brotherhood*, aos que treinou no uso das armas. Também fijo parte da *Irish Citizen Army* de James Connolly. Durante a Revolta da Páscoa de 1916 comandou os insurgentes no Colégio de Cirurgiaos de Dublin junto com o comandante Michael Mallin.

Foi condenada a morte após a insurreiçom, mas finalmente o governo britânico comutou a pena por umha de prisom por medo a incitar um protesto internacional. Foi enclausurada na prisom de Kilmainham (Dublin) e posteriormente num cárcere inglês. Converteu-se ao catolicismo após a amnistia geral de 1917 e foi capturada outra vez no 1918. Durante as eleiçom que se celebrárom esse mesmo ano (as últimas celebradas no conjunto do território irlandês) foi a primeira mulher eleita para a Câmara dos Comuns inglesa. O mesmo que outros republicanos, rejeitou sentar no Parlamento de Westminster. Em 1919, antes de os Ingleses terem ilegalizado o Sinn Féin e o Dail Éireann (Parlamento Irlandês), foi nomeada Ministra de Trabalho. Luitou na Guerra da Independência (1919—1921), opondo-se ao Tratado de 1921, que dividia o país.

- 40 Ann Devlin nasceu em 1781 em Aughrim, condado de Wicklow. Junto do seu irmao Arthur morou em Dublin na casa de Robert Emmet (vid. nota 68). Um grupo de soldados que buscavam Emmet, fugida, arrestárom-na à porta da casa, dérom-lhe um brutal espancamento e estivérom prestes a enforcá-la. Fechárom-na na prisom de Kilmainham (Dublin) e oferecêrom-lhe 500 libras em troca de delatar Emmet. Ao se negar, os Ingleses começárom a perseguir também a sua família e à volta de uns meses eram 21 os parentes dela em prisom. Passou três anos em Kilmainham, a maior parte deles em isolamento. Saiu da prisom com 25 anos, mas com o corpo muito deteriorado devido às torturas e o trato inumano. Morreu em 1851, em condições de extrema pobreza.
- 41 MaryAnn McCracken (1770-1866) era irmá de Henry Joe McCracken, um dos *United Irishmen* que no 1798 se alçárom contra os Ingleses no Ulster e noutras zonas da Irlanda.
- 42 Mary MacSwiney nasceu na Inglaterra em 1872, mas criou-se em Cork e ali trabalhou como mestra. Pertencente à *Gaelic League*, es-

tivo em prisom após a Revolta da Páscoa de 1916. Depois da morte do seu irmão Terence, presidente da Câmara de Cork, representou a sua cidade no Dáil Éireann. Participou ativamente na Guerra Civil (1922 -1923) e sempre mostrou a sua oposição ao Tratado de 1921, o que lhe valeu a prisom em várias ocasiões.

- 43 Betsy Gray (1780—1798) nasceu em Gransha, condado de Down. Alistou-se junto ao seu irmão e o seu homem nos *United Irishmen*. Contam que, durante as semanas prévias à insurreiçom de junho de 1798, percorreu a cavalo todo o condado de Down para se assegurar de que os ferreiros do condado forjassem a tempo as armas que se haviam de usar na revolta. O 13 de junho de 1798 16.000 soldados da Sua Majestade atacárom a cidade de Ballinahinch para sufocar a revolta. Depois de umha dura batalha, os Ingleses conseguírom dar morte aos *United Irishmen* que ali luitavam. Betsy Gray tinha só 18 anos.
- 44 Companheiras republicanas de Sands, membros da *Cumann na mBan* (A Liga das Mulheres, integrada nos Voluntários). As três morrêrom quando as bombas que colocavam explodírom acidentalmente: Ann Parker em 1972, aos 18 anos; Laura Crawford em 1975, aos 25 anos e Rosemary Bleakly em 1976, com 19 anos.
- 45 Malachy Carey, de Ballymena.
- 46 Edward Daly era bispo de Derry na época do internamento e as greves de fome. Participara ativamente nos protestos organizados polo Movimento polos Direitos Civis na Irlanda do Norte (*Northern Ireland Civil Rights Association*) e mesmo ajudara a evacuar os feridos do *Bloody Sunday* (vid. Nota 47). As declaraçoms às que Sands fai referência, realizadas nesse mesmo domingo, condenavam a greve de fome por nom ser «moralmente justificável».

- 47 Conhecido como *Bloody Sunday* ou *Domhnach na Fô-la*, o assassinio de 14 civis desarmados a maos do corpo de paraquedistas do Exército Britânico, durante umha manifestaçom convocada polo Movimento polos Direitos Civis em Derry em janeiro de 1972.
- 48 Em julho de 1978, o arcebispo Tomás O’Fiaich atingiu umha permissom do governo britânico para visitar os Módulos H. O que ali encontrou impressionou-lhe tanto que o descreveu com estas palavras:
- «Difícilmente alguém deixaria viver um animal, já nom digamos um ser humano, nessas condiçoms. A imagem que mais se achega ao que vim ali é a dos centos de esfarrapados que vivem nos sumidouros de Calcutá».
- («Health on the Blanket», *Republican News*, 25 de fevereiro de 1978, p. 5)
- 49 Tomboy Loudon, um dos participantes na greve de higiene. Nos primeiros 70 fora companheiro de Bobby Sands quando ainda estavam nas «gaiolas» de Long Kesh com status de presos políticos.
- 50 Seanna Walsh, outro companheiro da greve de higiene.
- 51 James Connolly (1868-1916) está considerado o pai do socialismo irlandês. Marxista convencido, em 1896 fundou o *Irish Socialist Republican Party*. Emigrou aos EUA e entre 1903 e 1910 trabalhou para a *IWW (Industrial Workers of the World)*. De volta na Irlanda, fundou em Belfast o sindicato *Irish Transport and General Workers’ Union (ITGWU)*. Após constituir a *Irish Citizen Army*, a milícia popular irlandesa, tomou parte na Revolta da Páscoa e foi um dos assinantes da Declaraçom de Independência, proclamada polo governo provisório da Irlanda Livre. Ferido e capturado durante a Revolta, os Ingleses fuzilárom-no o 12 de maio de 1916, no cárcere de Kilmainham (Dublin).

- 52 Umha das três companheiras do cárcere de Armagh que o primeiro de dezembro de 1980 se uniram à greve de fome começada polos presos de Long Kesh em outubro do mesmo ano.
- 53 No original *bog-rolled blow*, os cigarros que faziam os presos com os restos do tabaco que lhes passavam nas visitas enrolado em papel higiênico.
- 54 Em gaélico: Agora os companheiros rezam o rosário duas vezes ao dia. Nom tenho mais nada a dizer. Isso é todo.
- 55 Charles Haughey, do Fianna Fáil, era o *Taoiseach* (Primeiro Ministro) da República da Irlanda na época da greve de fome de 1981.
- 56 Humphrey Atkins, secretário de estado para a Irlanda do Norte na época da greve de fome. No discurso ao que fai referência Sands, Atkins reafirmou-se na posição intransigente do Governo Britânico, negando aos presos republicanos a condição de presos políticos mais umha vez.
- 57 Locução que em gaélico demonstra surpresa e escárnio.
- 58 Introdução do conto *O homem que foi*, de Rudyard Kipling, contido no seu livro de relatos *Life's Handicap: Being Stories of Mine Own People*.
- 59 Jennifer McCann, vizinha do bairro de Twinbrook, como Bobby. Quando só tinha 20 anos foi arrestada por disparar a um agente da RUC (*Royal Ulster Constabulary*), a polícia da Irlanda do Norte, e condenada a 20 anos. Saiu da prisom depois de cumprir um pouco mais de dez anos e desde 2007 é um membro eleito do Sinn Féin na Assembleia da Irlanda do Norte.

- 60 O filho e o sobrinho de Bobby, respetivamente.
- 61 Nascido em 1858 na Inglaterra de pais irlandeses, Thomas Clarke passou a sua infância na África do Sul e foi viver a Irlanda com 10 anos. Ainda novo emigrou aos EUA, onde ingressou no *Clan na Gael*, umha associação de americanos de origem irlandesa vinculada aos fenianos. Após ser capturado em 1883 durante umha missom feniana na Inglaterra, passou 16 anos num cárcere inglês, experiência que relata no seu livro *Glimpses of an Irish Felon's Prison Life* («Retalhos da vida de um convicto irlandês na cadeia»). De volta a Irlanda, com a saúde muito deteriorada, começou organizar a *Irish Republican Brotherhood*, a secção irlandesa dos fenianos. Por ser o líder mais velho da Revolta da Páscoa, os seus companheiros concedêrom-lhe a honra de ser o primeiro em assinar a Declaração de Independência e depois do fracasso da insurreiçom, os Ingleses concedêrom-lhe a duvidosa honra de ser o primeiro em ser fuzilado, o 3 de maio de 1916, na prisom de Kilmainham.
- 62 Terence Mac Swiney foi um escritor, poeta e jornalista irlandês, e um dos fundadores dos *Irish Volunteers* que durante a Revolta da Páscoa se fusionárom com a *Irish Citizen Army* dando lugar ao IRA, o Exército Republicano Irlandês. Foi arrestado em 1920, quando era presidente da Câmara de Cork. Morreu o 25 de outubro do mesmo ano na prisom de Brixton, em Londres, depois de umha greve de fome que durou 74 dias.
- 63 Frank Stagg era um preso republicano que em meados dos 70 luitou pola sua transferência a um cárcere irlandês. Após ter passado por várias cadeias, morreu o 12 de fevereiro de 1976 na prisom inglesa de Wakefield, depois de umha greve de fome de 62 dias.
- 64 Michael Gaughan era companheiro de Frank Stagg, no cárcere de Parkhurst. O 31 de março de 1974 iniciou umha greve de fome e 22

dias mais tarde foi submetido à alimentação forçosa, apesar de que rejeitou a assistência médica. Morreu o 3 de junho, após 65 dias de greve de fome. Como no caso de Thomas Ashe (vid. nota 65), a comida administrada pola força obstruiu-lhe os pulmões.

- 65 Thomas Ashe foi um escritor, professor e membro da *Gaelic League* que comandou os Voluntários durante a Revolta da Páscoa de 1916. Foi capturado polos Ingleses e condenado a morte por um tribunal militar, mas a sua pena foi finalmente comutada por cadeia perpétua por nom ter sido julgado com todas as garantias processuais. Libertado na amnistia geral de 1917, foi arrestado outra vez algum tempo depois, enquanto dava um discurso em Ballinalee. Acusado de sedição, com o testemunho oral de um polícia como prova, foi condenado a dous anos e enclausurado na prisom de Mountjoy (Dublin). Junto com outros prisioneiros começou umha greve de fome para obter o status de presos políticos. Depois de seis dias de greve, os guardas atárom-no a umha cadeira e submetêrom-no a umha alimentação forçosa à base de leite e ovos, introduzidos no seu estômago por meio de umha sonda de borracha. Pouco depois tivérom que o transferir ao hospital, onde finou o 25 de setembro de 1917: a comida rematara alojando-se nos seus pulmões. Converteu-se deste modo no primeiro preso republicano irlandês morto em prisom por umha greve de fome.
- 66 Chefe do IRA a começos dos 40, Seán McCaughey foi condenado a pena de morte, comutada depois por cadeia perpétua. Em 1941 foi encerrado no cárcere de Portlaoise, onde se negou a vestir o uniforme da prisom. Durante cinco anos permaneceu despido em isolamento, com só um cobertor para se cobrir e sem poder receber visitas. O 19 de abril começou umha greve de fome, recusando também os líquidos. Morreu 23 dias depois. No curso da investigação para esclarecer as causas da sua morte, o médico do cárcere de Portlaoise declarou que nom ousaria obrigar um animal a viver nas condições em que vivera McCaughey aqueles anos.

- 67 Theobald Wolfe Tone (vid. nota 11)
- 68 Robert Emmet foi o artífice da fracassada tentativa de rebelião contra os Ingleses que teve lugar em Dublin a noite de 23 de julho de 1803. Irmão mais novo de um dos líderes dos *United Irishmen*, Emmet comandou um grupo de insurgentes para atacar o Castelo de Dublin, mas os seus planos falharam e foi capturado tempo depois. Durante o seu julgamento, Emmet fez um afervorado discurso defendendo os nobres ideais do povo irlandês e ordenou que o seu nome fosse gravado na sua lápide até que a Irlanda fosse uma nação independente: «Quando o meu país tenha o seu posto entre as nações da terra, daquela e só daquela escreveredes o meu epitáfio». Foi enforcado o 20 de setembro de 1803, aos 25 anos. Hoje em dia há uma tumba no cemitério da igreja de Saint Michan (Dublin) que se identifica com a de Emmet. A lápide não tem inscrição nenhuma.
- 69 Pedagogo, poeta e membro da *Irish Republican Brotherhood*, Pádraig Pearse foi um dos líderes da Revolta da Páscoa. Assinou a Declaração de Independência e foi ele quem a leu aos dublinenses no exterior da GPO (o edifício de correios) onde pouco depois começou a Revolta. Foi nomeado presidente do governo provisório constituído durante a insurreição e foi fuzilado pelos Ingleses o 3 de maio de 1916 no cárcere de Kilmainham junto com Thomas Clarke e Thomas MacDonagh. Os escritos de Pearse e o seu ideal de uma Irlanda «unida, gaélica e livre» tiveram grande influência no pensamento do Movimento Republicano.
- 70 Nascido em Manchester em 1892, Liam Mellows comandou as forças republicanas em Galway durante a Revolta da Páscoa. Foi membro do Dáil Éireann, o primeiro parlamento irlandês independente (1919). Fuzilado em 1922 sem julgamento, foi um dos 77 republicanos que durante a Guerra Civil (1922-1923) foram mortos pelos que apoiavam o Tratado para a divisão da Irlanda.

- 71 Em gaélico: boa noite.
- 72 *An Phoblacht/Republican News*, 28 de fevereiro de 1981.
- 73 Jennifer McCann (vid. nota 59). Após escutar o seu sentença, declarou: «Som umha prisioneira de guerra republicana e neste momento o meu camarada Bobby Sands está em greve de fome para defender os meus direitos como prisioneira política».
- 74 Em gaélico: por enquanto, boa noite!
- 75 Em gaélico: devo já ir embora, porque estou canso.
- 76 Francis Hughes, de 25 anos, havia de morrer após 59 dias de greve de fome, o 12 de maio de 1981, só umha semana depois que Sands. Durante o seu funeral, a polícia atacou a comitiva para impedir que entrassem no bairro de Belfast Oeste, ferindo o pai de Hughes. Recolhido em *An Phoblacht/Republican News*, 16 de maio de 1981.
- 77 Os presos republicanos do cárcere de Portlaoise na República da Irlanda.
- 78 Um dos grevistas que o 27 de outubro de 1980 começaram umha greve de fome que foi depois abortada quando o governo britânico prometeu aceder às suas demandas, facto que nunca aconteceu. Em dezembro de 1980 McKenna esteve a ponto de morrer quando se agravárom de súpeto as suas precárias condições de saúde.
- 79 Em gaélico: Esta manhã acordei com o som dos pardaís e o primeiro que pensei foi: começou um novo dia, Bobby, e isso lembrou-me umha cançom que escrevim há algum tempo. Di assim:
Hoje despertei quando chegou o carcereiro, / Bateu à minha porta com força, sem dizer nada. / Fitei as paredes e sentim-me morrer. /

Seica este inferno nom vai acabar. / Abrirom e fechárom a porta sem cuidado, / mas nom importava porque ninguém dormia. / Escutei um pássaro e ainda nom amanhecera, / oxalá estivesse já baixo terra. / Onde estám os meus pensamentos de dias passados? / Onde a vida que antes pensei que existia? / Ninguém escuita os meus berros nem vê as minhas lágrimas. / Quando chegou o nosso dia vam pagar por todo.

Canto com a música de *Siun Ní Dhuibir*.

Hoje cantavam os pássaros. Um dos companheiros botava-lhes pam pola janela. Polo menos que alguém coma!

Esta noite sentim-me só ao escuitar o grasnido dos corvos enquanto voltavam à casa. Se puder escuitar a fermosa cotovia, alegraria-me o coração. Enquanto escrevo estas linhas os maçaricos cantam queixosos ao sobrevoarem o pátio. Gosto dos pássaros.

Vou-no deixar aqui, porque se continuo a escrever sobre pássaros vam-me anegar as lágrimas pensando na minha mocidade.

Fôrom tempos felizes e fôrom-se para sempre, mas podem desfrutar deles e levo-os no meu coração. Agora, boa noite.

80 Pseudónimo do membro do Sinn Féin que fazia de enlace entre Sands e o Movimento Republicano no exterior.

81 Em gaélico: meus amigos.

82 Em espanhol no original.

83 Algum dia venceremos. Vivam os Provos! (os voluntários do IRA Provisional)

84 Sands fai referênciã à inspeçom anal que tinha lugar com o preso totalmente despido e dobrado tocando as pontas dos pés acima de um espelho situado no chao.

- 85 Danny Morrison, membro do Sinn Féin. Foi encarcerado sem julgamento no 72, durante o internamento. Na época da greve de fome era diretor do semanário republicano *An Phoblacht/Republican News* (1979-1982), jogando um importante papel como apoio dos presos políticos. Em 1982 foi um dos cinco membros do Sinn Féin eleitos para a Assembleia da Irlanda do Norte (parlamento autonómico). Foi arrestado em 1990 e passou 4 anos em Long Kesh. Publicou vários romances sobre a luita republicana na Irlanda e é editor do livro de ensaios *Hunger Strike — Reflections on the 1981 Republican Hunger Strike* (Dingle, Brandon Books, 2006).
- 86 Um dos membros fundadores do *Social Democratic and Labour Party* (SDLP) no 1970. Entre 1969 e 1972 foi deputado no Parlamento Norte-irlandês de Stormont pola região de Falls, Belfast. Expulsado do partido em 1977, o ano seguinte fijo parte do grupo fundador do *United Labour Party*. Durante a greve de fome, era representante do sindicato *Irish Transport and General Workers Union*, fundado por Connolly a princípios de século.
- 87 Hoje é Sam Patrício e, para variar, nom aconteceu nada interessante. Fum à missa, cortárom-me o cabelo mais e muito melhor. Nom conhecia o padre que oficiou hoje.
- Os zeladores estavam a repartir a comida à volta da missa. Tentárom dar-me um prato. Pugérom-mo diante da cara mas continuei adiante como se nada.
- Chegárom-me um par de jornais e, para variar, hoje vinha o *Irish News*. De todos os jeitos, os companheiros também me contam o que está a suceder fora.
- Esta manhã véu um dos médicos, que me atendeu de má maneira. Nom podo com ele. Peso 57,70 e nom tenho queixa. Também véu um dos funcionários. Dixo-me: «vejo que estás a ler um relato breve. Está bem, para que che dê tempo a rematá-lo».

Som todos dessa laia. Má chispa os confunda! Nom me importo; hoje foi um dia muito longo.

Estivem a pensar na greve de fome. A gente fala muito do corpo, mas nom tem ideia. Eu penso nela como umha luta. Ao primeiro, o corpo nom aceita a falta de alimento e sofre pola tentaçom da comida e por outros fatores que o atormentam constantemente.

Logicamente o corpo reage contra isto, mas afinal todo volta à consideraçom primária, isto é, a mente.

O mais importante é a mente. E quais som os alicerces da mente para aturar isto? Certamente, um é o anseio de liberdade, mas nom estou certo de que seja só isso.

Se eles nom som quem de destruir essa arela de liberdade, nom te destroem a ti. Nom podem comigo porque levo no coraçom o desejo de liberdade e a liberdade do povo irlandês. Chegará um dia em que todos os Irlandeses e as Irlandesas tenham esse anseio e luitem por ele.

E será entom quando vejamos alçar-se a lua.

(De acordo com David Beresford —vid. nota 7—, esta última frase é umha cita do famoso poema escrito polo feniano John Casey para comemorar o Levantamento de 1798. John Casey morreu em 1879 aos 24 anos, com a saúde quebrada polo trato que recebera em prisom).



*No 30 aniversário
da morte de Bobby Sands,
Estaleiro Editora dedica este livro a
todas as pessoas presas.*



BOBBY SANDS morreu em 5 de maio de 1981, depois de 66 dias de greve de fome. Tinha 27 anos. Mais de cem mil pessoas acudírom ao seu enterro.

Um dia da minha vida foi escrito em papel higiênico e com umha recarga de tinta que o autor escondia dentro do seu próprio corpo. Este texto mostra a crueza da vida quotidiana padecida polas presas e presos políticos irlandeses e a luita por vencerem a tentativa de criminalizaçom do governo de Margaret Thatcher. Sands descreve as condiçoms de vida nos Módulos H da prisom de Long Kesh de um modo tam simples e cru que se torna estarrecedor: viver entre excrementos e comida podre, dormir despido numha cela gélida e sofrer torturas e vexaçoms diárias. Este livro inclui o *Diário* que Sands escreveu durante os primeiros dezessete dias daquela greve de fome.

Estas páginas som testemunho da sua coragem e da indomável determinaçom do povo irlandês por atingir a liberdade.